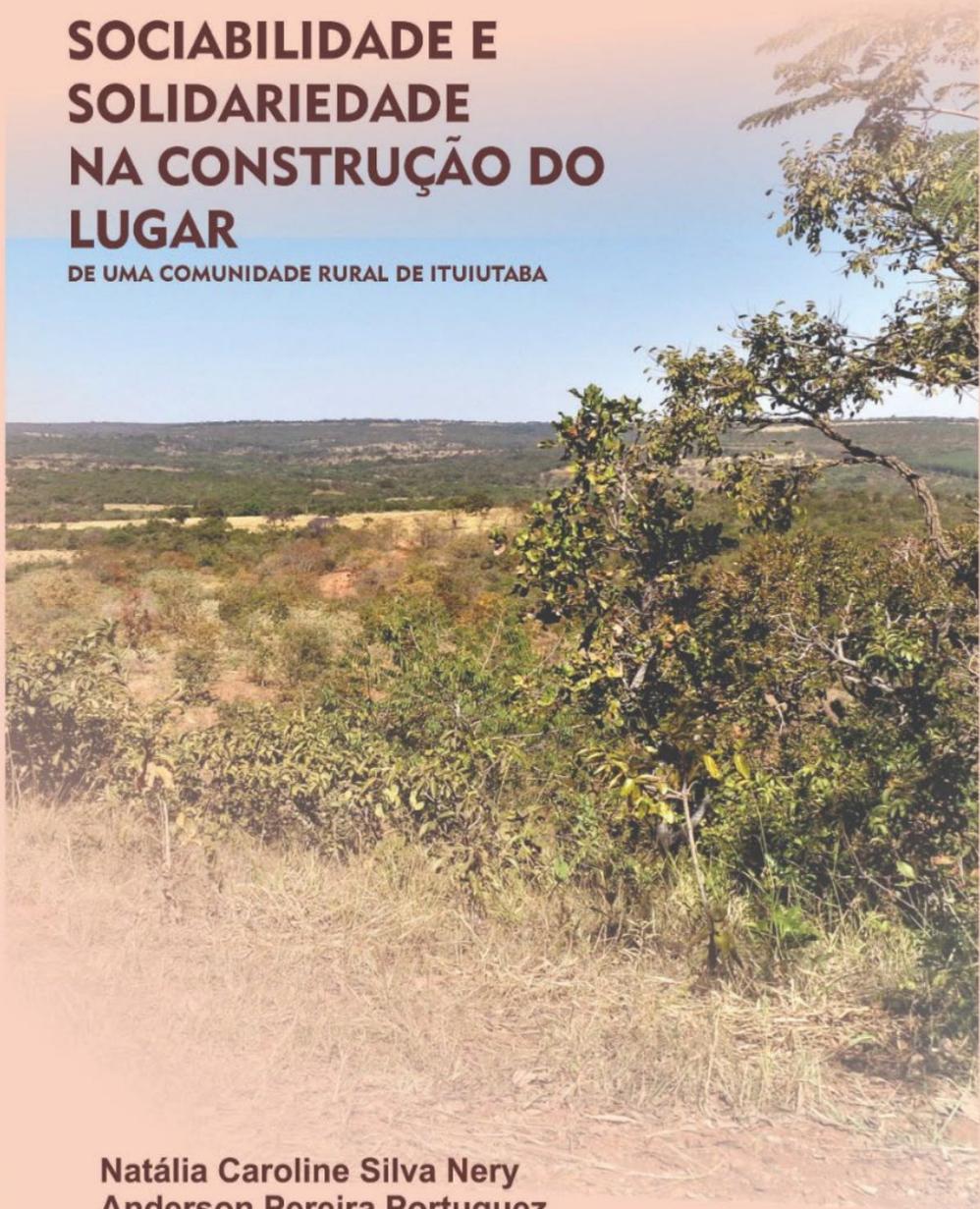


SOCIABILIDADE E SOLIDARIEDADE NA CONSTRUÇÃO DO LUGAR

DE UMA COMUNIDADE RURAL DE ITUIUTABA



**Natália Caroline Silva Nery
Anderson Pereira Portugal**

**Natália Caroline Silva Nery
Anderson Pereira Portuguez**

**SOCIABILIDADE E SOLIDARIEDADE NA
CONSTRUÇÃO DO LUGAR
DE UMA COMUNIDADE RURAL DE ITUIUTABA**

Ituiutaba, MG

2024



© Natália Caroline Silva Nery / Anderson Pereira Portuguese, 2024.

Editor da obra: Mical de Melo Marcelino.

Arte da capa: Anderson Pereira Portuguese.

Diagramação: Equipe Barlavento de diagramação e ilustração.

Conselho Editorial – Grupo Geografia e Meio Ambiente

Editora-chefe: Mical de Melo Marcelino

Pareceristas brasileiros

Dr. Rosselvelt José Santos

Dr. Giovanni F. Seabra

Dr. Leonardo Pedroso

Dr. Jean Carlos Vieira Santos

Profª. Claudia Neu

Dr. Antonio de Oliveira Jr.

Pareceristas internacionais

Dr. José Carpio Martin - Espanha

Dr. - Ernesto Jorge Macaringue - Marrocos

Msc. Mohamed Moudjabatou Moussa -
Benin

Msc. Diamiry Cabrera Nazco - Cuba

Dra. Suel Noemi Alejandre Jimenez - Cuba

Todas as obras da Editora Barlavento são submetidas a pelo menos dois avaliadores do Conselho Editorial.

Todos os direitos desta edição foram reservados aos autores, organizadores e editores. É expressamente proibida a reprodução desta obra para qualquer fim e por qualquer meio sem a devida autorização da Editora Barlavento. Fica permitida a livre distribuição da publicação, bem como sua utilização como fonte de pesquisa, desde que respeitadas as normas da ABNT para citações e referências.

Editora Barlavento

CNPJ: 19614993000110

Prefixo editorial: 87563/ Braço editorial da Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Àse Babá Olorigin.

Rua das Orquídeas, 399, Residencial Cidade Jardim, CEP 38.307-854, Ituiutaba, MG.
barlavento.editora@gmail.com



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nery, Natália Caroline Silva

Sociabilidade e solidariedade na construção do lugar [livro eletrônico] : de uma comunidade rural de Ituiutaba / Natália Caroline Silva Nery, Anderson Pereira Portuguese. -- Ituiutaba, MG : Editora Barlavento, 2023. -- (Coleção geografia e meio ambiente)

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-87563-45-9

1. Comunidade rural 2. Geografia humana
3. Ituiutaba (MG) - Aspectos sociais 4. Pesquisa de campo I. Portuguese, Anderson Pereira. II. Título. III. Série.

23-185981

CDD-910

Índices para catálogo sistemático:

1. Geografia 910

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

DOI 10.54400/978-65-87563-45-9

Obra publicada em 23 de maio de 2024

AGRADECIMENTOS AOS APOIADORES



**Universidade Federal de Uberlândia –
Campus Pontal**



Instituto de Ciências Humanas do Pontal



**Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
- UFU**



**Programa de Pós-Graduação em
Geografia do Pontal – ICHPO/UFU**



Editora Barlavento

REALIZAÇÃO



Grupo de Estudos e Pesquisas sobre
**CULTURA, DESCOLONIALIDADE
E TERRITÓRIO**
CNPq/UFU

SUMÁRIO

Introdução	11
Procedimentos metodológicos	21
O espaço como conceito e como categoria de análise da geografia cultural-humanística	29
O espaço rural e suas perspectivas conceituais	36
O espaço rural no Triângulo Mineiro, em Ituiutaba e na comunidade do Córrego Santa Rita	49
A sociabilidade, suas dimensões de análise e seu papel na produção do lugar	65
O conceito de lugar	65
A concepção Marxista de lugar de Ana Fani Carlos	66
A concepção humanística de lugar de Yi-Fu Tuan	69

A Solidariedade como conceito, princípio e a pluralidade das relações solidárias	73
A solidariedade rural e as relações solidárias na comunidade do Córrego Santa Rita	76
O conceito de sociabilidade.....	92
Os espaços do convívio familiar	100
Comunidades e as relações de sociabilidade no espaço rural	110
O projeto da cozinha comunitária, a expansão do barracão e o sonho do “Doce Santa Rita”	125
O trabalho como categoria da sociabilidade no espaço rural	131
O Lazer e sua importância nas relações sociais	154
A importância do futebol para a comunidade do Córrego Santa Rita	162
A vida da comunidade Santa Rita e as relações de sociabilidade do local	167
A cachacinha do dia-a-dia	171
O lazer na natureza	172

As festividades rurais	176
A manifestação da fé e da religiosidade no meio rural	183
O Terço de Santa Rita de Cássia	199
A festa do dia de Santa Rita	200
As novenas de Natal	202
O Domingo de Ramos	203
A fogueira de São João	204
A Folia de Reis	205
Sociabilidade do consumo e a relação campo-cidade a comunidade do Córrego Santa Rita	210
Considerações finais	216
Referências	221
Sobre a autora e o autor	235

INTRODUÇÃO

A partir da década de 1960 ocorreu uma profunda revolução cultural produzida principalmente pelos movimentos sociais pós-Segunda Guerra Mundial. O pensamento crítico estava em destaque, opondo-se às abordagens positivistas e neopositivistas nas ciências e, inclusive, nos estudos geográficos. Este momento histórico deu ensejo para o surgimento de novas Geografias preocupadas não só com questões materiais (desenvolvimento/subdesenvolvimento, desigualdades sociais, direitos humanos, democracia, capitalismo/socialismo e outros temas), mas também a subjetividade das sociedades (culturas, expressões artísticas, modos de (con) viver em sociedade, sociabilidade, solidariedade e outros temas).

Ou seja, pensar não só no espaço geográfico em si, mas também levar em consideração as questões imateriais que influenciam na produção do espaço. As experiências provenientes de períodos conturbados, como por exemplo: a Guerra-Fria (e o medo de uma nova guerra), as catástrofes ambientais e outros exemplos de calamidades, também abrangem questões subjetivas capazes de transformar e modificar o espaço, que é vívido e dinâmico e que é produzido por meio de relações sociais movidas por múltiplos interesses e camadas de densidades, o que também inclui percepções, interpretações, sentimentos, emoções, instintos, impulsos, obsessões, medos, desejos, angústias, esperanças e outros.

Essas questões, quando abordadas desde o prisma do humanismo, pautam seus estudos de forma que levam em consideração a subjetividade dos grupos sociais pesquisados. O pensamento humanístico é estudado por várias ciências e a Geografia passou a integrar este paradigma a partir da década de 1960. Segundo Tuan (1982), a Geografia Humanística procura entender o mundo por meio dos estudos das relações das pessoas com o meio natural, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e pensamentos a respeito dos espaços e dos lugares.

Para Diniz Filho (2012), a Geografia Humanística compõe um horizonte da ciência geográfica assim como a Geografia Crítica. Porém, esse horizonte seria interpretativo dos significados e dos valores ligados às filosofias do campo imaterial e, em especial, à fenomenologia.

Ainda para Diniz Filho (2012), a fenomenologia é um paradigma filosófico que lança luz sobre a experiência que a consciência tem do mundo. Dedicase a analisar a relação entre a consciência do saber humano e o mundo exterior a ela. Desta maneira, o principal objetivo da fenomenologia é entender e descrever os fenômenos enquanto experiência consciente. Para tanto, o pesquisador deve despir-se de preconceitos, de pressuposições, de correlações de causalidades e modelos analíticos fechados. É um tipo de análise científica que busca compreender melhor as estruturas da experiência individual e coletiva e da intencionalidade humana na produção do mundo vivido.

A geografia humanística nem sempre considerou a subjetividade da mesma forma em suas abordagens. Foi com o seu aprimoramento técnico-conceitual que ela passou a dar mais ênfase aos aspectos imateriais da cultura e da sociedade, o que

exigiu novas interpretações ao trabalhar com essas variáveis e ao reinterpretar as tradicionais categorias de análise da Geografia: espaço, região, território, paisagem e lugar.

Essas novas interpretações da vertente humanística podem ser lidas nas obras de Yi-Fu-Tuan. O autor propôs importantes conceitos que podem ser utilizados pela ciência geográfica em estudos que consideram as perspectivas imateriais. Essas, para o autor, estão atreladas principalmente ao conceito de lugar. A Geografia Humanística, por sua vez, influenciou fortemente a renovação da Geografia Cultural, que desde a década de 1960 vem apresentando estudos transversais, que abordam fenômenos sociais com conceitos e metodologias fenomenológicas, existencialistas¹ e culturalistas.

A Geografia Cultural passou por várias fases e contou com a contribuição de importantes autores. A princípio, os primeiros estudos que consideraram a Geografia Cultural iniciaram-se no século XIX, com as suas primeiras obras baseadas no possibilismo descritivista de La Blache. Nessa concepção La Blache se contrapôs à ideia determinista de Ratzel, com a teoria do possibilismo, que pode ser entendido como a capacidade do ser humano de se adaptar ao meio por meio do desenvolvimento das técnicas. Ou seja, o homem não é produto do meio, ele é dotado de várias possibilidades de adaptação, nesse sentido, a cultura seria o elemento mediador das relações dos grupos humanos com o meio que ocupam.

¹ O Existencialismo é uma forma de pensar a produção científica e filosófica que explora o problema da existência humana e se concentra na experiência vivida, dos indivíduos (pensamento, sentimento e ação). Os geógrafos existencialistas estudam os fenômenos geográficos levando em consideração os significados, os propósitos e os valores da existência humana.

La Blache, teve seu importante papel nessa perspectiva, apesar da fase positivista em que a ciência geográfica vivia na época. O mesmo criou o conceito *gênero de vida* que trazia elementos da Geografia e da História. Porém, vale reforçar que La Blache tinha como intenção destacar os espaços e não o ser humano e sua individualidade. Para ele, a Geografia tinha como preocupação analisar e explicar as relações entre os grupos humanos e os meios que habitavam. É a partir do conceito de *gênero de vida* que a Geografia Cultural passou a ascender e se concretizar enquanto parte da ciência geográfica, dessa forma, surgiu a primeira escola baseada no descritivismo. Entre o final do século XIX e o início do século XX.

O conceito de cultura também passou a ser mais discutido a partir de meados do século XIX, na medida em que pesquisadores das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas passaram a se interessar por temas como a crença, a linguagem, as relações sociais, a religiosidade entre outros aspectos que fazem parte da subjetividade humana. Tais estudos influenciaram os pensadores da Geografia que realizaram os primeiros estudos culturais pós-Lablacheanos. Segundo Claval (1995), apesar dos avanços da Geografia Cultural a partir da década de 1930, os estudos relacionados a essa corrente tiveram uma redução devido à ascensão da Geografia Regional, com destaque principalmente para os estudos regionais realizados na França.

A partir da década de 1960 a Geografia atrelou-se a uma necessidade de renovação muito influenciada não só por meio dos autores da então nova Geografia Crítica, mas também devido ao momento histórico que se evidenciou no mundo Segundo Claval (1995) A década de 1960 marcou ainda o período da *revolução cultural* promovida principalmente pelos movimentos sociais pós Segunda Guerra mundial. (Movimentos negro, gay, feminista, da

contracultura jovem, entre outros). Esse momento histórico deu ensejo para pensar não só a materialidade do espaço geográfico em si, mas também aos grandes dilemas que a sociedade urbano-industrial vivenciava naquele momento.

A Geografia Cultural não é necessariamente um campo, ou um sub-ramo da Geografia Humanística. Porém, não se pode negar que o humanismo influenciou enormemente a Geografia Cultural tanto em seus conceitos, quanto em seus procedimentos metodológicos. Atualmente, outros paradigmas têm ganhado espaço no seio da Geografia Cultural, como é, por exemplo, o discurso da descolonialidade, a sociointeratividade e a crítica neomarxista à pós-modernidade. (PORTUGUEZ, 2021)

Ditas estas considerações iniciais, cumpre-nos esclarecer que esse livro traz um estudo que transita entre a Geografia Humanística e a Geografia Cultural. Ao pensar questões como a sociabilidade (conceito do humanismo), é necessário refletir sobre determinados fenômenos culturais, tais como: religião, festas, lazer, costumes, entre outros. Ao pensar no conceito de solidariedade, que também é caro ao humanismo, a cultura mais uma vez se faz presente, pois não se pode entender as relações sociais e de cooperação sem levar em consideração o todo cultural no qual a comunidade se insere.

O objetivo geral desta pesquisa é compreender a formação de lugares de sociabilidade e solidariedade da população rural residente na comunidade do córrego Santa Rita em Ituiutaba.

Para alcançarmos tal propósito, entendemos que alguns objetivos específicos seriam necessários. Assim, delimitamo-nos da seguinte maneira: A) correlacionar o conceito de lugar no pensamento geográfico em especial na Geografia Humanística e na Geografia Cultural. B) localizar e caracterizar a comunidade

rural do Córrego Santa Rita e seus locais de sociabilidade e solidariedade e, por fim, C) interpretar como esses lugares se formaram a partir de locais de encontro da população rural para fins de sociabilidade e relações solidárias.

A área de estudo escolhida para pesquisa é o município de Ituiutaba - Minas Gerais, que é um dos 66 municípios da Mesorregião Geográfica do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba (Mapa 1). É um dos maiores e mais populosos municípios da região, juntamente com Uberlândia, Uberaba Araguari, Patos de Minas e Patrocínio. Possui uma população estimada de 105.818, segundo o IBGE (2020). Ituiutaba limita-se com os municípios de Gurinhatã, Ipiáçu, Capinópolis, Canápolis, Santa Vitória, Monte Alegre de Minas, Prata e Campina Verde, e ao norte, com o estado de Goiás. Sua economia é movida principalmente pela agropecuária, o que inclui a monocultura produzida por agroindústrias e agricultura familiar.

Segundo Moreira (2005), durante as décadas de 1960-1970, o Brasil apresentou uma estagnação da produção agrícola voltada para o mercado interno, o que causou a escassez de alimentos para a população urbana crescente e comprometeu o setor industrial, que ainda estava em processo de desenvolvimento.

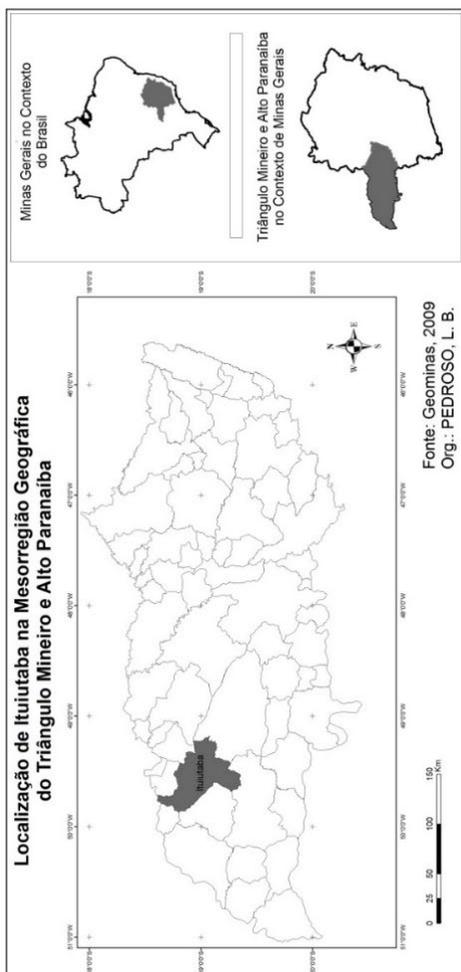
Ainda segundo o autor, para resolver o problema agrícola que afetava a economia, o governo federal buscou alternativas e elaborou um projeto para o campo brasileiro, baseado na modernização da agricultura, o que não incluiu a reforma agrária, mas sim a tecnificação das atividades agrícolas. Como consequência dessas transformações, os pequenos produtores que se dedicavam à agricultura familiar e de subsistência tiveram mudanças significativas no seu modo

de vida², perdendo muitas vezes os hábitos rotineiros que possuíam, (como a intensa convivência em comunidade, o trabalho em família, os eventos religiosos, entre outros.) Os quais foram afetados tanto pelo êxodo rural quanto pela pandemia e pelo avanço do agronegócio. Essas transformações no espaço rural trouxeram novas possibilidades de estudos a serem realizados no Brasil central e mais especificamente em Ituiutaba. (No mapa 1 podemos observar o município de Ituiutaba e a localização da Bacia Hidrográfica do córrego Santa Rita, área eleita para os estudos que pretendemos realizar.

Existem muitas pesquisas em torno da produção agropecuária das comunidades do município, mas as relações culturais, de sociabilidade e solidariedade não foram estudadas de forma aprofundada na comunidade Santa Rita. As comunidades rurais possuem um leque de possibilidades de pesquisa que ocorrem concomitantemente aos processos econômico e de trabalho. A construção desta pesquisa voltada para o estudo das relações imateriais se justifica justamente pela necessidade de análise por essa perspectiva.

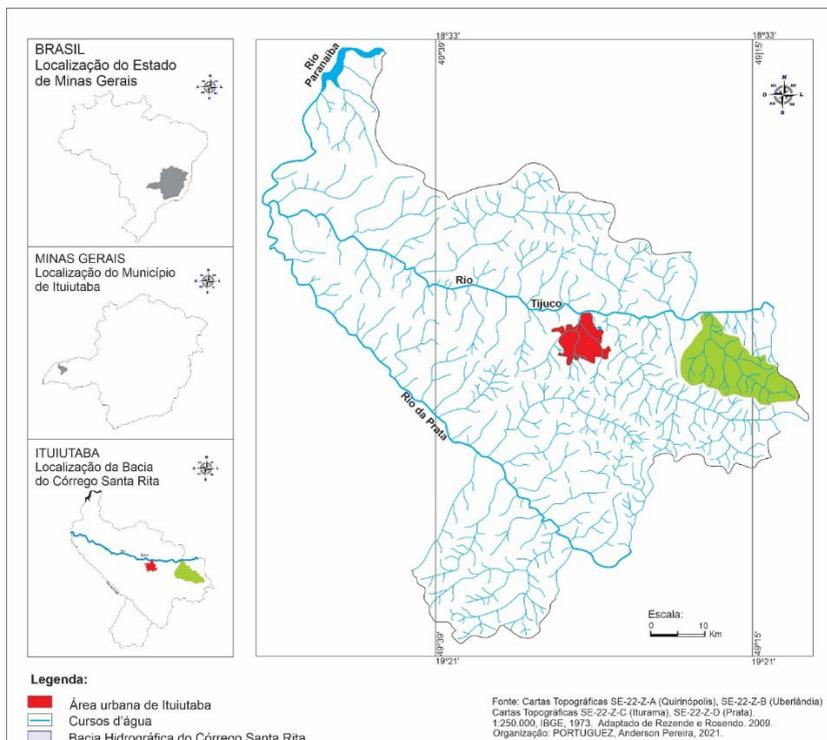
² Segundo Gonçalves (2004) o conceito de modo de vida desdobrou-se em dois aspectos: 1) relativo às condições de vida e 2) relativo ao estilo de vida. Enquanto as condições de vida corresponderiam às determinantes e condicionantes da vida em sociedade, o estilo de vida se daria nas singularidades presentes nas pessoas e em pequenos grupos, abarcando os hábitos, normas e valores expressos pelos indivíduos.

Mapa 1: Ituiutaba (MG): localização do Município, 2020.



Fonte: Disponível em:
<https://sites.google.com/site/gepteedl/exposio-permanente-de-fotografias-areas-oblguas-de-ituiutaba>. Acesso em: 24 jan. 2021.

Mapa 2- Município de Ituiutaba: Localização das Bacia Hidrográfica do Córrego Santa Rita.



Fonte: Cartas Topográficas SE-22-Z-A (Quirinópolis), SE-22-Z-B (Uberlândia). Cartas topográficas SE-22-Z-C (Iturama), SE-22-Z-D (Prata). 1:250.000, IBGE, 1973. Adaptado de Rezende e Rosendo, 2009.

É preciso compreender que a agroindústria sucroalcooleira e a silvicultura de eucaliptos exploram grande parte deste território e, por esse motivo, precisam ter uma parcela de responsabilidade social. Desta forma, com o estudo dessa comunidade será possível oferecer dados e materiais a fim de promover o desenvolvimento local, o que leva em consideração os anseios da comunidade rural. Esse desenvolvimento pode ser propiciado com os investimentos oriundos de políticas sociais do agronegócio.

Na comunidade Rural do Córrego Santa Rita existem alguns exemplos de importantes relações subjetivas e imateriais que podem ser citados, como: laços parentais, relações entre vizinhos, práticas religiosas, relações de trabalho, saberes ligados ao artesanato, práticas de medicina popular, composição e laços de manutenção das famílias, calendários festivos, entre outros exemplos. Tais características se projetam no espaço geográfico e dão identidade aos lugares. Em outras palavras, estamos partindo da ideia de que as relações de sociabilidade e de solidariedade é que produzem a sensação de pertencimento comunitário e são importantes para compreender os lugares em si.

Uma importante inspiração para essa pesquisa foi o trabalho desenvolvido por Souza (2015) que estudou um patrimônio imaterial e as relações socioculturais camponesas na comunidade de Pedra Lisa, município de Quirinópolis Goiás. Esta obra, nos ofereceu as bases teóricas e metodológicas para o estudo que realizamos, pois, o autor pesquisou temas muito semelhantes aos nossos e também se utilizou de referenciais humanísticos e da Geografia Cultural. Com base nessa obra e nos propósitos de nossa pesquisa, podemos agora passar a descrever de forma mais

detalhada a metodologia que foi utilizada para a realização deste estudo.

Procedimentos Metodológicos

A presente pesquisa tem a sua metodologia dividida em três etapas. Na primeira etapa foram realizados os levantamentos bibliográficos para a discussão dos conceitos mais importantes que norteiam o embasamento teórico necessário para a realização da pesquisa. Dentre esses conceitos estão o de sociabilidade, solidariedade, espaço rural, lugar, território entre outros. Para a discussão dos conceitos abordados foram levantados dados em plataformas como a base de dados da UFU Campus Santa Mônica, UFU Campus Pontal, Biblioteca da Instituição Zumbi dos Palmares, Banco de dados da Universidade de São Paulo - Leste do programa de Mestrado em Turismo e Lazer, Departamento de Turismo e Lazer da Pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e acervo privado.

Outro momento importante dessa primeira etapa foi a análise documental necessária para a compreensão de determinadas realidades. Para isso, foram levantadas pesquisas em bancos de dados estatísticos como o IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, além de análises de políticas públicas nos arquivos da Prefeitura Municipal de Ituiutaba, nas Secretarias de Desenvolvimento Econômico e Turismo, Educação, Esporte e Lazer e Fundação Cultural e nos cartórios locais. (Há no museu antropológico de Ituiutaba, um importante acervo de objetos e fotografias que representam muito claramente as tradições culturais e o modo de vida da população rural local, com referências aos primórdios da ocupação da cidade, ao

período áureo da rizicultura, assim como a períodos mais recentes. Visitamos este museu para estabelecer um contato maior com este tipo de acervo e assim compreender o contexto histórico que ele representa.)

Em uma segunda etapa dessa pesquisa foram realizadas as coletas de campo na Bacia Hidrográfica do Córrego Santa Rita cobrindo toda a sua extensão, desde o alto curso até a sua foz. Essas atividades foram realizadas entre os meses de março de abril de 2022. Segundo o mapa das propriedades rurais de Ituiutaba produzido pela ANVAP (2003), essa bacia possui 68 propriedades rurais ao longo de seu território, as quais foram visitadas durante a pesquisa. Durante o trabalho de campo identificamos e conhecemos os lugares onde existem as práticas de socialização e relações solidárias da comunidade, a fim de compreendê-las.

Para tanto, utilizamo-nos de alguns procedimentos metodológico durante o campo. Um deles foi a observação direta que, para Tomita (1999), consiste em levar o pesquisador diretamente ao campo para que possa vivenciá-lo, conhecê-lo com mais profundidade e observar as suas mais variadas dinâmicas. Pode-se tomar como ponto de partida os conhecimentos prévios levantados em referenciais teóricos, mas o pesquisador precisa estar aberto à reinterpretação da realidade caso essa se faça necessária.

Para Matos e Pessoa (2009) a observação pode ser considerada o princípio da realização de um estudo de campo, pois permite ao pesquisador um maior contato com o espaço, com a paisagem e com os sujeitos a serem investigados.

Dessa maneira, cabe aos pesquisadores a tarefa de coleta dados e materiais, entrevista, observação e anotação dos aspectos naturais e culturais, por exemplo. Para esse fim, trabalhamos também com o diário de campo, que segundo Venâncio e Pessoa (2009), é um procedimento metodológico que permite ao pesquisador registrar as suas impressões e intuições em relação à pesquisa que está sendo desenvolvida, de forma a ter anotações que permitam retomar pontos de raciocínio ou relembrar experiências vivenciadas.

O diário de campo permite também registrar o convívio com os entrevistados, facilitando a reconstrução da história nos seus aspectos econômicos, políticos e culturais, possibilita o exercício de memória do pesquisador nas anotações posteriores ao campo, amplia a capacidade de percepção da paisagem, e ajuda a aprofundar o olhar do pesquisador sobre o espaço social e registrar as preocupações e inquietações que surgem no decorrer do trabalho de campo.

Ainda durante o campo, realizamos entrevistas semiestruturadas com os moradores das propriedades, com o intuito de levantar dados necessários ao cumprimento dos objetivos específicos. É importante ressaltar que os moradores da comunidade do córrego Santa Rita foram respeitados no que se refere ao anonimato de suas imagens e identificação pessoal.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas pela própria pesquisadora para evitar o comprometimento da qualidade das entrevistas (indução da resposta) e para possibilitar maior contato e intimidade com os sujeitos sociais do estudo.

[...] Em tal interação linguística, não é possível ignorar o efeito da presença e das situações criadas por uma das partes (o “entrevistador”) sobre a expressão da outra (o “entrevistado”). E mais: há sempre um significado de ação para além do significado temático da conversação. Os atores, principalmente o entrevistado, “fazem” ali muita coisa — e o sinalizam — enquanto articulam perguntas, respostas ou interferem nelas (MATTOS, 2005, p. 826).

O recurso das entrevistas semiestruturadas é um importante caminho metodológico ligado à pesquisa qualitativa, que permite um contato, em certo grau, do entrevistador com a pesquisa, por meio de uma técnica que propõe uma conversação continuada com os sujeitos sociais da investigação. A entrevista semiestruturada teve um roteiro básico, (Apêndice A), a fim de coletar informações referentes aos fenômenos que se deseja estudar. A elaboração de um roteiro prévio não significa que somente aquelas perguntas serão realizadas pois as entrevistas semiestruturadas permitem maior liberdade do pesquisador ao realizar os inquéritos. A elaboração de um roteiro prévio permite que todos os entrevistados respondam sobre os mesmos assuntos, mas permite também maior aprofundamento caso o pesquisador julgue necessário. Portuguez (2010)

Durante essa etapa metodológica escolhemos para as entrevistas as pessoas maiores de idade que residem na comunidade rural do Córrego Santa Rita e que aceitem contribuir com o nosso estudo. Excluimos das entrevistas as propriedades não habitadas e as que possuíam ocupação ocasional. Pois, neste caso, os proprietários ou moradores eventuais não se caracterizam como membros efetivos da comunidade.

Os resultados proeminentes das entrevistas foram analisados e descritos após a realização dessas, as quais foram gravadas mediante autorização prévia do entrevistado e tiveram alguns de seus trechos transcritos e discutidos para essa dissertação. Durante as transcrições os falares foram registrados exatamente da mesma forma que os entrevistados se expressaram. Não realizamos correções gramaticais, pois o estilo de comunicação e o linguajar típico do meio rural interessa aos estudos culturais.

Segundo Mattos (2005), a objetivação torna-se possível porque a linguagem é um fenômeno social (fatos, atos de fala, algo identificável e ocorrente entre pessoas), e seu significado só surge dessa relação. Assim, para produzir entendimento autêntico, ou seja, pertinente e sustentável em relação ao que enuncia, o pesquisador tem que jogar com os fatos da relação lingüística.

Outro procedimento importante que ocorreu durante o trabalho de campo foi a cobertura fotográfica que foi realizada em toda bacia e, em especial, nos lugares de encontro para a prática de socialização. O conhecimento científico abrange várias técnicas e esse procedimento é uma possibilidade de registro de imagem que permite a análise visual da paisagem e que carrega consigo várias informações importantes que foram analisadas.

[...] fotografia é um recorte do real. Primeiramente, um corte no fluxo do tempo real, o congelamento de um instante separado da sucessão dos acontecimentos. Em segundo lugar, ela é um fragmento escolhido pelo fotógrafo pela seleção do tema, dos sujeitos, do entorno, do enquadramento, do sentido, da luminosidade, da forma etc. Em terceiro lugar, transforma o tridimensional em bidimensional, reduz a gama das cores e simula a

profundidade do campo de visão (MONTEIRO, 2006, p. 12).

A fotografia é uma importante fonte de dados do objeto de pesquisa e que possui a capacidade de registrar memórias, evidenciar lugares e trazer sentimentos. Isso possibilita refletir as amplas possibilidades no sentido cultural. Para Rios et al (2016) a importância de pensar a função da imagem, o porquê de sua produção e para que tem servido a veiculação das imagens é fundamental quando utilizada como fonte para estudo, como objeto de pesquisa ou de conhecimento, de modo a contextualizá-la histórica e culturalmente.

As fotografias são importantes dados documentais que contam histórias e são interpretadas de formas diferentes, de acordo com o olhar lançado ao lugar que se fotografa e sobre a perspectiva que se observa de cada elemento.

Neste trabalho as fotografias foram realizadas seguindo os seguintes critérios: pertinência do conteúdo da paisagem ou circunstância a ser fotografada para o cumprimento de objetivos específicos; obediência aos princípios da pesquisa ética; registro de imagens que documentam argumentações realizadas pela pesquisadora e, por fim, paisagens ou circunstâncias que inspiraram interpretações complementares aos objetivos propostos. As imagens foram capturadas em meio digital, em cores e só foram utilizadas as que apresentarem pertinência. Todas as fotografias foram armazenadas no disco rígido do computador, e ao serem utilizadas no trabalho, foram datadas e foram concedidos os créditos de autoria.

A terceira e última etapa dessa pesquisa consistiu na organização dos dados levantados em campo, na bibliografia e na análise documental, além do mapeamento dos fenômenos que ocorreram na comunidade do córrego Santa Rita.

O mapeamento contribui de forma importante para compreender e delimitar o território da comunidade que fora analisada. Nas pesquisas qualitativas, segundo Costa et al. (2019), o mapeamento tem uma amplitude importante de formas e objetivos para os profissionais que dele se utilizam. Uma primeira ideia que surge está ligada a elementos territoriais: um mapa é o meio pelo qual podemos ver o mundo ou uma representação dele.

Se tomarmos como exemplo o mapa físico de um território, podemos identificar os rios que o cortam, as casas que lá estão, sua topografia entre outros aspectos. Por isso é interessante notar que é preciso um mapeamento diferente para cada um destes objetivos. Se todas as informações ficarem sobrepostas no mesmo mapa, teremos alguma dificuldade de interpretá-lo.

Sendo assim, para este trabalho, utilizamos mapas que atenderam as nossas necessidades e objetivos de pesquisa, ou seja, mapas que localizem a área de estudo. As representações cartográficas foram elaboradas com a utilização de softwares específicos. Os mapas, por sua vez, foram produzidos com a utilização dos softwares escolhidos.

Uma vez organizados e interpretados, os dados coletados durante o campo foram sistematizados de forma que obedeceram aos critérios éticos impostos pela legislação vigente determinada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – UFU.

A presente dissertação se divide em três momentos, Em um primeiro momento a dissertação é composta pelo desenvolvimento que se inicia com a introdução e a metodologia. Em um segundo momento ela aborda o Espaço como conceito, o Espaço rural e o Espaço Rural no Triângulo Mineiro, em Ituitaba

e na Comunidade do Córrego Santa Rita. Em um terceiro momento, a dissertação aborda a sociabilidade, a solidariedade, suas dimensões de análise e seu papel na produção do lugar, além do conceito de lugar e uma discussão a cerca da solidariedade, sociabilidade, convívio familiar, comunidades, trabalho, lazer, religiosidade e relações campo-cidade.

O ESPAÇO COMO CONCEITO E COMO CATEGORIA DE ANÁLISE DA GEOGRAFIA CULTURAL- HUMANÍSTICA

O conceito de Espaço é amplamente discutido na geografia e é considerado por muitos autores como o conceito principal dentro de suas abordagens, dessa forma o mesmo foi discutido por muitas vertentes geográfica, ou seja, encontrar uma definição única para espaço é tarefa árdua, porque todo conceito é mutável e leva em consideração a metodologia do pesquisador para sua definição.

A conceituação de espaço rural possui um significativo percurso histórico, para La Blache a Geografia estuda os lugares e não o indivíduo, por exemplo, já Sorre, entende que a geografia é a disciplina dos espaços terrestres, outros autores como George percebe que a geografia estuda o espaço humanizado e suas dinâmicas. Em uma perspectiva mais humanística, Tuan (1980) enfatiza o espaço considerando sua dimensão simbólica, ele passa a ser onde ocorrem as manifestações subjetivas. Para Claval (1999) seguindo uma perspectiva semelhante, destaca que a cultura e a comunicação possuem grande importância para definição de espaço, seja espaço cultural ou espaço simbólico, por exemplo.

Soja (1993) é um importante autor na definição de espaço, pois esse considera as comunidades e os espaços produtivos como algo a ser cada vez mais enfatizado. Sua contribuição tem como objetivo fazer um resgate histórico sobre como o ser humano é um ser espacial e como isso é importante para a análise dos objetos, seja qual método for utilizado para isso. Correa (1982) destaca que o espaço é onde vive o homem em uma porção da

terra, em contrapartida, Moreira (1982) percebe o espaço como estrutura de relações sob determinações do meio social.

O espaço Geográfico é fruto contínuo das relações sócio espaciais, sejam econômicas, de trabalho, políticas, de sociabilidade, familiares, entre outras. Essas relações se projetam de formas diferentes nos espaços, e pode se dar de forma material ou simbólica, pois é um reflexo para as relações da sociedade com o meio e esse não se destoa do tempo.

Apesar das inúmeras definições de espaço e de esse ser um conceito amplamente discutido na ciência geográfica, é importante destacar a visão miltoniana sobre esse conceito, pois essa é bastante completa em sua análise dos elementos e não conflita com os princípios da Geografia Humanística, pois os autores dessa corrente do pensamento geográfico citam frequentemente essa visão. Para maior parte dos autores da geografia que seguem essa corrente, o espaço é desigual o que torna a análise e definição ainda mais complexa. Para Milton Santos;

(...) O espaço por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção de localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de umas práxis coletivas que reproduz as relações sociais, (...) o espaço evolui pelo movimento da sociedade total (SANTOS, 1978, p. 171).

Outros autores como Abrão (2010) destacam que a ação é própria do homem no espaço, enquanto está inserido nas práxis das relações sociais sempre se dará sobre o meio e resulta de suas necessidades materiais, imateriais, econômicas, sociais, culturais, morais e afetivas; próprias ou criadas. Os sistemas de objetos, sua utilidade atual, passada ou futura é dada pelas relações sociais, do relacionamento do homem com o seu entorno. Tem papel

simbólico, mas também funcional. “Logo, o espaço é “formado pelo resultado material acumulado das ações humanas através do tempo e pelas ações atuais que hoje lhe atribuem um dinamismo e uma funcionalidade” (SANTOS, 2009, p.106)

Retornando a visão miltoniana de espaço, Milton Santos em suas obras sempre destaca o conceito de Espaço Geográfico e o define de forma geral como

[...] algo dinâmico e unitário, onde se reúnem materialidade e ação humana. O espaço seria o conjunto indissociável de sistemas de objetos, naturais ou fabricados, e de sistemas de ações, deliberadas ou não. A cada época, novos objetos e novas ações vêm juntar-se às outras, modificando o todo, tanto formal quanto substancialmente (SANTOS, 2008, p. 46).

Os objetos são dinâmicos e são produtos da ação humana, na visão do autor, durante a história da humanidade têm características do nosso tempo e influenciam o território, porém com a globalização e o avanço das técnicas a totalidade de um meio é alcançada. Em relação aos agentes responsáveis por essas ações que modificam e constroem o espaço, muitas vezes, esses estão à serviço de algo maior, que são chamados de agentes hegemônicos, ou seja, as mudanças espaciais ocorrem a partir de uma ordem que interfere no cotidiano das pessoas.

Do ponto de vista da Geografia Humanística objetos e ações são produzidos a partir de contextos culturais, que inclusive abarcam os mais variados processos produtivos, econômicos, relacionais entre outros. Portanto, em cada época, a cultura se manifesta a partir de um determinado conjunto de traços culturais e indenitários que influenciam na produção social do espaço. Em contrapartida, não é possível falar em dinâmicas culturais sem levar em consideração as dinâmicas espaciais, pois o espaço, por

sua vez, influencia na ininterrupta transformação das culturas. Nesse sentido, a subjetividade comparece como um importante fator a ser levado em consideração nos estudos dos sistemas de objetos e sistemas de ações, que na perspectiva da geografia humanística são expressões da própria cultura em si.

Para Santos (1978), o espaço organizado pelo homem é como as demais estruturas que existem na sociedade, ou seja, sempre existe o subordinado e o subordinante e embora submetido a essas condições ele dispõe de uma autonomia e pode ser interpretado como uma totalidade. Ou seja, além de ser algo social, produzido socialmente é estruturado por uma organização humana que possui leis e vontades próprias.

O espaço pode ser social que se inter-relaciona com o lugar à medida que esse corresponde ao espaço humano aos lugares e individualidades dos homens, ou pode ser geográfico que se estabelece na sociedade em que o ser humano produz socialmente e historicamente em uma sociedade composta por forças produtivas. Para Santos (1979) é impossível pensar o espaço se o tempo não tivesse existência histórica. Os espaços vêm como resultado de algo que se renova em uma sociedade com movimentos culturais constantes. Somente a partir da unidade de espaço e do tempo das formas e do conteúdo que se pode interpretar as diversas formas de organização da sociedade.

Ainda segundo o autor, as desigualdades espaciais são de extrema relevância. O espaço é formado por suas desigualdades, nele existem espaços que se destacam e espaços que são controlados. Aqueles que se destacam possuem grande fluidez e velocidade de seus fluxos e das suas relações de ordem e de obedecer. Dessa forma o espaço é formado de redes desiguais que se intercalam em diferentes níveis. Além disso, o espaço geográfico possui desigualdades quanto às suas horizontalidades

e verticalidades. As horizontalidades são algo que exerce domínio sobre o cotidiano em comum, é nesses lugares que se exerce as relações de solidariedade e sociabilidade. Em contrapartida, as verticalidades são espaços hierarquizados e que possuem maior distanciamentos dessas relações sociais próximas.

É importante ressaltar esses conceitos de verticalidades e horizontalidades visto que, para esse trabalho são de extrema relevância. Esses conceitos criados por Milton Santos explicam por metodologias novas as complexidades encontradas ao analisar um espaço. A verticalidade é a expressão das forças externas, vindas de fora, que têm o poder de organizar um determinado espaço e suas segregações e dinâmicas. Em contrapartida, em escala menor, ou seja, na escala local existem as horizontalidades. Esse conceito se associa as concepções de redes e eventos. Para explicar as relações que ocorrem como eventos que se travam entre forças distintas, é importante entender a noção de solidariedade no sentido de realização das tarefas comuns e diárias. É por meio do conceito de solidariedade que os agentes se articulam no lugar a fim de fazer com que esse lugar atenda às suas necessidades, essa relação, por Milton Santos, é denominada de Acontecer Solidário.

O conceito de acontecer solidário de Milton Santos possui diferentes formas, a primeira, denominada homólogo, acontece nas relações em uma região que se modernizam, o complementar é aquele das relações complementares entre cidade campo, por exemplo. A terceira é o hierárquico, que ocorre a partir das ordens provenientes de um outro lugar. Isso não quer dizer que existem relações de ordem exigida e sim algo que ocorre em determinado local e que deixa comunidades dependentes sem escolha diferente.

Nos casos do acontecer solidário homólogo e do complementar, o território é “marcado por um cotidiano compartilhado mediante regras que são localmente formuladas ou reformuladas”, onde as “informações tendem a se generalizar horizontalmente”, sob o “domínio de forças localmente centrípetas” e sob “a primazia das formas com relevância das técnicas”. Tanto um quanto o outro, “supõem uma extensão contínua, na cidade e no campo, 55 sendo a contiguidade o fundamento da solidariedade” (ODIM, 2012, p. 53).

Para essa dissertação, a nossa intenção foi abordar o conceito de espaço de duas perspectivas: na primeira tratamos da solidariedade espacial nos termos discutidos por Milton Santos (2008) e Odim (2012). Na segunda perspectiva mergulhamos mais profundamente no conceito de sociointertividade de Portuguez (2010), para compreender quais são as atividades e estratégias que a comunidade do Córrego Santa Rita interpreta como sendo solidárias. A partir dessas duas abordagens foi possível alcançar uma síntese sobre o que se pode esperar do conceito de solidariedade como categoria formativa e interpretativa do lugar.

Outra importante definição de Espaço Geográfico que ocorre na perspectiva da Geografia Cultural, e que pertinente a nossa dissertação, é a de Correa (1995) em que ele é visto também como um campo de representações simbólicas, que possui uma variedade de signos e que expressam as suas estruturas sociais e em sinais visíveis, não só o projeto vital de toda a sociedade, mas também as suas aspirações, crenças e suas culturas. As formas espaciais “sistemas de objetos” ganham materialidade por meios dos seus símbolos e é por esses meios que a cultura é modelada.

Os símbolos e os sentimentos se modificam conforme o espaço se caracteriza, pois, o espaço não é só formado por questões econômicas por exemplo, o mesmo é formado também por ideias e valores culturais. É importante destacar a partir deste raciocínio que os sentimentos não são somente vinculados à esfera do mercado“ podem conferir outra racionalidade à organização espacial, racionalidade para a qual a cultura constitui-se em ingrediente fundamental. ” (CORRÊA, 1995, p. 13)

A Geografia cultural ainda é uma área que têm certa complexidade ao ser abordada, é importante destacar que o Brasil é um país culturalmente diverso, a paisagem rural brasileira é um produto econômico, mas é também uma matriz cultural extremamente relevante. Um exemplo disso são as diversas manifestações religiosas que ocorrem nesses espaços, além das formas diferentes de fala, a cultura popular e os conflitos culturais resultantes dos processos decorrentes do êxodo rural, por exemplo.

As formas simbólicas tornam-se formas simbólicas espaciais quando constituídas por fixos e fluxos, isto é, por localizações e itinerário apresentando, portanto, os atributos primeiros da espacialidade. Palácios, templos, cemitérios, memoriais, obeliscos, estátuas, monumentos em geral, shopping centers, nomes de logradouros públicos, cidades e elementos da natureza, procissões, desfiles e paradas, entre outros, são exemplos correntes de formas simbólicas espaciais (CÔRREA, 2007, p.9).

As relações entre essas formas simbólicas e o espaço são diversas e possuem um certo nível de complexidade, um exemplo é que uma forma simbólica possui importantes características como localização e memorialização. A localização diz respeito à acessibilidade em relação ao seu entorno ou ao município que está

inserida, por exemplo, essa acessibilidade é de extrema importância pois é o caminho que as formas simbólicas darão o seu recado e demonstrarão os seus interesses. Ou seja, a sua localização destaca os seus valores que fazem parte de um espaço que se opõe a outro. Como a relação urbano-rural.

Ainda sobre as formas simbólicas espaciais, ressalta-se que essas possuem elementos importantes para a criação de uma identidade cultural, que inclui as crenças, costumes, questões étnicas, entre outras de uma comunidade presente em um determinado lugar, como nas comunidades rurais. Essas são símbolos que constituem marcas indenitárias. Não apenas isso, essas formas possibilitam uma interpretação de um passado dotado de memórias e historicamente construído.

Diante da discussão apresentada, existe um enfoque que pode ser dado a categoria de Espaço que é o conceito de Espaço Rural, esse também é dotado de memória, significados e historicamente construído, porém possui importantes diferenças em relação ao espaço urbano, ou o espaço geográfico propriamente dito, principalmente em suas relações culturais e de trabalho, além das relações de sociabilidade. Sobre esse assunto, trataremos no tópico seguinte.

O Espaço Rural e suas perspectivas conceituais

O conceito de espaço rural foi amplamente debatido pela Geografia, considerando vários recortes territoriais e temporais. Para Portuguez (2005), em cada configuração espacial existe um arranjo distinto de paisagens que proporcionará diferentes entendimentos do que venha a ser urbano, rural ou natural. A concepção adotada por um país desértico como o Egito, não pode

ser a mesma adotada por um país insular como Cabo Verde. O mesmo ocorre com países tropicais como o Brasil, em comparação com países ou regiões próximas ao Polo Norte. Portanto, o que é rural será diferente para cada arranjo espacial pois as paisagens naturais e culturais e o uso que delas se faz, dará origem a diferentes processos de ocupação do território.

Ainda segundo Portuguesez (2010), até mesmo no Brasil é necessário ter um pouco de cuidado com a generalização do que venha ser rural. Para uma comunidade ribeirinha tradicional da Amazônia, a composição do espaço rural será totalmente distinta daquela historicamente construída em áreas tipicamente agroindustriais como as do Triângulo Mineiro, por exemplo. O autor chama a atenção para a ausência de esforço da Geografia brasileira em pensar o Brasil como um país plural, no qual as diferentes composições paisagísticas produzem diferentes possibilidades de entendimento do que venha a ser rural. Um conceito genérico, portanto, pode não ser suficiente para explicar as muitas possibilidades de ruralidades existentes em um país de dimensões continentais e com tamanha diversidade cultural.

Tais argumentações se baseiam em uma postura crítica ao fato de a Geografia brasileira apoiar-se em uma visão de mundo pautada pelo eurocentrismo e pelo americacentrismo e em conceitos clássicos que sempre nortearam o pensamento dos geógrafos brasileiros. A geografia cultural, entretanto, tem proposto que outras culturas sejam tomadas também como referências para se pensar o espaço geográfico, o que resulta em concepções muito plural sobre o que venha a ser urbano, cidade, rural, campo, camponês, entre outros conceitos.

Portuguez e Moussa (2019) escreveram sobre a semelhanças e diferenças dos conceitos de espaço rural e espaço urbano, comparando as definições adotadas no Brasil e no Benin. Concluíram que o país africano possui formas tradicionais de organização do espaço, que deram origem a cidades-estados prósperas já no século XI e que o modelo europeu de cidades transformou a paisagem africana criando uma separação entre o rural, o urbano e o natural diferente da que existia na perspectiva cultural das etnias Yorubás.

A cidade tradicional Yorubá era ordenada a partir de uma lógica política e religiosa, onde a ancestralidade exercia um papel fundamental na vida das pessoas. Com a ocupação europeia as lógicas mercantilistas, e depois capitalista, se impuseram e redesenharam totalmente o conceito de cidade. [...]. Para se compreender a África é necessário relativizar conceitos utilizados de forma genérica, que são questionados até mesmo pela Geografia brasileira. Nossas cidades foram fundadas por europeus, e, para nós, parece óbvio abordar as cidades e o campo a partir de olhares da Geografia ocidental. Mas na medida em que nos dedicamos a entender a África como ela era e como ela se via (sem os filtros eurocêtricos), as descobertas são surpreendentes e revelam um continente rico e complexo (PORTUGUEZ, MOUSSA, 2019, p. 68).

Nessa dissertação, portanto, utilizamos autores que explicam a lógica de espaço rural presente no Triângulo Mineiro. Em outras palavras não nos comprometemos em discutir as múltiplas possibilidades de identidades rurais existentes no Brasil. Como nossa pesquisa centra-se em uma comunidade de Ituiutaba-MG, nossos esforços voltaram-se para pensar as dinâmicas presentes neste recorte espacial.

Segundo o IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2021), o espaço rural corresponde a toda área que não é urbana. Segundo Veiga (2002), essa definição é extremamente simples e genérica. Outros autores corroboram essa crítica lembrando que uma série de outros fatores precisam ser levados em consideração. Bueno e Pera (2016), por exemplo, propuseram uma revisão de dados estatísticos e de conceitos que o IBGE já propôs anteriormente para definir o que é rural e urbano e para re (classificar) a situação atual dos espaços rural e urbano brasileiros.

Portuguez e Mossa (2019), lembraram que foi o processo de colonização do Brasil que instaurou em nosso território a concepção de cidade, na perspectiva da cultural portuguesa. Foi, portanto, a partir de 1530 que se iniciou a separação entre o rural e o urbano no Brasil, quando as cidades coloniais passaram a exercer papéis muito específicos ligados ao comércio atlântico e, por sua vez, o rural brasileiro configurou-se por meio dos interesses do mercantilismo escravagista voltado para a produção agrícola tropical de exportação. Portanto, os interesses da elite europeia produziram uma massa de indígenas e africanos escravizados que foi a primeira forma de força de trabalho existente no rural brasileiro.

Para Marques (2002), o espaço rural pré-modernização (anterior à Revolução Verde ocorrida na década de 1970) é um modo particular de utilização do espaço e de vida social, que se apresenta com uma identidade fortemente vinculada à cultura camponesa, implicando em um nível de organização e de controle organizacional pela coletividade territorial.

Vale ressaltar que a referida vida camponesa se desenhou no espaço brasileiro a partir do século XIX no momento em que o campo deixou de ser o *locus* do trabalho escravo e passou a ser ocupado por imigrantes, em sua maioria europeus.

A partir do processo de modernização, outros agentes econômicos passaram a fazer parte da dinâmica produtiva desse espaço, apoiados pelo próprio estado. Na atualidade, a identidade rural apresenta-se multifacetada, pois, além de manter alguns traços da cultura camponesa, indígena, quilombola, de imigrantes, de refugiados entre outras, agregam elementos urbanos decorrentes dos investimentos de capital e da projeção territorial de agentes econômicos extra (locais.)

O meio rural segundo Vanderley (2000) é entendido como um espaço suporte de relações sociais específicas, que se constroem, se reproduzem ou se redefinem sobre este mesmo espaço e que, portanto, o conformam enquanto um singular espaço de vida. Para compreendê-lo é preciso considerar sua dinâmica social interna, isto é, aquela que resulta da maior ou menor intensidade e complexidade da vida local e, por outro lado, as formas de sua inserção em uma dinâmica social "externa".

O espaço rural é socialmente construído pelos seus habitantes em função das relações fundadas nos laços de parentesco e de vizinhança e isto tanto ao nível da vida cotidiana, quanto do ritmo dos acontecimentos que determinam os ciclos da vida familiar (nascimentos, casamentos, mortes, calendário das manifestações de ordem cultural e religiosa e outros.) Este é, fundamentalmente, o "lugar" da família centrado em torno do patrimônio familiar, elemento de referência e de convergência, mesmo quando a família é plúmitiva e seus membros vivem em locais diferentes.

Para Marques (2002), a imagem do campo é associada ao passado, a tradição, aos costumes humanos e naturais. Ainda para a autora, o rompimento da relação puramente rural no mundo ocidental deu-se ainda no feudalismo, com o surgimento dos burgos e das novas relações de trabalho nas cidades. Com o emergir do modo de vida capitalista na Europa, a reorganização dos sistemas produtivos transformou os conceitos de ruralidade naquele continente, e nos países colonizados pelas principais metrópoles europeias, (Reino Unido, Portugal, Espanha, França e Holanda e partir do século XIX, Alemanha, Itália, Bélgica e Noruega).

Ainda para Marques (2002), o rural não abrange apenas a área não pertencente às cidades, mas também todas as paisagens naturais pertencentes a um determinado território. Essa concepção não é consensual entre os autores, pois, alguns consideram que o meio natural constitui uma espacialidade que pode ser separada do meio rural. Na concepção de Carmo (2009) o meio rural integrado com o natural abrange, por exemplo, as organizações de espaço rural em aldeias, territórios de clãs, quilombos entre outros. Ainda segundo o autor, a organização espacial da aldeia tradicional não pode ser representada por intermédio de zonas diferenciadas, como foi proposto para a análise da cidade industrial. O espaço reflete e materializa o nível de homogeneidade social que se vive numa aldeia camponesa. Por isso, a sua estrutura tende a ser relativamente simples e composta por níveis espaciais que se justapõem.

Ainda sobre espaço rural é importante acrescentar que esse conceito sofre e têm sofrido muitas mudanças em sua estrutura no Brasil e no mundo. Existe cada vez mais uma relação intensificada entre campo- cidade. Ocorre uma inter-relação constante na perspectiva da modernização do campo. “As

sociedades conhecem novas modalidades de urbanização e de industrialização difusa que se implantam e se localizam em regiões consideradas rurais” (CARMO, 2009, p. 14).

A partir da década de 1960 houve a modernização na agricultura no Brasil e a partir de 1970 este processo se concretizou com a conhecida Revolução Verde³. A partir desse momento o campo alcançou o papel de produtor de alimentos baratos para um mercado imenso, com destaque aos produtos de exportação. Com a mecanização do campo a agroindústria ficou com o papel de absorver a mão de obra que não seria contemplada por meio dos trabalhos efetuados pelas máquinas, o que não aconteceu como o esperado.

A relação indústria e agricultura passou a se aprofundar, e concomitantemente, a relação agricultura e natureza praticamente deixou de existir no seu modelo original. “Tratava-se de um processo de “desterritorialização” da produção, no sentido de que ela poderia ser realizada em qualquer espaço físico passível de ser adequado às necessidades do processo produtivo agrícola. ” (SOUZA; BRANDENBURG, 2010, p.55). As transformações técnicas passaram a dissociar o espaço natural dos interesses do processo produtivo do agronegócio. Segundo Elesbão (2007), os agricultores que se modernizaram, passaram a utilizar insumos e máquinas modernas e os que não conseguiram ficaram à margem do processo.

³ A Revolução Verde foi modelo baseado no uso intensivo de agrotóxicos e fertilizantes sintéticos na agricultura que teve início na década de 1970. É também um conjunto de estratégias e inovações tecnológicas com o objetivo de alcançar maior produtividade através do desenvolvimento de pesquisas em sementes, fertilização de solos, utilização de agrotóxicos e mecanização agrícola entre outros.

Nesse contexto, a agricultura familiar ganha um importante destaque e pode ser definida, segundo Vanderley (2000), como uma forma de produção econômica comum nas pequenas propriedades brasileiras em que predomina a policultura e tem uma intensa relação social familiar. A maior parte dessas propriedades são de pequeno porte e possuem trabalho familiar que resiste ao avanço do agronegócio na medida que mantém formas produtivas tradicionais.

Finalmente, a agricultura familiar se estrutura “como uma nova categoria política, portadora de uma considerável fonte de legitimidade social, que simultaneamente representa os interesses dos pequenos produtores rurais, das famílias assentadas, dos arrendatários, dos agricultores integrados aos complexos agroindustriais e de outros atores sociais do campo brasileiro” (Anjos, 2003, p.245).

É oportuno destacar que a discussão sobre o conceito de agricultura familiar é importante para essa dissertação, pois ao longo do recorte geográfico que compreende a nossa área de estudo (Comunidade do Córrego Santa Rita) existem propriedades em que predomina o trabalho agrícola familiar.

Os espaços socialmente construídos do meio rural passam por importantes e recentes transformações por forças exógenas que impactam significativamente o conteúdo social e as formas e funções das paisagens, sobretudo em locais que são marcados por um projeto de desenvolvimento rural que tem como principal objetivo a consolidação do agronegócio.

Segundo Mendonça (2013) o agronegócio pode ser definido como o processo de produção da agricultura que tomou força no Brasil a partir de meados da década de 1960, em um período marcado pelo caráter monopolista ou imperialista do

capital. Esse modelo combina a grande exploração agrícola com o estímulo ao uso de insumos industriais.

Uma outra vertente do processo de modernização, além do agronegócio, é a pluriatividade do espaço rural. Em algumas concepções geográficas, espaço rural é visto como um local de atraso e de rusticidade em relação à modernidade do espaço urbano, mas essa visão é vista como algo deturpado. O rural é muito mais que isso, ele é mais que apenas a produção agrícola. Nesses espaços existe uma importante carga cultural e social que, segundo Lindner (2012), pode ser expressada pelo apego às tradições, muito evidenciadas nas relações sociais da população: sua religiosidade, festividades, gastronomia, artesanato entre outros.

O conceito de pluriatividade foi elaborado para definir todas as atividades que geram ganhos monetários, ou não, para uma determinada comunidade rural. Segundo Schneider (1999), a noção de pluriatividade é a melhor forma de definir como as possibilidades de trabalho são diversas e como elas podem ser utilizadas como renda para as famílias agricultoras. Esses processos ocorrem dentro e fora da propriedade, bem como o surgimento de um conjunto de novas práticas que ganham cada vez mais destaque no espaço rural.

As famílias que desempenham atividades plurais no rural empreendem grande esforço para se inserirem no mercado, o que gera diferenciações entre as próprias famílias no mesmo espaço. A pluriatividade é importante para o produtor na medida que diminui o êxodo rural, pois a mesma proporciona a permanência das famílias nesses espaços. Dessa forma, as relações de sociabilidade são mais valorizadas, pois representam um importante caminho para promover vínculos significativos com esses espaços.

Devido a isso, o desenvolvimento de inúmeras áreas rurais tenderá a depender muito mais da segmentação de mercados locais ou regionais impulsionada por residentes temporários, turistas, esportistas, aposentados, etc., do que de padronizados mercados nacionais ou externos que absorvem commodities e manufaturados (ELESBÃO, 2007, p.60).

Segundo Elesbão (2007), apesar de importante, a pluralidade do espaço rural não deve ser vista, via de regra, como uma saída única para o desenvolvimento do campo, pois tudo depende de uma análise prévia de como as comunidades estão adaptadas à essas atividades, de como as práticas agrícolas assumem um papel de destaque e depende também de como as paisagens naturais se constituem nesses espaços. Tudo isso sempre deve ser observado e considerar as vontades e relações de sociabilidades das comunidades que residem no campo.

Segundo Nery e Portuguez (2021) existem atividades relacionadas a pluriatividade na comunidade rural do Córrego Santa Rita, como: lazer, práticas esportivas (ciclismo) e futebol, turismo, tradições culinária local, comércios, atividades religiosas de caráter festivo e devocional, entre outros. Portanto o estudo das pluriatividades foi importante para nos oferecer um panorama das práticas sociais realizadas em grupos pelos habitantes do Vale do Córrego Santa Rita. Em outras palavras, a pluriatividade pode ser um caminho para se pensar a sociabilidade e a solidariedade no cotidiano da população que foi estudada.

Outro tema importante abordado desde o prisma teórico e que se manifesta na área em estudo, é a questão da relação campo-cidade. Trata-se de um tema relevante que está sendo cada vez mais estudado por diversos autores da Geografia Agrária (Manuel Correia de Andrade, Darlene Ferreira entre outros) e que revela

um conjunto amplo de possibilidades de práticas sociais coletivas ou familiares que se manifestam a partir da interação entre os conteúdos técnicos e culturais do urbano e do rural.

No Triângulo Mineiro vários estudos vêm sendo realizados sobre essa relação na perspectiva da Geografia Crítica. Porém, a Geografia Cultural de base humanista, também tem dado sua contribuição. Os trabalhos produzidos pelo Grupo de Estudos e Pesquisa “Geografia Cultural e do Turismo” da Universidade Federal de Uberlândia Campus Santa Mônica, liderado pelo professor doutor Rooselvet José Santos, configuram como importantes exemplos desta produção. Convém discutir, portanto, o conceito de relação campo e cidade propriamente dito.

[...] as transformações na comunidade rural provocadas pela intensificação das trocas com o mundo urbano (pessoais, simbólicas, materiais...) não resultam, necessariamente, na descaracterização de seu sistema social e cultural como os adeptos da abordagem adaptacionista interpretavam. Mudanças de hábitos, costumes, e mesmo de percepção de mundo, ocorrem de maneira irregular, com graus e conteúdos diversificados, segundo os interesses e a posição social dos atores, mas isso não implica uma ruptura decisiva no tempo nem no conjunto do sistema social (CARNEIRO, 1998, p. 58).

Esse conjunto de características compõem a identidade social da comunidade rural, que reproduz o modo de vida do campo na cidade por ocasião de eventuais migrações. Ou seja, as ruralidades passaram a existir nas cidades devido ao intenso êxodo rural ocorrido a partir da década de 1950 no Brasil (MOREIRA e GAVIRIA 2002).

É preciso ressaltar o vínculo do espaço rural com a identidade social e sua relação com o meio natural. Segundo Figueiredo (2003), ao realizar uma análise crítica sobre o turismo em “aldeias típicas” portuguesas, chama a atenção para que nesse país muitas áreas rurais passaram de espaços (ím) produtivos de alimentos a espaços-reserva de qualidade ambiental, guardiões da natureza e das memórias do passado.

O entendimento do espaço rural como algo multifuncional, cultural e dotado de significados torna-o uma área autêntica e de identidade própria, ligado ao modo de vida rural tradicional desses lugares, e conferindo-lhes identidade e organizando seus espaços. Para Lindner (2012), existem algumas categorias que definem ruralidades nos municípios brasileiros. Essas categorias possuem importantes características, como por exemplo: a categoria da dimensão do rural que é percebida por meio da sua população e de suas qualidades rurais, ou seja, elementos ligados ao imaginário do campo e a percepção que o indivíduo tem do lugar.

Outra categoria é composta pelos modos de vida e as percepções locais; ou seja, percebidos por meio do ritmo da vida que a comunidade rural vive, sua socialização, seus elos afetivos, o valor dado a vida em comunidade, a religiosidade, tudo presente no sentimento de pertencimento dos habitantes com o lugar. Tudo isso revela como o sujeito identifica sua qualidade de vida, interligada as suas relações.

A categoria das tradições e símbolos rurais é outra discutida pelo autor. Para ele a forma como se manifestam as heranças históricas e culturais, materiais e imateriais, dão identidade ao local e mantém viva a memória do lugar. As permanências das tradições podem ser reveladas tanto na forma concreta, através de símbolos impressos na paisagem local,

quanto nas representações não concretas, expressadas nas relações de sociabilidade e solidariedade presentes no meio rural. Como se vê, Lindner (2012) tem sido um importante autor para a produção deste trabalho, pois sua abordagem crítica transita com fluidez pelos caminhos do humanismo.

Existe uma categoria intermediária entre o espaço rural e urbano característica das cidades pequenas com densidade demográfica baixa, denominada por ele como rurba. Pois essas comunidades, apesar de encontrarem em localidades consideradas urbanas, assumem características rurais importantes. Complementando o conceito de Lindner (2012), Souza e Brandenburg (2010) afirmaram:

Esta mudança de percepção sobre o mundo rural do país tem uma implicação importante que pode ser apresentada da seguinte forma: o rural, antes tido como um “espaço privado” onde se realizava a produção e a reprodução de um determinado grupo social começa a ser identificado como um “espaço público”, cumpridor de múltiplas “funções”, como de preservação do meio ambiente e da paisagem, de turismo e lazer, de preservação do patrimônio cultural e de manutenção do tecido social. O reconhecimento dessas novas “funções”, que consiste no elemento mais original e significativo sobre a questão rural brasileira na atualidade, reacendeu o debate sobre o tema e, desta vez, com elementos bem mais complexos do que aqueles que permearam a discussão sobre o desenvolvimento da agricultura e do rural brasileiro no século passado resultando no “pacote de modernização” implementado a partir da década de 1960 (SOUZA; BRANDENBURG, 2010, p.51).

Durante os trabalhos de campo que realizamos no vale do córrego Santa Rita, identificamos na paisagem e na comunidade os processos locais de modernização aqui discutidos, os quais serão melhor detalhados em outros capítulos ao longo dessa dissertação. É fato que a silvicultura do eucalipto e a produção sucroalcooleira se fazem presentes neste território, com destaque atualmente para a produção de soja, assim como outras produções vinculadas ao agronegócio. (Gado de corte e leite).

Fez-se necessário compreender como as famílias residentes no vale do córrego Santa Rita convivem com estes processos produtivos, se explorando-os, ou se resistindo a eles. Também foram relevantes para essa dissertação, as interferências que tais processos exercem sobre as tradições rurais daquela comunidade.

No próximo tópico trataremos uma discussão que levará em consideração o recorte mais aprofundado da nossa área de estudo, a fim de que se possa conhecer importantes características do espaço rural, do Triângulo Mineiro, do município de Ituiutaba e principalmente da região em que vive a comunidade da Bacia Hidrográfica do Córrego Santa Rita.

O Espaço Rural no Triângulo Mineiro, em Ituiutaba e na comunidade do Córrego Santa Rita

O Triângulo Mineiro, segundo o IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019), é uma das 10 regiões de planejamento do estado de Minas Gerais. Está situada entre os rios Grandes e Paranaíba e é composta por 35 municípios que são divididos em sete microrregiões: Araxá, Frutal, Ituiutaba, Patos de Minas, Patrocínio, Uberaba e Uberlândia.

Ainda de acordo com o IBGE essa região, inicialmente, era denominada de Sertão da Farinha Podre e foi ocupada por índios Caiapós no período pré-colonial. O processo de ocupação pelos colonizadores na região ocorreu entre 1722 e 1925, quando os bandeirantes abriram a estrada Anhanguera, que ligava o estado de São Paulo ao Planalto Central. A comitiva formada em 1722 por 152 integrantes - entre índios, escravos e homens brancos livre - originou os primeiros povoamentos da região que foi denominada por Triângulo Mineiro.

A região do Triângulo Mineiro está entre as mais produtivas e promissoras do País, com destaque para o agronegócio. Hoje, ainda segundo o IBGE, a região representa 7% do total das exportações do Estado que, sozinho, é responsável por 13,8% das vendas externas do Brasil. Os principais produtos exportados pela região são: açúcar, café, milho, soja e seus derivados. Também é significativa a produção e exportação das carnes de aves, bovina e suína. Em relação a produção rural, a produção canavieira possui grande destaque. Segundo Santos (2011) o Triângulo Mineiro se transformou na maior região produtora de cana-de-açúcar de Minas Gerais, que é o maior produtor desse produto do país.

Segundo Bittencourt e Lima (2014), era preciso, de acordo com a lógica do agronegócio, empreender uma agricultura modernizada, que fosse além da disponibilidade e qualidade da terra, nível de tecnologia empregada e que englobasse certa infraestrutura, permitindo o escoamento da produção.

Assim, a partir da década de 1970, foram criados o Programa de Crédito Integrado e Incorporação dos Cerrados (PCI); o Programa de Assentamento Dirigido do Alto Paranaíba (PADAP); o Programa de Desenvolvimento dos Cerrados (POLOCENTRO) e o Programa de Cooperação Nipo-Brasileira

para o Desenvolvimento dos Cerrados (PRODECER). Esses programas visaram à incorporação produtiva da área dos Cerrados e, por consequência, à constituição de uma agricultura moderna, beneficiando áreas do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. Para Matos e Pessôa (2011), o Cerrado, nas últimas quatro décadas, têm sido divulgados pela mídia como uma das regiões mais promissoras do país no que tange a produtividade das monoculturas. Dessa forma, os Cerrados passaram a ser conhecidos como “celeiros” de grãos do Brasil.

Nesta pesquisa e nas pesquisas derivadas, trabalhamos com a ideia de “Cerrados”, pois entendemos que esta palavra no plural representa melhor os diferentes arranjos paisagísticos existentes dentro dos domínios deste macrobiosistema. Cerrados referem-se à diversidade das composições ambientais do domínio morfoclimático característico do Brasil Central, assim como as formas como as populações se apropriam do espaço e nele (re) produzem seus modos de viver, trabalhar e transformar. Leva o conceito biogeográfico para além dos aspectos naturais e alcança as dimensões culturais e humanas nele existente (PORTUGUEZ, 2020, p. 9).

No entanto, o caráter seletivo e excludente foi a principal implicação negativa dos programas governamentais e divulgações midiáticas voltados para à expansão do agronegócio da mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, contribuindo para o agravamento da concentração espacial de produtos e produtores. Essa concentração espacial levou à exclusão de importantes agentes do meio rural, como os pequenos produtores e os povos tradicionais, dentre eles, as comunidades indígenas, como os índios Caiapós, por exemplo.

O território destes índios Caiapós era bem vasto. Sua área compreendia o “sul e sudoeste do atual estado de Goiás, o atual Triângulo Mineiro, parte norte de São Paulo, o leste do atual estado do Mato Grosso e leste e sudeste do atual Mato Grosso do Sul” (GIRALDIN, 1997, p. 57).

Essas transformações no espaço rural também ocorreram no município de Ituiutaba, pois esse está inserido no Triângulo Mineiro. Ele é contemplado pelas águas do Rio da Prata, Ribeirão São Lourenço, Rio Tijucu e vários outros cursos d’água e possui ao todo uma área de 2.598 km².

Sua localização aponta condições edafoclimáticas favoráveis às produções agroexportadoras, contendo grandes extensões de terras, além de estar situado em uma posição geográfica estratégica para escoamento da produção via as rodovias federais BR-154, BR-365 e BR-464.

Na década de 1950 a população de Ituiutaba era de 52.472 habitantes, dos quais apenas 9.711 residiam nas cidades e 42.761 no campo (IBGE, 2010). A população das cidades era ínfima e localizada principalmente na região central. O êxodo rural teve grande destaque nesses últimos anos devido à modernização do campo e o investimento no setor sucroenergético no município, impulsionado pelas Usinas. Ocorreu então o que ficou conhecido como “A grande marcha dos trabalhadores para a cidade”, que procuravam melhores condições no espaço urbano. O município de Ituiutaba, nessa época, era conhecido como a capital do arroz, e segundo Vilela (2001), existiam mais de 100 estabelecimentos que beneficiavam e comercializavam o cereal, ou seja, as máquinas de arroz (figura 1, 2 e 3)

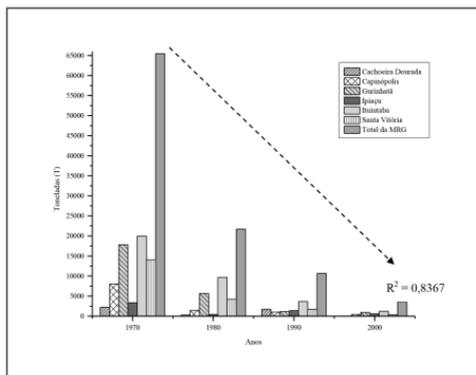
Figuras 1 e 2: Caminhão carregado de sacas de arroz e máquina antiga utilizada na produção do arroz em Ituiutaba- MG.



*Fonte: Acervo Fundação Cultural (2021) e NERY, C.,S.N (2021)
Org. NERY, C.,S.N. (2021)*

Figura 3: Produção de Arroz da MRG de Ituiutaba nos anos de 1970, 1980, 1999 e 2000.

Produção de Arroz da MRG de Ituiutaba nos anos de 1970, 1980, 1990 e 2000



*Fonte: IBGE – Censo Agrícola (1970 – 1980) e SIDRA (1990 – 2010).
Org.: Matheus Eduardo Souza Teixeira (2017).*

**Fonte: TEIXEIRA, CASTANHO, 2017.
Org. NERY, C.,S.N. (2022)**

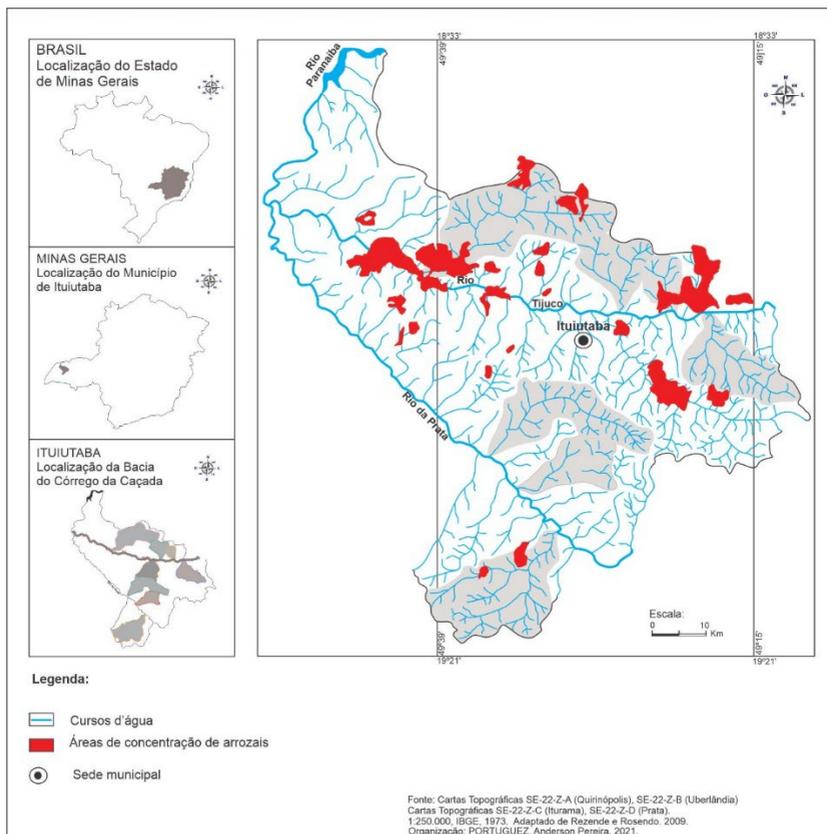
No mapa 3, que segue, vê-se a localização dos principais campos de rizicultura de Ituiutaba em 1973, presentes nas 4 cartas topográficas do IBGE que formam o mosaico municipal. A imagem foi produzida por Portuguez (2020) em seu estudo sobre 7 bacias hidrográficas ituiutabanas ou tijucanas. Com base em seus estudos existiam áreas produtivas de arroz na fronteira da Bacia do Córrego Santa Rita com a Bacia do Córrego São Lourenço.

O destaque era absoluto para a produção do grão. As áreas rurais da cidade, que hoje são centros comerciais, serviam para armazenar o arroz que era transportado para todo o Brasil.

A rizicultura, que marcou a economia de Ituiutaba entre os anos 1950 e 1980, teve seu auge nos anos 1970. Ainda hoje é possível ver na cidade, inúmeros testemunhos arquitetônicos daquele período, quando os galpões de arroz se espalhavam pela periferia urbana e davam para a cidade ares de progresso jamais visto (PORTUGUEZ, 2020, p. 13).

Apesar do grande destaque do arroz, o comércio do leite começou a aparecer de forma ínfima. A população urbana em meados da década de 1950 e início da década de 1960 era irrisória. Os leiteiros iam para as cidades abastecer as pequenas famílias com leites e derivados. Vilela (2011), salienta que os fazendeiros reservavam algum leite para fazer queijos, em sua maior parte, era desnatado, destinando-se o “soro” aos porcos e o creme às indústrias de manteiga: “Fazendeira” de Antônio Baduy e “Invernada” de Farjala Miguel Jacob”.

Mapa 03: município de Ituiutaba: localização dos principais campos de rizicultura em 1973.



Fonte: PORTUGUEZ (2020, sp. apêndice A).

A rizicultura no município entrou em declínio em meados da década de 1970 dando espaço para o avanço da pecuária leiteira. No início dos anos 2000 a cana de açúcar passou a ter aumento de produtividade bastante significativo, segundo Santos (2011) a área plantada dessa monocultura era de 595 hectares no ano de 2000 e passou para 57.763 hectares já no ano de 2009.

Atualmente, segundo Nery e Portuguez (2021), por ter mais de 100 mil habitantes, a cidade de Ituiutaba é considerada de médio porte e possui razoável infraestrutura urbana, que atende as necessidades não só da população residente, mas também de diversos municípios do entorno, como: Capinópolis, Ipiaçú, Cachoeira Dourada, Santa Vitória, Gurinhatã e outras. O município possui uma área rural extensa, com paisagens naturais diversificadas (transição entre Cerrado e Mata Atlântica, com veredas e rios encachoeirados) e com produção agropecuária voltada para as indústrias sucroalcooleira, madeireira, de laticínios, de alimentos (frigoríficos) e outras. É, portanto, um território típico do agronegócio, que atualmente encontra-se em expansão no Cerrado brasileiro.

Ainda em relação ao município de Ituiutaba, é importante destacar que ao longo do ano de 2020, quando ocorreu considerável crescimento dos casos de Covid-19 no Brasil, uma forte crise econômica se abateu sobre a cidade e sobre o meio rural. Como já é de conhecimento geral, a Covid-19 é uma doença provocada por um novo tipo de corona vírus (SARS-Cov-2) que provoca uma série de sintomas típicos das chamadas síndromes respiratórias agudas graves. Até janeiro de 2022, segundo dados disponibilizados pela Secretaria Municipal de Saúde de Ituiutaba nas redes sociais oficiais da Prefeitura, o município registrou 61.286 notificações de Covid-19, das quais 18.327 casos foram confirmados por meio de exames próprios, com registro de 469

óbitos. A pandemia de Covid 19 impactou todas as atividades econômica do município tanto na área urbana como na área rural e como neste momento ela ainda está atividades já em sua terceira onda (variante omicron), não é possível avaliar com precisão como essa doença abalou os diversos setores produtivos locais.

Ainda segundo Nery e Portuguez (2021), o meio rural é mais amplo, aberto, pouco habitado, de forma que propicia uma sensação de liberdade e proteção em relação à pandemia, o que não ocorre na área urbana, onde frequentemente são decretadas medidas de restrição ao trabalho, ao consumo, à circulação e ao convívio social. O rural, nesta perspectiva, se apresenta como a alternativa à liberdade perdida no meio urbano, pois a concentração reduzida de população permite o lazer, a contemplação, o habitar e o turismo de maneira mais livre e com riscos mais reduzidos. Ituiutaba possui população predominantemente urbana (creca de 96%) e isso faz de seu meio rural um refúgio para quem deseja maior liberdade de circulação sem os riscos de contaminação existentes na cidade. Porém, este é um privilégio para uma parcela bem reduzida da população, pois não há serviços turísticos consolidados no meio rural e frequentá-lo exige, no mínimo, a posse de veículos.

Os problemas ambientais, o avanço do agronegócio, as dinâmicas típicas do espaço Rural, além da exclusão de importantes agentes sociais que vivem no campo, dentre outras discussões levantadas até aqui, ocorrem na nossa área de estudo:

A comunidade rural do Córrego Santa Rita localiza-se a leste da cidade de Ituiutaba, há cerca de 20 km da sede municipal. Do alto ao baixo curso do córrego, a Bacia Hidrográfica apresenta paisagens dotadas de grande diversidade fisiográfica, com contrastes humanos e econômicos notáveis e dinâmicas ambientais complexas e variadas. O Córrego Santa Rita nasce em

uma área de serras (morros residuais) e deságua no rio Tijuco, o mais importante do município. Possui corredeiras e cachoeiras em seu curso, algumas imponentes e famosas. A Cachoeira Santa Rita é a mais conhecida delas, mas o acesso se dá por uma propriedade, o que eventualmente representa limitação de uso deste local. Nas áreas mais baixas, junto aos córregos, ocorrem as famosas veredas, que são um tipo bem peculiar de mata ciliar típica do Cerrado, onde os buritis (*Mauritia flexuosa*). Nas áreas de relevo mais aplainado, onde a ação antrópica não chegou a desestruturar a fito fisiografia local, os bosques de Cerrado são mais nítidos e marcantes. (Figuras 4 e 5)

Figuras 4 e 5: Fitofisiografia presente no córrego Santa Rita.



*Acervo: Trabalho de Campo 2020
Org. NERY, C., S.N. (2021)*

Nas serras, ocorrem Cerrados e bosques remanescentes de Mata Atlântica. Essa diversidade vegetal é interessante para o turismo no meio rural, pois possibilitam a contemplação, em um mesmo local, de diferentes ecossistemas. A bacia é planáltica, possui vales bem escavados pela drenagem fluvial, morros residuais (serras) e áreas aplainadas artificialmente pelo maquinário agrícola. Em diversos trechos a paisagem inspira a impressão de abandono, de terras mal aproveitadas, se comparadas com outras bacias ituiutabanas. No médio curso identificamos vastas áreas de pastagens abandonadas, nas quais os Cerrados estão se recuperando.

As cachoeiras do médio curso são interessantes, com sequências de quedas d'água e corredeiras, o que torna o córrego movimentado, interessante para banhos seguros em dias de calor (figuras 6 e 7). Além das quedas d'água, uma grande cachaçaria, as casas antigas e trilhas antigas utilizadas por indígenas e tropeiros fazem parte do mosaico de formas paisagísticas interessantes para a composição de roteiros. Nas serras, os remanescentes de Cerrados chamam a atenção e contrastam com as pastagens e plantios do agronegócio, que se alastram por toda parte.

Apesar do território da comunidade possuir locais com potenciais turísticos documentados, após o trabalho de campo e as entrevistas, foi constatado que a maior parte da população residente nunca pensou em agregar renda por meio do turismo ecológico. Uma pequena parte que alegou ter interesse em fazê-lo, diz não ter ideia de como começar devido à ausência de recursos, a falta de informação e às más condições de acesso à região.

Figuras 6 e 7: cachoeira e corredeira no córrego Santa Rita.



*Fonte: Trabalho de Campo 2020
Org. NERY, C.,S.N. (2021)*

Essa região, que configura uma riqueza ecológica dimensionada na Bacia Hidrográfica do Córrego Santa Rita, pode ser considerada uma das mais preservadas do município de Ituiutaba. Ela exige uma maior atenção do poder público, não apenas para a fiscalização dos danos ambientais decorrentes do processo econômico produtivo local, mas também para orientar a população residente e oferecer possibilidades de integrar uma política de desenvolvimento sustentável. Seja por meio do turismo ecológico, ou por meio de políticas públicas que permitam que o homem do campo produza na terra de forma rentável, de maneira que não tenha que ceder à rápida degradação ocasionada pelo agronegócio. Segundo relatos dos entrevistados, não há muita orientação em relação a necessidade de preservação

ambiental ou não os é oferecido uma outra alternativa para obtenção de renda;

[...]preocupar com o meio ambiente a gente até preocupa como se diz, mas a terra é pequena então planta onde dá, quando a florestal vem aí preocupa mais, faz área de preservação mesmo só quando é obrigado, inclusive perto do córrego, mas não temos escolha nem informação suficiente. (Informação verbal ⁴)

Muitos moradores da comunidade, durante as entrevistas e reuniões, se dizem preocupados com as questões ecológicas e de preservação nas propriedades. Muitos deles, inclusive, exercem projetos de financiamento próprio para reflorestar áreas de curso d'água.

A questão da água mesmo, igual vocês passaram ali, a gente tá fazendo um reflorestamento em cima daquela represa, porque ano passado ela praticamente secou, então, tem três anos que nós tamo plantando muda, organizando, então a gente tem essa preocupação sim, porque a escassez de água na região tá degradado eu acho que é preocupante. (Informação verbal ⁵)

Outros moradores se dizem receosos quanto ao avanço do agronegócio da soja na região, que pode causar não só o desmatamento, mas também o envenenamento de hortaliças e pomares, que podem ficar improdutivos, retirando renda dos produtores e comprometendo a saúde do meio natural e dos próprios moradores.

⁴ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

⁵ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

Eu preocupo bastante, igual a soja, é bom, mas o tanto de árvore que corta, a água vai só acabando, as mina vai embora e o veneno acaba com horta, em cima da casa da gente, vai tudo embora, mata tudo (Informação verbal ⁶).

Segundo Brandão (2009), em princípio, é difícil encontrar alguém que seja contra as políticas públicas no meio rural. Todos se igualam em aceitar que as reservas naturais, desde de as muito degradadas, deveriam ser cuidadosamente protegidas e ser recuperadas. De um modo geral, todas as pessoas aceitam que esta tarefa é do Poder Público, em todas as suas dimensões. Às autoridades do Município e às do Governo compete o estabelecimento de políticas de curto, médio e longo prazo, com uma proposta ambiental convincente e competente e que atenda às necessidades dos moradores locais.

Em termos amplos, isto significa que sempre se está de acordo com políticas ambientais que venham a ser estabelecidas e postas em prática, ou que se acrescentem a políticas de estabelecimento de justiça social. Ou, ainda, que venham a propor e colocar em práticas projetos de desenvolvimento regional. De outra parte, subsiste a ideia de que políticas e projetos de proteção ao meio ambiente são questões que enlaçam o Poder Público e as comunidades locais em qualquer uma de suas dimensões.

Realizada essa discussão inicial, chegamos ao momento de discutir as práticas de sociabilidade e solidariedade na comunidade Rural do Córrego Santa Rita. É importante dizer que existem várias categorias de sociabilidade que serão discutidas nessa dissertação (convívio familiar, trabalho, lazer, convívio em comunidade, religiosidade, solidariedade e relação campo-cidade). Sobre a religiosidade, mais especificamente a

⁶ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

religiosidade rural, ela encontra-se presente também nas igrejas rurais, em maior quantidade que em outros recortes do rural ituiutabano. É junto a elas e em alguns locais de encontro da comunidade que a vida social se desenrola, onde o turismo rural pode encontrar seus motes. São espaços de lazer, de sociabilidade, de práticas religiosas e outras atividades culturais. As Folias de Reis, por exemplo, são importantes manifestações religiosas com apelo turístico, com festas que podem durar vários dias, envolvendo a peregrinação da folia por diversas fazendas. (Figuras 8 e 9)

Figuras 8 e 9: Espaço religioso da comunidade e estandarte da Folia de Reis: elementos da religiosidade rural da comunidade do Córrego Santa Rita.



*Fonte: Trabalho de Campo 2020
Org. NERY, C.,S.N. (2021)*

No próximo capítulo, serão discutidas as categorias de sociabilidade de forma mais detalhadas devido ao alto nível de

importância que essas possuem para o desenvolvimento do trabalho. É importante ressaltar, que mesmo que discussões sobre os aspectos materiais (como a produção econômica), (figuras 10 e 11), sejam importantes, o principal foco aqui é discutir as relações imateriais existentes na área de estudo e que, via de regra, ocorrem concomitantemente à produção material.

Figuras 10 e 11: Produção econômica material presente no córrego Santa Rita.



*Fonte: Trabalho de Campo 2020
Org. NERY, C.,S.N. (2021)*

A SOCIABILIDADE, SUAS DIMENSÕES DE ANÁLISE E SEU PAPEL NA PRODUÇÃO DO LUGAR

O conceito de Lugar

Neste tópico iremos discutir o conceito de lugar baseado em dois autores: Ana Fani Carlos e Yi-Fu Tuan, os quais abordam diferentes perspectivas sobre esse conceito. Ambos possuem diferentes bases epistemológicas em suas abordagens, em outros momentos dessa dissertação, o conceito de Lugar de Milton Santos também será abordado e discutido. Ana Fani Carlos nos apresenta o Lugar na perspectiva marxista, que contrasta em alguns aspectos com a concepção miltoniana que, por sua vez, traz elementos da crítica pós-estruturalista. Por sua vez Yi-Fu Tuan nos apresenta o conceito de lugar baseado em elementos humanísticos, o que permite uma abordagem mais centrada nos sujeitos sociais e em suas subjetividades.

Lugar é um conceito chave da Geografia cuja definição depende da abordagem que é construída no estudo do conceito, muito ligada ao método e à corrente epistemológica definida para a sua concepção. Dessa forma, o texto tem o objetivo de fazer uma abordagem comparativa entre três perspectivas de estudo do mesmo conceito, a fim de mostrar as similaridades e diferenças de lugar a partir da utilização de diferentes correntes metodológicas.

A concepção Marxista de lugar de Ana Fani Carlos

Ana Fani Carlos é uma geógrafa brasileira, nascida em São Paulo, que têm suas obras dedicadas principalmente ao estudo do espaço urbano com uma percepção voltada para a Geografia Crítica, submetida ao materialismo histórico dialético. A obra escolhida para a comparação aqui realizada foi “O Lugar no/do mundo”, em que a autora faz uma análise conceitual a partir das relações capitalistas e de produção levando em conta a percepção do par dialético Global/Singular local e a lei da tese/antítese/síntese.

A autora aborda uma conceituação de lugar intimamente ligada à dinâmica histórica e cultural do processo de formação de um local que é também uma expressão de globalidade. Para ela, o lugar é o ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local, enquanto especificidade concreta e enquanto momento. Nessa relação dialética entre global e local a globalização materializa-se no lugar, pois é nele que se entende o mundo e suas dimensões variadas numa visão ampla, o que significa dizer que no lugar se vive e se realiza o cotidiano e é aí que ganha expressão o mundial. O mundial que existe no local redefine seu conteúdo, sem, todavia, anularem-se as particularidades.

Para Carlos (2007), o lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos, que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente à produção da vida. Se as relações de

produção espacial, global e de trabalho são consideradas para a concepção de lugar da autora, logo, os lugares manifestam-se nas desigualdades;

É no plano do lugar que é possível, por exemplo, compreender a racionalidade homogeneizante inerente ao processo de acumulação, que não se realiza apenas a partir da produção de objetos e mercadorias, mas liga-se cada vez mais à produção de um novo espaço, de uma nova divisão e organização do trabalho, além produzir modelos de comportamento que induzem ao consumo e norteiam a vida cotidiana (CARLOS, 2007, p. 11).

O Lugar é espaço de construção social real e concreto, apropriado, que se baseia na reprodução da vida, que é influenciada pelas relações socioeconômicas. Ana Fani Carlos foi influenciada pela perspectiva de Lefebvre, para ele, a produção de um espaço político mundial aparece como um devir desigual cheio de contradições com regressões, deslocamentos e saltos. Ainda assim, é no lugar que se realiza a produção da vida e das relações de produção.

É importante destacar o conceito de não-lugar proposto por Carlos (2007). Se um lugar pode se definir como indenitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como indenitário, nem como relacional, nem como histórico definirá o não-lugar. As concepções acerca do lugar e não-lugar estão ligadas ao entendimento de identidade e influência econômica sobre o conceito, ligadas à prática social vivida. O lugar guarda uma dimensão prático-sensível, real e concreta que a análise, aos poucos, vai revelando.

Essa concepção de lugar e não-lugar está relacionada tanto aos lugares de passagem como, por exemplo, aeroportos, estações, supermercados, que são lugares nos quais o indivíduo não constrói uma identidade, pois causa um estranhamento pela ausência também de processo histórico. Quanto pela apropriação do lugar pelo capital que faz com que ele ganhe outros símbolos e outros conteúdos, como o turismo que se apropria de elementos naturais e os comercializa. “[...] O espaço produzido pela indústria do turismo perde o sentido, é o presente sem espessura, quer dizer, sem história, sem identidade; neste sentido é o espaço do vazio. Ausência. Não-lugares” (CARLOS, 2007, p. 67).

Esses dois processos apontam para o fato de que ao vender-se o espaço, produz-se a não-identidade e, com isso, o não-lugar, pois longe de se criar uma identidade produz-se mercadorias para serem consumidas em o momento da vida, dentro e fora da fábrica, dentro e fora do ambiente de trabalho, nos momentos de trabalho e de não-trabalho. (CARLOS, 2007, p. 64).

Dessa forma, o não-lugar não é a simples negação do lugar, mas diferencia-se do lugar pelo seu processo de constituição. É nesse caso produto da indústria turística que com sua atividade produz simulacros de lugares, através da não-identidade. Além disso, também se produzem comportamentos e modos de apropriação desses lugares.

Para Carlos (2007), é a cultura que produz identidade para um lugar. O lugar é o referencial da experiência vivida e pleno de significado, o que entra em consonância com o conceito humanístico de Lugar. Pensar o lugar significa refletir sobre a história de cada local realizado em função de uma cultura e tradição.

A concepção humanística de lugar de Yi-Fu Tuan

Yi-Fu Tuan é um geógrafo sino-americano nascido na China e formado em Oxford na University College, seus trabalhos são voltados para uma Geografia Humanística e para a existência humana. Em uma de suas obras mais importantes, denominada “Topofilia”, ele mostra um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. O geógrafo busca compreender os sentimentos das pessoas em relação ao lugar e como isso está ligado à cultura dos povos e ao meio ambiente, sua visão está relacionada, muitas vezes, à sua ancestralidade, eventos e lugares existentes na China. Além da obra citada, foi utilizada também como base para a construção desse tópico a obra “Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência”, também de Yi-Fu Tuan.

Yi-Fu-Tuan é um autor de destaque na perspectiva humanística, a qual tem asilo na fenomenologia hermenêutica, visto que essa corrente é a mais adequada na perspectiva que ele aborda. O lugar é o conceito chave de seus estudos que consideram a vivência e a experiência humana.

Ao aprofundar a discussão sobre o lugar na ciência geográfica, por meio de uma visão humanística, Tuan (1993) não privilegia em suas obras as formas do espaço e sim a vida e o cotidiano, pois o lugar é geograficamente construído e manifesto da nossa experiência cultura e vida. Essa experiência é dotada de significados e símbolos. Para ele, lugar é um centro de significados construído pela experiência. “As grandes planícies dão a sensação de espacialidade. O lugar é a segurança e o espaço a liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. Não há lugar como o lar.” (TUAN, 1993, p. 3).

O autor ressalta que apenas a própria passagem do tempo não garante o sentimento de lugar, pois, se a experiência leva tempo, a própria passagem do tempo não garante a experiência. “Topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou meio ambiente físico. Difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal” (TUAN, 2012, p. 33). Esses elos de afetividade são percebidos nas relações sentimentais com o meio ambiente, além disso, os lugares construídos são dotados de intencionalidade e significados.

Logo, para o espaço se transformar em lugar depende de algumas vertentes como as percepções pessoais e coletivas em ao local, que são difundidas por meio de normas. Segundo Tuan (1993), as informações simultâneas táteis, auditivas, visuais e olfativas fornecem memória, conhecimento espacial e experimentação, logo, também fornece sentimentos. Via de regra, a partir do lugar estamos cientes da amplitude do espaço. Para o autor, o lugar surge a partir do momento em que se desenvolve experimentação e sentimento a partir de um determinado espaço, ou seja, o que começa como espaço transforma-se em lugar à medida que o conhecimento espacial melhora e o dotamos de valor.

São raras as ocasiões em que, por si mesmo, um agricultor que se orienta em um espaço estranho e inóspito. Ele não tem necessidade de fazer um esforço consciente para estruturar o espaço, desde que o espaço em que se move constitui parte integrante de sua vida cotidiana que de fato é o seu “lugar” Espaço é algo que permite movimento e lugar é pausa (TUAN, 1993, p. 89).

Levando em consideração os aspectos observados, a importância do lugar para a Geografia é inegável. Dotado de significado, o mesmo conceito pode percolar por diversas correntes ao demonstrar sua importância para a análise da relação sociedade e natureza. Essa valorização da cultura e do tempo histórico é extremamente importante para o estudo dos espaços de sociabilidade e solidariedade, pois é ela que propicia espaços solidários, dotados de história e significados consoantes com as comunidades.

A cultura valoriza determinados lugares que são importantes e que despertam sentimentos, e é nos momentos de sociabilidade, que essa valorização ocorre de forma mais incisiva, pois, é no tempo-livre que as pessoas praticam aquilo que realmente gostam, como por exemplo, quando as pessoas se reúnem para os encontros religiosos e de manifestação da fé.

Embora os autores citados nesses tópicos trabalhem com o mesmo conceito, a abordagem que cada um faz de acordo com a corrente teórico-metodológica seguida faz toda diferença. Yi-Fu-Tuan, por exemplo, foi criticado por alguns autores por apresentar uma visão reducionista, pois, para ele, para estudar o lugar é necessário reduzir até o sentimento e experiência do sujeito, o que causa abstrações e dificulta a visão do todo, que Ana Fani tanto ressalta, ao apontar a globalização e mundialidade, o que aponta uma diferença importante.

Ou medimos e mapeamos o espaço e lugar, e adquirimos leis espaciais e inventários de recursos através de nossos esforços. “Estas são abordagens importantes, porém precisam ser complementadas por dados experienciais que possamos coletar e interpretar com fidedignidade, porque nós mesmos somos humanos (TUAN, 1993).

Outra diferença importante é que, para Yi-Fu-Tuan a Divisão territorial do trabalho não interessa na concepção de lugar, pois, os sujeitos possuem seus sentimentos e experiência independentemente das relações econômicas, em contrapartida, para Ana Fani Carlos, o lugar nunca é limpo, mas é influenciado o tempo todo pelas condições socioeconômicas e pelas relações capitalistas de trabalho.

Ao citarmos as similaridades, algumas são importantes de serem destacadas, pois, independentemente da visão dos autores, são características indissociáveis ao conceito de lugar. A primeira é a questão cultural, Ana Fani Carlos não desvincula o lugar dessa perspectiva de análise contundente de Yi-Fu-Tuan. Para Fani Carlos é a cultura que produz identidade para um lugar. O lugar é o referencial da experiência vivida e pleno de significado, o que entra em consonância com o conceito humanístico de lugar.

Em relação à construção e produção histórica (característica fortemente estudada pelos marxistas e neomarxistas) Yi-Fu-Tuan reconhece a importância desse processo para concepção de Lugar. “A consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar” (TUAN, 1993, p. 63).

Atualmente a Geografia Cultural Crítica e a Geografia Humanística redesenharam o conceito de lugar acrescentando elementos levantados pelos autores críticos, como Milton Santos e Ana Fani Carlos. Dessa maneira, o trabalho de Yi-Fu Tuan continua sendo uma referência basilar para o pensamento humanístico, porém com os aportes acrescentados por geógrafos mais contemporâneos. A este respeito Portuguez (2017) afirmou que o caráter único dos lugares requer a necessidade de pensá-los desde de suas especificidades. Por outro lado, considerando-se a sua íntima vinculação com as grandes estruturas de

produção/regulação do capitalismo, os lugares devem ser focalizados dentro de uma perspectiva integrada, ou seja, articulando-o com o global. Ainda segundo este autor:

O lugar em suas múltiplas esferas, se mostra como a dimensão do espaço vivido, onde as pessoas se tornam importantes elementos da sua produção, em contrapartida aos mecanismos padronizadores do mundo globalizado. O lugar é, neste sentido, aquela instância ambígua, onde o global se materializa, mais ao mesmo tempo permite uma organização muito particular de sua energia, resultando na manifestação individual do mundo. É, portanto, a dimensão do espaço imediato dos acontecimentos mais simples e também mais complexos da vida cotidiana (PORTUGUEZ, 2017, p. 101).

Como é no lugar que ocorrem as relações de sociabilidade e de solidariedade, esses conceitos precisam ser melhor compreendidos, o que realizamos nos próximos dois tópicos seguintes.

A Solidariedade como conceito, princípio e a pluralidade das relações solidárias

A solidariedade é um conceito difícil de ser definido. Segundo Diniz (2008), a humanidade precisa da solidariedade para viver em sociedade, pois é na solidariedade que o ser que vive, atua e relaciona-se na comunidade, sente-se vinculado aos seus semelhantes. A solidariedade, portanto, está vinculada à ideia de cuidado de uns com os outros, não apenas dentro do vínculo familiar, mas também no vínculo comunitário, nas atividades cotidianas, de lazer, entre outras.

A solidariedade, de modo geral, pode ser considerada como um princípio humano, em que as pessoas realizam ações em benefício do próximo. Segundo Capone (2007), esse conceito pertence ao âmbito do princípio da ética, a partir do momento em que só pode existir entre aqueles que se reconhecem como participantes de uma comunidade intersubjetiva de agentes morais. Ainda sobre a discussão sobre esse conceito, Lôbo (2007), define a solidariedade como princípio, pois ela não é outra coisa que não a realização de ações que beneficiem os outros, a partir do reconhecimento do outro como um sujeito autônomo capaz de tomar decisões e de fazer escolhas, isto é, de aceitar ou de rejeitar essas ações.

Ainda segundo Capone (2007), a solidariedade procura tomar como ponto de partida as diferenças, uma pluralidade humana considerada irredutível. Perante a impossibilidade de falar de uma natureza que nos unifique, é necessário pensar a condição humana em função da categoria de "pluralidade". Ou seja, pluralidade é a condição da ação humana diversa, pois todos somos o mesmo, isto é, humanos, e, portanto, ninguém é igual a qualquer outro que tenha vivido, viva ou viverá jamais.

Para Diniz (2008), o primeiro contato com a noção de solidariedade mostra uma relação de pertinência: as nossas ações sociais repercutem, positiva ou negativamente, em relação a todos os demais membros da Comunidade. A solidariedade implica, por outro lado, a corresponsabilidade, a compreensão da transcendência social das ações humanas, do coexistir e do conviver comunitário.

Outra perspectiva do conceito de solidariedade é a de Westphal (2008), para o autor, a solidariedade é entendida como o amor ao próximo, tendo sua origem nos termos fraternidade e irmandade. Esse conceito, foi adotado na revolução francesa e

tornou-se lema de luta para a construção de uma sociedade de cidadãos iguais.

O conceito de solidariedade tem ainda duas outras fontes: 1) a idéia de unidade pagã-republicana (do grego homonoia e do latim concordia) e amizade civil (do grego philia e do latim amicitia), e 2) a idéia bíblicocristã de fraternidade (fraternitas) e amor ao próximo (caritas) (BRUNKHORST, 2002, p. 12).

Essa discussão do autor parte do ponto de vista eurocêntrico, de um conceito de solidariedade que surgiu mediante importantes transformações no espaço que ocorreram no continente europeu. Portanto, ao estabelecer a discussão de solidariedade como um compromisso recíproco entre as pessoas e a disponibilidade imediata de ajuda ao próximo é possível entender que as relações solidárias existem desde que as relações sociais também existem, (não apenas no continente europeu, ou de origem europeia), mas em todos os locais do mundo, entre civilizações das mais antigas de povos tradicionais, de pessoas que viviam em comunidade, à medida que a solidariedade é uma categoria da sociabilidade.

É importante destacar que, segundo Koeke (2013), a solidariedade consta também na constituição que rege o Brasil, criada em 1988, a constituição visa estabelecer a construção de uma sociedade livre, justa e solidária como um dos objetivos fundamentais do Estado. Logo, ela expressa o valor solidariedade como um dos valores que compõem o relacionamento entre os seres humanos, juntamente com outros valores como é o caso da liberdade e da justiça social. Isto quer dizer que a Constituição Cidadã, equiparou a solidariedade à condição de princípio constitucional, conforme se verifica do disposto no artigo 3º, inciso I:

Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: I - construir uma sociedade livre, justa e solidária; II - garantir o desenvolvimento nacional; III - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

A solidariedade rural e as relações solidárias na comunidade do Córrego Santa Rita

Na comunidade rural do Córrego Santa Rita existe uma solidariedade como prática social, ou seja, como uma configuração da sociabilidade. Além de não se limitar apenas à caridade ou à ajuda prestada, esperando um retorno mútuo não obrigatório, ela não se supõe a uma troca de interesses como forma de domínio. É importante salientar que, no meio rural existem relações de solidariedade diferentes das encontradas no espaço urbano, que se estabelecem motivadas por diversas razões;

O primeiro tipo de solidariedade dominante no meio rural, aqui considerado como base de relações sociais, reproduz-se no quadro das vivências que são operadas na comunidade e, neste sentido, desencadeia-se tendo em conta aspectos de ordem marcadamente endógena, quanto mais não seja porque é justificada pela relação de vizinhança e companheirismo, familiaridade e amizade (JESUS, 2013, p. 45).

As relações comunitárias do meio rural, são, sobretudo, culturalmente ligadas às relações de solidariedade devido à proximidade que as pessoas do campo normalmente possuem. Na comunidade aqui estudada é possível identificar essas relações no

convívio diário que as pessoas estabelecem, principalmente por meio das relações solidárias que ocorrem no momento do trabalho, da doença e das comemorações e festividades.

No meio rural é muito comum que as famílias de uma comunidade se reúnam em relações solidárias como forma de sobrevivência econômica. Apesar do avanço do agronegócio ser recente na região e de a comunidade ainda não ter dimensionado os prejuízos ou consequências que esse avanço pode trazer, todavia, os trabalhadores no espaço rural são solidários ao “ganha pão” um do outro, sempre preocupados com as condições financeiras e de trabalho que existem na comunidade.

Essas ações solidárias, traduzem a maneira como a comunidade se constitui no espaço, desde a sua origem, e como ela abrange as atitudes solidárias como parte da cultura das pessoas que vivem no campo, e como essa cultura é, para eles, necessária ao convívio comunitário. Segundo Brandão (2009), a cultura não é um poder ou algo que pode ser atribuído ocasionalmente aos acontecimentos sociais, ela é um contexto, algo que pode ser descrito de forma intelegível e corresponde ao que torna possível o próprio acontecer humano na/e como sociedade.

Existe um outro tipo de solidariedade que se expressa por meio mais formal e institucionalizado, ou via de regra, não emerge da vontade individual do momento, mas trata-se de uma obrigatoriedade do convívio comunitário do campo;

Trata-se, portanto, de um tipo de solidariedade que ocorre num contexto em que a lógica de troca e de ganhos recíprocos é muito mais explícita e, além do mais, expressa-se através das várias ações que constituem as dinâmicas de desenvolvimento local, mas fundamentalmente através de crédito, doações, ajudas e

pensões sociais, de cuja análise vamos nos ocupar de seguida (JESUS, 2013, p. 45).

Na comunidade Rural do Córrego Santa Rita, podemos observar esse tipo de solidariedade formal em diversos momentos, como por exemplo, durante as reuniões que ocorrem na assembleia da comunidade e no Estatuto da Comunidade Santa Rita. Esse documento foi criado no ano de 2001, pelo então presidente, e estabelece em seu texto um conjunto de orientações e regras sobre o convívio comunitário. O Artigo 1º do Capítulo 1 (p.1) estabelece que;

A comunidade de Santa Rita, têm por finalidade: promoção da união e participação dos moradores nos trabalhos de melhoria da comunidade, através de levantamento e discussão dos problemas. Buscando as soluções dos mesmos, divulgação dessas atividades, em defesas dos seus interesses.

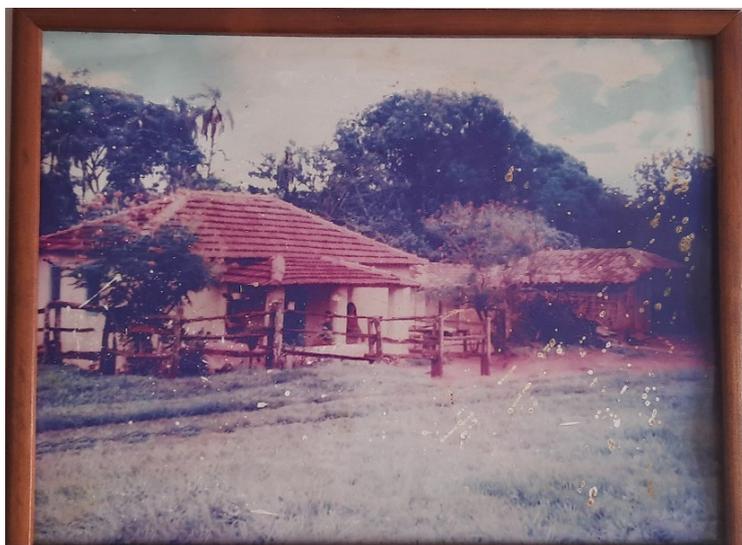
Nesse caso, a solidariedade é documentada, expressada em forma de união obrigatória entre os membros, que devem contribuir uns com os outros em busca de melhorias do espaço em que vivem e convivem.

Contra este cenário de realidade – em parte escuro, em parte cinza – estão os pontos de luz, as jóias da bondade humana. Eles podem ser fenômenos naturais, mas eles têm a sensação de epifania, no dado como bálsamo, consolo, e, acima de tudo, esperança (TUAN, 2008, p. 212).

Elencados os dois tipos de solidariedade existentes na comunidade rural, é importante relatar que a história da comunidade do Córrego Santa Rita tem a sua origem vinculada a uma história de solidariedade. Segundo relatos orais, a comunidade originou-se da Fazenda Santa Rita, (figura 12), em que o dono era devoto de Santa Rita de Cássia. Essa fazenda foi

a primeira da região e teve seu território repartido em outras pequenas propriedades rurais, que foram herdadas por pessoas da família e também compradas por pessoas de outros locais. As imagens da fazenda configuram um importante registro material de várias relações imateriais e simbólicas que se perpetuaram nesse lugar.

Figura 12: Fazenda Santa Rita da década de 1990.



*Acervo pessoal.
Org. NERY, C., S.N. (2021).*

Por isso uma casa velha e quase em ruínas, é ainda um lugar ancestral e, quanto mais velha entre as gerações, mais ela é um “Lar”. Por isso, depois de construída e habitada, ela é mais- mesmo hoje, mesmo agora- bem mais do que um bem material. Uma casa torna-se um dom de sentido: um patrimônio. Neste lugar onde eu moro o valor de troca (o quanto ela vale em dinheiro) submete-se ao valor de uso (o quanto ela vale por ser onde eu habito) e, ambos se submetem ao valor do dom (o quanto ela vale como um símbolo chamado “a nossa casa”). Algo que acaba “não tendo preço”, mesmo que financeiramente esteja “aos pedaços” e “não tenha valor” (BRANDÃO, 2009, p. 21).

Segundo relatos orais, o prédio era bem pequeno e foi cedido pelo proprietário da Fazenda Santa Rita para construção da escola. A escola era municipal e pertencia à prefeitura do município de Ituiutaba (denominada Manoel Afonso Cancelli). Ela possuía uma estrutura bastante simples, “Além das paredes de pau a pique, o piso era de terra batida, ou seja, não ladrilhado, tinha pouca ventilação e iluminação, tinha fossa rudimentar, a cobertura era de coqueiro, e área de apenas 10m²” (Souza, 2021, p. 98).

A primeira professora a trabalhar na escola veio de um processo migratório de outro município da região, e ainda, segundo entrevistados em seus relatos orais, ela não tinha onde ficar para poder lecionar na comunidade e, dessa forma, a entrevistada e seu esposo, cederam, em uma atitude solidária, informal e amigável, a casa para que essa professora pudesse morar com eles.

Meu marido mandou lá a igreja, teve uma escola lá também, aí a professora ficou lá em casa um ano, ela morava com nós um ano, faz muitos anos já. Nós cedeu, deixei ela ficar lá, ela deu a santa pra igreja, aí depois ela me deu outra pequena, ela lecionou depois foi embora pra cidade, agradeceu muito (Informação verbal ⁷).

Figura 13: Escola Municipal Afonso Cancellia



Fonte Acervo particular.

Autor : Souza, 2021, apud Antuza, 2022.

Org. NERY, C.,S.N. (2022)

⁷ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

Como forma do agradecimento à solidariedade da moradora da Fazenda Santa Rita a então professora, a presenteou com a imagem da Santa, (figura 14 à esquerda) a qual ela guarda em sua casa com muito apego. Anos depois a professora voltou e presenteou a igreja (figura 15 à direita), que havia sido construída pelos moradores locais, com outra imagem de Santa Rita. Essa permanece na igreja até os dias atuais.

Figuras 14 e 15 : Imagens de Santa Rita de Cássia



*Fonte: Trabalho de Campo 2022
Autora e Org. NERY, C.S.N. (2022)*

Na comunidade não existe mais escola, ela foi demolida e deu espaço a uma área de pastagem, portanto, as crianças e adolescentes precisam frequentar a escola localizada na comunidade vizinha (São Lourenço) ou ir para a cidade.

O prefeito uma vez me disse: Sinceramente, eu prefiro trazer os alunos da zona rural do que manter uma escola lá. a situação que tá a estrada, essa estrada passa em frente a uma comunidade que se dizem que é uma das comunidades mais ativas, tanto é que nós ganhamos uma internet (Informação verbal⁸).

Apesar de existir vontade da comunidade de que a escola rural volte a existir, o número de crianças que atualmente ali vivem diminuiu muito, o que não cria precedentes suficientes para a construção de uma nova escola. Outrossim, não existe uma melhoria efetiva das estradas que dão acesso tanto à escola do São Lourenço, quanto às escolas da cidade, o que coloca, de certa forma, as crianças em situação de risco no momento do transporte. Diante desse breve histórico sobre a solidariedade da comunidade estudada, é preciso destacar que as relações solidárias, estão presentes nas mais diversas relações sociais que nela ocorrem

Ao chegar na comunidade, é possível perceber que o seu símbolo são pessoas de mãos dadas, representando a união (figura 16). O que já demonstra a intenção dos moradores de manter e externar importantes vínculos solidários.

⁸ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

Figura 16 : Logo da comunidade Santa Rita



*Fonte: trabalho de campo 2022
Autora e Org. NERY, C.,S.N. (2022)*

Além do símbolo da comunidade, o seu estatuto, no capítulo II, artigo 5º salienta;

A comunidade de Santa Rita terá como objetivo básico, congregar os habitantes locais, sem distinção de sexo, raça, cor, nacionalidade, crença, em torno de seus problemas, promovendo o seu desenvolvimento comunitário bem como da comunidade em que está inserido, e propiciando a seus associados condições adequadas para habitar, trabalhar, recrear e de se desenvolver.

Portanto, é possível perceber que a solidariedade enquanto prática formal e informal e a relação comunitária, nesse estudo, são indissociáveis.

Segundo Brandão (2009), a própria conversa cotidiana entre vizinhos, amigos e parceiros do trabalho, ou no âmbito familiar (ali onde as opiniões são bastante relevantes), quase sempre sobre assuntos ligados ao trabalho no campo de modo geral, é nelas, que se discutem estratégias de comercialização da produção, ajuda para a comercialização, tudo em busca de uma melhor economia comunal. “Igual uma vez minha moto estragou e eu precisei de gente pra levar minha motoca, apareceu muitos” (Informação verbal ⁹).

Essa vida partilhada, solidária e comunitária, significa criar um lugar onde pessoas, famílias e grupos reúnem-se em um lugar topofílico¹⁰ para conviver. Nós, humanos, tornamos habitável um espaço múltiplo ao assumirmos papéis importantes para os mais diversos momentos do cotidiano, de mãe, pais, filhos, trabalhadores, cônjuges, companheiros, amigos, entre outros. Tudo isso, cria o viver solidário, não porque fazem isso materialmente, mas porque o realizam movidos por palavras, imagens, símbolos, sentidos, ideais e imaginários. Esse fluxo da convivência diária cria e perpetua os lugares, que, uma vez construídos, tornam-se _o aqui onde se vivencia o saber solidário e a vida em comunidade.

⁹ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

¹⁰ Topo: lugar, Filia: sentimento positivo. Topofilia é um conceito de Yi-Fu Tuan descrito como sendo "o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico".

Como a comunidade Santa Rita sustenta-se, predominantemente, por meio do trabalho familiar rural, é também nos momentos de trabalho que podemos constatar várias relações solidárias ou até mesmo de exploração dessa solidariedade. Segundo entrevistados, é nos momentos da observação da rotina na comunidade que fica nítida a cobrança que existe em torno das relações solidárias. O dizer “não” para o próximo quando alguma ajuda é solicitada é quase um “pecado”. Algo que as pessoas reprimem, portanto, existe uma ideologia em torno da ajuda.

A solidariedade não está presente apenas na prática; ela encontra-se vinculada às ideias do lugar. “É cultural manter as boas relações, igual meu avô que passou para os meus tios, é cultura, aí chegou no meu tio mais velho e cortou a cultura de solidariedade e ingenuidade.” (Informação verbal ¹¹). Segundo a opinião dos mais jovens da comunidade (entrevistados de 18 a 26 anos) a solidariedade perpassa pela ingenuidade, e é na ingenuidade que existe a exploração das relações solidárias. A política da boa vizinhança é mais comum aos idosos ou pessoas acima dos 50 anos.

O trabalho no meio rural é constante para a maior parte dos moradores da comunidade, é exaustivo e exige dedicação diária. Por isso, quando algum morador se ausenta da vigília de sua propriedade, os vizinhos acabam por contribuir de forma voluntária com os imprevistos que podem ocorrer. “Quando a gente tá pra cidade e o gado foge sempre tem alguém pra apartar,

¹¹ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

ele cuida do gado pra nós. Isso é o que acontece, ninguém preocupa porque sabe que pode contar” (Informação verbal ¹²).

Outro exemplo é relatado pelo relato oral 15 “A gente contrata pra ajudar as pessoas, tipo vai mexer com gado, ele me ajuda eu ajudo ele, por exemplo, ou pra fazer o silo. Mas a gente junta a turma aí e arruma quando precisa. (Informação verbal ¹³).” Nesse relato é possível perceber que existe uma união solidária em torno do trabalho do campo, para cuidar da alimentação do gado, por exemplo.

Mutirões de trabalho também são comuns, principalmente para cuidar do que eles nomearam de “sede da comunidade”. “Última vez que a roça foi plantada as pessoas vem e se ajuda, todo mundo vem da comunidade, lava as cadeiras, limpa aqui. Mas a gente tá tentando unir mesmo.” (Informação verbal ¹⁴). Esse cuidado com o local de reunião e encontros comunitário é uma obrigação para cada membro, o qual é previsto em estatuto, que está registrado em cartório e anexado em um escritório da cidade. Para manter o local, eles cederam, sem nenhuma cobrança, a casa e a venda que ali existe. Portanto, os moradores dessa casa têm como função manter a comunidade unida e zelar pelo local comum.

¹² Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

¹³ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

¹⁴ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

Além da ajuda que existe dentro e para a comunidade, há uma rede de apoio solidária para com as pessoas da zona urbana;

Na época do natal e da quaresma a gente faz arrecadação de cesta básica pra doar, mas a gente manda pra cidade e paróquia de lá faz as doação para as famílias, aqui graças a Deus todo mundo vive bem, não passa fome, mas já aconteceu de ter uma família com dificuldade de roupa, porque é muita criança, então a gente fez arrecadação de roupas e mandou para eles (Informação verbal ¹⁵).

Ou seja, a solidariedade também vem das doações, que são ofertadas tanto para os moradores locais quanto para os moradores da cidade, ultrapassando as barreiras da comunidade e perpassando pelas relações campo-cidade. Outra relação solidária comum existente dentro da comunidade é a “política dos créditos” que ocorre de maneira informal. Para Jesus (2013, p.46)

A palavra crédito tem várias acepções e como tal integra vários domínios de conhecimento. No âmbito da economia, crédito pode ser entendido como: Relação jurídica baseada na confiança e que consiste na entrega por alguém a outrem de certo bem com a condição de vir a receber o pagamento dentro de certo prazo. Aquele que entrega (credor) senhor de um direito (crédito) sobre o que recebe (devedor) a um pagamento acordado.

Ou, ainda segundo o Jesus (2013), numa perspectiva que extravasa o campo econômico, o crédito pode também ser entendido como “confiança que inspira as boas qualidades de uma pessoa”, “boa fama”, “autoridade”, “prestígio”. O sistema de crédito que é constatado a existência na comunidade estudada,

¹⁵ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

configura uma prática que integra a estratégia de sobrevivência das famílias do meio rural, deve ser analisado numa perspectiva diferente, ou seja, numa ótica em que a concessão de alguma coisa a alguém não pode ser redutível inteiramente à perspectiva economicista nem inteiramente anti-utilitarista, mas antes numa simbiose entre uma e outra.

De forma prática, dar crédito é emprestar dinheiro, ferramentas, maquinários, ou até mesmo insumos a outro morador da comunidade que necessite dessa ajuda financeira para manter sua produção ou seu consumo. “Importa, contudo, dizer que, o princípio fundamental que os norteia é basicamente o de facilitar o acesso dos mais pobres aos recursos [...], visando a melhoria das suas condições de vida”. (JESUS, 2013, p.46). O que também pode ocorrer, via de regra, é a não devolução dos itens emprestado, ou o não pagamento do valor devido, nesse caso;

[...]tem muito malandro. Tira vantagem em serviço, desvaloriza nossos animais colocando preço baixo não devolve as coisas, nojento. Passa a perna na hora das catira, tem até os agiota que empresta dinheiro na comunidade. Tem dois aqui. Quando não paga, pega uma vaca, pega um trem, mas fica com nome queimado, sujo na comunidade e ninguém empresta mais nada (Informação verbal ¹⁶).

¹⁶ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

Por se tratar de uma comunidade que preza pela solidariedade como princípio, é comum que existam situações de exploração dessa solidariedade, ou conflitos, quando o retorno do apoio não é correspondido da maneira esperada. Algo muito comum nas relações sociais.

Vizinho é um trem complicado, folgado, a gente ajuda ele e ele não ajuda a gente em nada. Mas tem os vizinho que é bão, que ajuda a gente. O gado dele passa pra nossa fazenda a gente ajuda e nesses casos[...]. Igual uma vez ele pegou água no nosso tanque porque tava sem água, mas quando precisou fazer o curral dele ele jogou o mato pra nossa fazenda e isso deu uma multa, igual, eu não considero ele um vizinho bom, mas meu avô deve considerar, não sei. Esse cara é folgado. Na verdade, os mais velhos não acham ele folgado, mas a gente acha (Informação verbal ¹⁷).

Esse é só um de muitos relatos presenciados sobre os conflitos gerados quando a expectativa em torno da solidariedade do outro não é correspondida ou quando existe a exploração da solidariedade do outro, a qual é condenada pela população, principalmente os mais jovens.

Finalmente, pensamos que as práticas que conduzem à obtenção de ajudas e doações são reproduzidas de um lado e doutro, utilizando mecanismos que se encontram no limite de valores que integram a consciência colectiva dos mesmos (JESUS, 2013, P. 50).

¹⁷ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

É importante destacar que as doações que ocorrem dentro da comunidade exercem um papel importante e também político. Como essa política solidária é muito bem vista na comunidade, os próprios bancos que existem na sede em que são realizados as reuniões comunitárias têm os seus encostos pintados, para que, de forma explícita, fique registrado quem ofertou a doação dos mesmos. Essa exposição acontece a fim de que essa pessoa que doou, de alguma maneira, obtenha prestígio, voto, poder ou reconhecimento.

Figura 17: Bancos da Sede da comunidade



Fonte: trabalho de campo 2022

Autora e Org. NERY, C.,S.N. (2022)

Seja de interesse político ou não, segundo Jesus (2013), no quadro destas ações, as famílias desencadeiam um conjunto de outras estratégias para poderem ter acesso a determinados recursos, designadamente a adesão a uma organização política ou da sociedade civil. Via de regra, pedidos, lamentações, manifestação de preferências partidárias, ou simplesmente abdicar-se de emitir opiniões sobre partidos políticos, associações, pessoas com uma certa notoriedade na localidade, associado ao conjunto de opções e condutas, capitalizam estas estratégias de sobrevivência.

Por fim, a abordagem feita ao longo desse tópico sobre solidariedade também ocorre nos tópicos que discutem sobre as relações de sociabilidade; religiosidade, trabalho, lazer, relação campo-cidade e relações comunitárias, (que serão melhor discutidas nos próximos tópicos) ou seja, ao longo de todo esse trabalho será possível identificar essa característica empática presente na comunidade estudada, pois ela está atrelada às relações de sociabilidade e não deve ser analisada apenas de forma separada.

O conceito de sociabilidade

Para dar início à discussão, é importante fazer alguns apontamentos sobre algumas diferenças conceituais entre socialização e sociabilidade. A palavra socialização está ligada às relações de poder em que a convivência social está submetida, em contrapartida, a sociabilidade está relacionada às vontades individuais de interação social, mesmo que submetidas à socialização e ao padrão imposto. A sociabilidade ocorre nas

relações humanas que se projetam no espaço, no território ou no lugar, dependendo de como é analisada.

Segundo Abrantes (2011), enquanto resultado das sucessivas interações do indivíduo no mundo social, a socialização ocorre sempre no contexto de relações de poder. Embora a socialização inclua todas as experiências no mundo social, a participação regular em práticas sociais constitui um espaço privilegiado para os indivíduos desenvolverem competências, relações, identidades e disposições, assim como incorporarem representações do mundo e de si mesmos. Por um lado, com os seus materiais, símbolos e protocolos próprios, as práticas [sociais] possuem uma “lógica interna”, cimentada ao longo do tempo e que vincula as ações dos sujeitos às estruturas sociais (e às respectivas condições de existência); por outro lado, a participação regular implica aceitar e interiorizar essa lógica reflexão acerca da noção de "sociabilidade"

Ainda segundo Abrantes (2011), a sociabilidade é mais que uma categoria de interação social, ela oferece um frutífero ponto de partida para se examinar a dinâmica da experiência vivida e seus modos sociais de organização, mostrando um confronto sempre contraditório e agnóstico com as ordens normativas e os padrões culturais mais amplos da sociedade. Na sociabilidade, os indivíduos encontram-se sempre e inevitavelmente inseridos na vida social, com suas próprias tradições, padrões culturais de pensamento e regras de comportamento.

O conceito de sociabilidade é muito discutido nas áreas de Ciências Sociais e mais especificamente na Sociologia, mas, na Geografia, é possível associar esse conceito com as reflexões sobre o lugar, por exemplo. Na perspectiva do marxismo, a sociabilidade é ligada às esferas sociais que se modificam por

meio do trabalho, que tem origens históricas dentro de um contexto global e de uma esfera social. Nessa esfera o ponto central do conceito de sociabilidade emerge das relações de trabalho, ou seja, relação sociedade-meio, relações interpessoais e relações interinstitucionais. (Moreira, 2005)

Segundo Mascarenhas (2012), a sociabilidade pode ser entendida como um processo no qual os indivíduos interagem entre si conforme se comunicam e fazem suas escolhas, delimitadas no tempo e no espaço, seguindo regras que não inviabilizam suas opções pessoais. A sociabilidade pode acontecer em ambientes privados, quando por exemplo, ocorre um convite informal para um almoço

Neste tipo de convite, a organização da refeição tende a ser simplificada. Todavia, ela pede um tempo de previsão do que se vai comprar e comer o que implica a concepção da ementa, a preparação dos alimentos e sua confecção, a verificação do serviço que se vai utilizar, a decoração da mesa (MASCARENHAS, 2012, p. 7).

Uma discussão interessante a ser feita sobre esse conceito são as tendências de sociabilidade em grupos diferentes, detentores de distintas posições e regras de civilidade as quais as pessoas submetem-se. Ainda no exemplo das refeições:

Na maioria dos grupos domésticos, as sociabilidades nas refeições têm lugar na sala comum ou na casa de jantar. Em contrapartida, em dois grupos domésticos de cariz popular, as sociabilidades podem, em alguns grupos, realizarem-se na cozinha em volta de uma mesa retangular ou no espaço contínuo à casa, o quintal (MASCARENHAS, 2012, p.9).

Moreira (2005), relaciona o conceito de sociabilidade à concepção de sociedade e natureza, na qual o autor identifica práticas relacionadas ao campo do marxismo. Para ele, esse conceito faz lembrar o Gênero de Vida de Paul Vidal de La Blache e o meio técnico de Milton Santos, pois os três conceitos contam com componentes essenciais: o meio, a cultura técnica e a regulação institucional. Entretanto, o autor deixa claro que as três ideias possuem importantes peculiaridades e diferenças em suas construções conceituais.

Nessa perspectiva, a sociabilidade é um conceito ligado à sociedade humana, integrada e conduzida por meio do processo do trabalho, principalmente em uma sociedade mais tecnificada. Sua mudança relaciona-se com a inserção do modo de vida capitalista numa força de produção e organização que interfere diretamente na relação geral da sociedade com a natureza.

A sociedade na perspectiva da Geografia Crítica, sofre a consequência do processo de globalização muito enfatizado por Milton Santos em suas obras.

A visão Marxista de sociabilidade apresentada por autores como Moreira (2005) foi questionada por outros segmentos das Ciências Sociais adeptos à paradigmas pós positivistas (década de 1950 em diante), neste sentido, o estruturalismo de Antônio Cândido nos apresenta um outro olhar sobre a sociabilidade, pautada sobretudo nas interações entre as pessoas, o meio social, o meio natural e toda subjetividade que a cultura produz. A sociabilidade é, segundo Cândido (1964), um agrupamento de algumas ou mais pessoas, vinculadas pelo sentimento de localidade, (o viver no lugar) pela convivência e pelas práticas de auxílio mútuo (solidariedade) e pelas atividades lúdicas e religiosas. Ou seja, os indivíduos possuem a intenção de interação e convivência.

A sociabilidade é o todo formado pela integração das esferas inorgânica, orgânica e social, realizada pelo metabolismo do trabalho e orientada no sentido do salto de qualidade da história natural da natureza (em que se inclui o homem-natureza) para a história social do homem (em que a “primeira natureza” se transfigura em “segunda natureza”) (MOREIRA, 2005, p. 95).

Na perspectiva do humanismo, a sociabilidade engloba as questões relacionadas à convivência, as práticas coletivas de produção, as regras culturais, a dimensão do lúdico, às concepções do sagrado e a todas as demais formas de agir e estar em coletividade. A vida impõe desafios cotidianos e as pessoas precisam reagir individual e coletivamente a estes desafios, o que lhes permite a superação das crises da existência, fazendo surgir daí o conceito de solidariedade. Devido às influências do existencialismo, o humanismo não admite abordagens românticas sobre a sociabilidade como se ela fosse sempre algo positivo.

Socializar implica também em expor-se ao conflito, ao julgamento, ao racismo, ao machismo, à misoginia, à homofobia, à intolerância religiosa e muitas outras formas de excluir pessoas de um determinado grupo social. Se por um lado a sociabilidade é integradora, por outro a antissociabilidade será a expressão da não convivência. A construção do lugar, portanto, passa por uma série de relações de sociabilidade, mas também passa pela antissociabilidade, em outras palavras, para a Geografia Humanista, o lugar é repleto de contrações assim como o grupo social que o produz.

Algumas das características fundamentais do humanismo foram retomadas pela geografia. A primeira concerne à incontornável visão antropocêntrica do saber. Segundo a expressão consagrada, o homem é a medida de todas as coisas e não existe conhecimento objetivo sem a

consideração deste pressuposto. A subjetividade do saber é um dos traços mais marcantes do humanismo e deriva diretamente desta concepção antropocêntrica. Na geografia, isto significa que a definição de uma espacialidade não pode ser estabelecida através da objetivação de uma ciência racionalista. O espaço e suas propriedades, distância, fluxo, hierarquia, possuem um sentido que não se reduz a medi das numéricas. Desta maneira, o espaço é sempre um lugar, isto é, uma extensão carregada de significações variadas (GOMES, 2010, p.306).

A partir da década de 1990, quando o pós-estruturalismo se firmou como um dos grandes paradigmas para se pensar o mundo contemporâneo, a Geografia Humanística passou a trabalhar seus conceitos de forma mais crítica, aprofundando as discussões sobre as contradições do capitalismo e do processo de globalização. Essas novas discussões admitiram autores da sociologia, da filosofia e da antropologia como parceiros de debate, de modo que os geógrafos desta corrente passaram a mergulhar mais profundamente nos estudos da cultura e da subjetividade sem deixar de tecer severas críticas à aceleração da vida cotidiana bem como sua tecnificação e a apropriação pelo capital.

Toda produção geográfica posterior a esse movimento passou a ser chamada de Geografia Humanística Crítica, que transita entre suas origens no humanismo existencialista e análises das perversidades do capitalismo na Geografia Crítica. Nessa Perspectiva, o conceito de sociabilidade ganha novos conteúdos pois a tecnologia e o modo de viver da sociedade urbana passaram a interferir de forma decisiva nas relações de sociabilidade. Autores como Bauman que escreveu sobre a chamada sociedade líquida descreve claramente os impactos que

a tecnologia exerceu sobre a vida das pessoas e sobre as formas de sociabilidade existentes na atualidade.

O individualismo, a potencialização do egocentrismo, a emergência das redes sociais, o surgimento dos aplicativos de relacionamento, a formatação de ambientes altamente tecnificados destinados a algumas categoriais de sociabilidade são exemplos que podem ser citados deste momento em que a técnica, mais que nunca, se impõe aos indivíduos e determina novas formas de interação entre as pessoas e destas com os espaços, com a natureza e com as instituições sociais.

O “derretimento dos sólidos”, traço permanente da modernidade, adquiriu, portanto, um novo sentido, e, mais que tudo, foi redirecionado a um novo alvo, e um dos principais efeitos desse redirecionamento foi a dissolução das forças que poderiam ter mantido a questão da ordem e do sistema na agenda política. Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro (BAUMAN, 2001, p. 12).

Apesar dessa influência capitalista e globalizada, alguns espaços rurais conseguem manter, de certa forma, suas relações com uma contaminação menos intensa do sistema, até por não serem considerados interessantes para a reprodução do capital. Nestes espaços ainda é possível encontrar uma série de relações comunitárias de sociabilidade que resistem às pressões do tempo, da técnica e dos modismos urbanos. São os lugares onde ocorrem as festas religiosas, as brincadeiras das crianças, o banho no córrego, o lazer na cachoeira, a reza comunitária, o futebol

amador, as atividades lúdicas das escolas rurais entre muitos outros exemplos. Nessas comunidades, os eventos sociais ainda são acontecimentos que mobilizam a afetividade coletiva, que é vivenciada de forma mais clara em dias em que ocorrem casamentos, batizados, funerais, ou até mesmo nos encontros de amigos para um almoço de domingo.

A representação, que o camponês entende como um sinal, aponta que é preciso que haja um desprendimento para a ajuda ao outro, que, para viver em comunidade, ou coletividade, é necessário que se supere o individualismo. O festeiro assume a bandeira para cumprir algum voto atendido, mas ele não consegue organizar a festa sozinho, por isso, é realizada uma troca. Os Santos trazem as bênçãos, e o devoto ajuda na realização da festa, que é a representação da alegria, da produção, da fartura, indicando o objetivo que todos eles têm na vida (SOUZA, 2015, p. 159).

Essas relações que ainda existem no espaço rural resistem à padronização mercantilizada das culturas e tenta superar a perda de seus valores de referência. No meio rural existem bares, ou botequins e pequenas vendas que são importantes espaços de encontro das comunidades locais. Nesses espaços as pessoas fazem reuniões como forma de distração e lazer. Segundo Barral (2012), os bares desenvolvem essa importância por vários fatores: os produtos e serviços oferecidos, a relação custo-benefício, a forma de sociabilidade que propicia e desenvolve, o descanso e o prazer.

O Espaço rural possui alguns tipos de sociabilidade muito característicos que possuem relação direta com as atividades econômicas ali exercidas. A agricultura familiar, por exemplo, em que os membros de uma mesma família produzem alimentos ou artesanatos de forma conjunta, muitas vezes possuem uma relação

próxima com outras famílias, com vizinhos e com representantes dos movimentos no campo.

Ou seja, é preciso que haja novas formas de se estudar esses espaços a medida que eles se modernizam juntamente com o processo de globalização. Partindo do pressuposto de que as relações de sociabilidade são relações de convivência dentro de uma determinada localidade, essas relações podem ser divididas entre diversas categorias como; a vida em família, o convívio comunitário, o trabalho, o lazer, a religiosidade, as relações campo-cidade. Passa-se então a caracterizar cada uma dessas variáveis de análise, procurando compreendê-las como elementos formadores da dimensão do lugar na comunidade rural do Córrego Santa Rita.

Os espaços do convívio familiar

Para compreender a vida em família como sendo uma categoria de sociabilidade é preciso antes entender os laços existentes entre os integrantes do núcleo familiar, como eles se organizam, se hierarquizam (patriarcado e matriarcado), e quais são os seus significados sociais.

Para Ferreira (2010), família significa pessoas aparentadas que em geral convivem no mesmo espaço. Normalmente todos os indivíduos com sua concepção pessoal e seu conhecimento empírico sabe o que é uma família, pois as pessoas fazem parte de uma. É importante ressaltar que existem várias constituições de família, apenas de existir um destaque sobre a idealização da família composta por mãe, pai e filhos, a realidade é bem distinta. Atualmente as famílias são compostas

por avós e netos, mães e pais solteiros, casais com relações homoafetivas, entre muitas outras.

Os tipos de famílias variam muito conforme a estrutura e cultura daquele local. A família patriarcal é mais comum nas comunidades rurais, em que o homem é o provento do sustento da casa e a mulher fica incumbida da criação dos filhos e das tarefas domésticas.

As existências de relações de gênero são marcadas por uma hierarquia entre os sujeitos, na qual os homens assumem uma posição dominante resultando em uma divisão de atribuições assimétricas entre os sexos no trabalho. A partir dessa discussão é possível compreender que o conceito de família está relacionado a construção cultural que dá origem aos diferentes tipos de grupos humanos, de forma que a sociologia contemporânea reconhece a família como sendo a célula base da formação social.

Segundo Ferreira (2003), a família é a matriz primordial da organização de uma sociedade, podendo ser representada pela união de pais e filhos, pela composição de dois ou mais adultos e seus filhos, como sociedade conjugal e grupo social formado pelos ascendentes, descendentes e parentes além de poder ainda, entendida em seu sentido simbólico, o que indicaria fortes laços afetivos entre pessoas não parentadas (famílias religiosas, família de amigos, família de trabalho entre outras.) Do ponto de vista da Geografia Humanística, as famílias constituem a base de referência das pessoas em relação ao lugar. A residência ou a propriedade rural, correspondem à materialidade da existência familiar e será a partir desta unidade material que os sujeitos estabelecerão relações sociais mais amplas com a comunidade, o bairro, a cidade e outros.

Ferreira (2003) e Turner (2000), concordaram que a família não é apenas um simples conjunto de pessoas que convivem ou possuem grau de parentesco, ela é uma instituição social e cultural que ao longo da história se modifica conforme o grupo que está inserida. Ela apresenta aspectos positivos e negativos, como o afeto e as relações solidárias e também os seus costumes rígidos e muitas vezes geradores de conflitos. A família é determinante no desenvolvimento da sociabilidade, pois as relações de afetividade produzem e reproduzem compromissos com a colaboração e preocupação com o bem-estar do próximo, principalmente nas propriedades familiares.

As famílias precisam ser entendidas em sua complexidade e as residências refletem as múltiplas possibilidades da vida, abrigando não só as pessoas, mas também seus desejos, sonhos, medos, ambições, conflitos, entre outros. Do ponto de vista da afetividade, as famílias reúnem grande potencial de cooperação, coesão entre pessoas, defesa de interesses e relações que expressam forte ligação entre as pessoas. No lugar, essa afetividade se projeta e se transforma em importante força dinamizadora de relações mais amplas que se espalham para outras instituições sociais: igrejas, firmas escolas e outras.

A afetividade no lar rural também produz relações com o meio que são consideradas extensões da afetividade humana, como por exemplo os cuidados dispensados aos animais domésticos, domesticados ou criados “soltos” e aos jardins. A dimensão afetiva também diz respeito à percepção de segurança proporcionada pela residência, assim como a percepção de pertencimento proporcionada pela família.

As relações sociais que estruturam o lugar se iniciam nas relações familiares e na intimidade das residências. Portanto podemos pensar que muitos fenômenos estudados pela Geografia têm sua origem nessa micro territorialidade: homofobia, violência doméstica, exploração de trabalhadoras domésticas, desemprego, entre outros. Tudo isso é vivenciado pelas famílias em suas casas. Portanto, estudar os núcleos familiares de uma comunidade rural pode ser relevante para se compreender como as pessoas aprendem a se sociabilizar e a lidar com os conflitos do mundo vivido que, por sua vez, são características inerentes à categoria lugar.

Na comunidade rural do Córrego Santa Rita as relações familiares são muito presentes e importantes desde de a origem da comunidade até os dias atuais. O trabalho familiar, apesar do recente avanço do agronegócio, ainda predomina. As famílias daquele espaço se organizam de forma tradicional. O pai usa o trabalho dos filhos homens para cuidar da roça, do gado, das cercas, do curral, dentre outros. Esse trabalho não se limita aos filhos, em alguns casos, são sobrinhos, primos, ou irmãos que trabalham juntos nos serviços por eles considerados “pesados” (figura 18).

Como consequência, os filhos homens são mais próximos de seus pais do que de suas mães, e nos momentos de lazer familiar, existe uma divisão sexista e patriarcal, via de regra, o lazer é condicionado ao gênero. Portanto, o lazer feminino é quase sempre atrelado ao trabalho doméstico. “Muitas mulher aqui não tem trabalho, a não ser o trabalho doméstico, e elas não recebe por isso”. (Informação verbal ¹⁸).

¹⁸ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

Figura 18: Homens trabalhando na comunidade Rural do Córrego Santa Rita.



*Fonte: trabalho de campo 2022
Autora e Org. NERY, C.,S.N. (2022)*

Os limites situacionais do cotidiano da esposa-mãe começam em casa, estende-se ao quintal, vão até a lavoura e normalmente terminam na vizinhança. No entanto como esta última é acidental, podemos estabelecer o seu limite externo na lavoura do marido. No interior e dentro dos limites da casa e do quintal, a mulher vive a porção mais intensa e determinante de suas relações de serviço. Ali os limites de sua situação de pessoa no contexto das relações-posições familiares. Na casa e no quintal a esposa enfrenta um cotidiano de dominância na regência desses cuidados domésticos e na responsabilidade familiar "dos menores". Mesmo quando é o marido quem define, em última instância, o que deve

ser feito e come deve ser feito na casa e no quintal e ela quem operacionaliza e funcionamento das duas áreas faz-lo, e quem as controla, concretamente. Mae e filhas solteiras dividem o trabalho e responsabilidade das ações de serviço pelas quais a reprodução cotidiana de trabalho da família é resolvida. O pai e os filhos "em são consumidores onde as mulheres da casa são essencialmente forma, elas serão consumidoras daquilo que se produz, direta ou trabalho na lavoura e no mercado, onde os homens da casa" são produtores d produtoras são rígidas O marido ajuda no quintal", assim como os filhos maiores ajudam cuidado dos porcos, aves, pequena horta, etc. (BRANDÃO, 2009, p.192).

Enquanto os homens da família se reúnem para beber, jogar bola, conversar, entre outras relações de lazer importantes, (figuras: 19, 20 e 21), as mulheres reúnem-se de forma mais remota, para rezar ou trabalhar em tarefas domésticas ou da comunidade. (figuras 22 e 23). Logo, durante o trabalho de campo, foi possível encontrar homens reunidos nos momentos de lazer, entretanto, não foi possível de serem realizados registros para o lazer feminino rotineiro, devido a raridade com que esses ocorrem.

Figura 19: Jovens reunidos na venda para conversar.



*Fonte: trabalho de campo 2022
Autora e Org. NERY, C.,S.N. (2022)*

Figuras 20 e 21: Pais e filhos reunidos para jogar e socializar no momento de lazer.



*Fonte: Trabalho de Campo 2022
Autora e Org. NERY, C.,S.N. (2022)*

Figuras 22 e 23 : Mulheres reunidas para tarefas domésticas nos momentos de lazer.



*Fonte: Trabalho de Campo 2022
Autora e Org. NERY, C.,S.N. (2022)*

Apesar dessas relações de divisão entre gêneros nos momentos de lazer e trabalho, e da divisão entre famílias devido às escolhas religiosas, dentro do núcleo familiar existem aspectos e atributos naturais das relações familiares; o afeto, a proteção e a solidariedade são exemplos disso [...] minha irmã também me ajuda a atender o pessoal, de graça. E minha irmã leva os produtos pra consumir para ela ter mais comida” (Informação verbal ¹⁹). O carinho, as relações românticas e fraternas e até mesmo as brigas são comuns à convivência familiar. “Os irmãos que brigam todos os dias, são adolescentes, discutem coisas atoa. (Informação verbal ²⁰).

¹⁹ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

²⁰ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

Dentro desse lugar dotado de sentimentos que é o lar em que as famílias convivem, e se relacionam, existe uma organização do núcleo familiar, dentro desse núcleo, cada um dos seus membros têm a sua função, portanto, seus integrantes dividem o trabalho e as ações que deverão fazer durante o dia. Segundo Brandão (2009), a participação dos membros de uma família no convívio é movida pelo trabalho. As pessoas se casam, procriam e organizam-se de maneira que incluem, ou tentam incluir, o máximo de membro no processo produtivo da família e da comunidade. O cuidado com o gado e os serviços domésticos, por exemplo, são ações que podem ser feitas por uma pessoa daquele núcleo. Até mesmo os mais diversos trabalhos podem ser feitos por membros da família, inclusive crianças e idosos.

Brandão (2009), descreve bem a organização das famílias das comunidades rurais e seus modelos familiares predominantes. Neles, existe um âmbito acentuadamente doméstico, ou seja, a casa. Na casa o controle da mãe é, via de regra, subordinado ao do pai e os filhos são subordinados aos pais e os irmãos mais novos subordinados aos irmãos mais velhos.

A obrigação de participação dos filhos homens está nos trabalhos gerais e braçais e as filhas mulheres são intensamente incluídas nas tarefas domésticas. A obrigação de coordenação dos serviços de casa e participação decisiva, além do cuidado com os filhos, principalmente quando ainda são crianças, fica a cargo da mãe. A obrigação de controle e de providências externas é responsabilidade do pai.

Todos os membros do núcleo familiar produzem o lugar: o lar, à medida que existem relações de vivência e sentimentos dos mais diversos em um mesmo espaço. Alguns agregados ou parentes podem estar apenas na casa, mas não são considerados parte da família, ou, em outros casos, alguns agregados que não

possuem laços parentais podem ser considerados parte da família ao possuírem um grande vínculo afetivo com os demais membros.

Nos momentos em que essas famílias recebem visitas, ou seja, nas horas vagas, principalmente nos momentos do não-trabalho, existe uma (re)organização do espaço. Para os homens essas visitas acontecem para beber, conversar, jogar entre outras. “Nas horas vagas a gente visita os vizinhos, vai eu e meu filhos, a gente reúne, bebe, come essas coisas” (Informação verbal ²¹). Entretanto, para as mulheres, as visitas aos vizinhos possuem objetivos diferentes, principalmente para algum serviço doméstico.

Quando visitas masculinas entram na casa do camponês, é como se o "mundo de fora" modificasse as relações das áreas mais internas da família (a casa e o quintal). As mulheres restringem então ao máximo a sua área de atuação como pessoas. Geralmente ficam na cozinha e vêm até a sala apenas para servir aos homens. A casa passa a representar partes do mundo de fora e a mulher, mesmo trabalhando no momento, fica com o seu lar temporariamente perdido ou reduzido. Não comum ver-se uma esposa de agricultor sentada à mesma mesa, com um visitante, seu marido, seus filhos maiores e seus irmãos. Se há mulheres na visita, elas também se deslocam para a cozinha (BRANDÃO, 2009, p. 195).

Dentro da comunidade estudada, é preciso compreender que a família não funciona conforme as relações do trabalho durante todo o tempo. Existe a relação rotineira dentro das residências entre os pais e os filhos solteiros, ou filhos que ainda são crianças. Essa relação é mais próxima e está presente no dia

²¹ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

a dia na construção do lugar e exerce um grau de proximidade considerável;

Quando os filho cresce, para de participar das coisas da família, ou os que não fica na comunidade vai morar na cidade. É ruim, a gente sente falta, mas não tem muito o que fazer não, acontece. Eles querem sair, estudar, quem fica mais na comunidade somos nós, os velhos tudo junto, é uma nova família que a gente tem aqui dentro da comunidade (Informação verbal ²²).

Quando os filhos mudam para cidade, ou passam a não morar mais com seus pais, todavia porque casam-se ou porque procuram a cidade para viver novas experiência e expectativas, cria-se uma relação de não-proximidade física entre pai-mãe-filhos. Nesse caso, as relações familiares aproximam-se dos modelos urbanos. Esses acontecimentos afetam diretamente as relações familiares que se modificam, enfraquecem ou diminuem com o tempo.

O casamento é algo que modificou bastante a Comunidade Santa Rita com o passar dos anos, segundo Brandão (2009), quando a filha se casa os direitos e deveres da filha casada em boa medida são retirados da "casa" e da "família dos pais" e transferidos para "sua casa e sua nova família". Durante o tempo de solteira, ela foi uma eficiente e constante auxiliar doméstica não remunerada, a quem nem mesmo os deveres escolares afastaram do cuidado da casa e dos irmãos menores, em sucessivas e cotidianas ações de serviço repartidas com a mãe.

²² Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

Agora é a mãe quem transfere uma parte de seu tempo e cuidados para a "casa da filha". Isso é mais intenso quando a filha tem o seu primeiro filho depois de casada. Ela mantém inalteradas as suas relações de respeito e deferência para com a mãe, sobretudo se esta for "comadre" também. Por outro lado, agora a mãe servira a ela mais que ela à mãe. Em sua casa, a autoridade indiscutível da mãe da "filha solteira é dividida com a autoridade que a "filha casada" mantém por ser também "uma esposa no seu lar". Esta relação nova deverá ser mantida até quando a mãe envelhece principalmente quando "enviúva". É comum, portanto, a mãe ir morar com um dos filhos. Em outros casos, a mãe mora só, sendo inteiramente sustentada pelos filhos, sobretudo se também já dividiu em vida as suas poucas terras entre eles.

Minha filha, hoje eu moro sozinha, mas nem sempre foi assim, meus filho tudo casou e saiu de casa, minha filha ainda vem me ver, eu faço um cafezinho pra ela e ela vem, mas ela tem o marido agora, e precisa cuidar dele, fazer comida, toda essa coisa. Mulher sofre muito né, filha? A gente sempre tem um homem pra cuidar mas nunca tem homem pra cuidar da gente (Informação verbal ²³).

Dentro da comunidade, existem muitas relações de parentesco, logo, entende-se que, as famílias que convivem naquele espaço, possuem uma relação próxima. Entretanto, a religiosidade entra como um importante fator capaz de afetar essa proximidade. Como a maioria dos encontros que ocorrem dentro da comunidade são encontros motivados por razões religiosas (como festas de santos por exemplo), ou em locais que envolvem bebida alcoólica (como na venda, principalmente aos domingos) as famílias evangélicas limitam-se apenas aos encontros na sede

²³ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

em que são discutidos os problemas da comunidade de forma geral e a convivência entre famílias com religiões diferentes acaba por ser limitada. “[...]a comunidade aqui é grande e tem muita família que é evangélica, mas a gente não costuma misturar não” (Informação verbal ²⁴).

O conjunto de famílias que vivem e se relacionam em um mesmo recorte geográfico formam as comunidades, que neste trabalho serão estudadas com base nas relações coletivas e interfamiliares que contribuem para a produção de uma identidade rural específica da comunidade do Córrego Santa Rita.

Comunidades e as relações de sociabilidade no espaço rural

É um desafio para os pesquisadores das mais variadas ciências conceituar comunidades. Para Portuguez (2012), existem vários conceitos de comunidade que frequentemente se mesclam. Como por exemplo, o conceito de comunidade como agrupamento/vizinhança; como expressão de um fragmento da sociedade:

[...]Muitas vezes a palavra comunidade é associada a bairro, vila, distrito de um município ou até mesmo é confundida com o termo região. Pode ainda representar o conjunto de condôminos de um edifício, assim como outros tipos de agregação de pessoas que ocupam um determinado espaço. Geralmente se organizam a partir de

²⁴ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

normas de convivência comuns e partilham do mesmo contexto socioespacial (PORTUGUEZ, 2012, p. 27).

Mas, para além disso, existe também o conceito de comunidade indenitária, em que os seus membros possuem o sentimento de pertencimento, como por exemplo quando as pessoas têm a mesma origem étnico-racial. (Comunidades negras, quilombolas, indígenas, entre outras). A comunidade também pode ser entendida como algo inspirador para as transformações sociais, na medida em que seus membros se unem na coletividade das crenças e aprendizagens, a fim de promover melhorias por meio de lutas que ajudarão a modificar e compreender o contexto da realidade em que vivem.

Existem também comunidades como escala de divisão política de um território, ou seja, nesse sentido, configura uma unidade territorial para questões administrativas.

A dificuldade em abordar o conceito de comunidade ocorre porque o indivíduo pertence a mais de um grupo social, muitas vezes até em comunidades diferentes, podendo desempenhar distintos papéis nas mais variadas instituições sociais, como por exemplo, o papel que ele assume quando está na comunidade da igreja, na escolar ou no núcleo familiar.

O entendimento do tipo comunitário não precisa ser construído, já está dado, “completo e pronto para ser usado” e “precede todos os acordos e desacordos”. É um entendimento “natural” e “evidente”, dado de antemão, e que confere organicidade a coletividade; que mantém as pessoas unidas “a despeito de todos os fatores a que as separam” (Bauman, 2003, p. 15).

As relações comunitárias surgiram de uma necessidade de igualdade e de dependência mútua pelas condições de vida que possuem fatores em comum, seja pelo parentesco, por questões de identificação ou pela localidade em que vivem. Essa convivência, gera princípios que criam padrões de afinidade. Esses padrões que se relacionam no território são muito comuns às comunidades existentes no meio rural. No contexto deste trabalho, a comunidade é entendida como um espaço em que as experiências de convivência coletiva são de grande importância, pois é nela que ocorrem as relações de sociabilidade.

Segundo Cuareschi (2007), uma das conceituações mais interessantes de comunidade, é a seguinte: um tipo de vida em sociedade “ onde todos são chamados pelo nome”. Esse “ser chamado pelo nome” significa uma vivência em sociedade onde a pessoa, além de possuir um nome próprio, isto é, além de manter sua identidade e singularidade, tem possibilidade de participar, de dizer sua opinião, de manifestar seu pensamento, de ser alguém. A discussão de Cuareschi (2007), apesar de interessante, tem uma visão romântica que precisa ser melhor dimensionada no plano empírico. É bem possível que se aplique ao meio rural que se pretende estudar, embora seu caráter otimista careça de comprovação.

As relações comunitárias ocorrem dentro de um lugar que se localiza em uma espacialidade maior e podem possuir, principalmente no espaço rural, traços da tradicionalidade, que passam de geração em geração disseminando e preservando as suas culturas.

Comunidade tornou-se referencial de análise que permite olhar a sociedade do ponto de vista do vivido, sem cair no psicologismo reducionista e pesquisar segundo procedimentos, até então próprios da antropologia (SAWAÍÁ, 1994, p. 35).

As comunidades, com destaque para as rurais, possuem relações de sociabilidade. Para Weber (1917), comunalização refere-se à relação baseada no sentimento subjetivo do pertencer, estar implicado na existência do outro, como a família e grupos unidos pela camaradagem, vizinhança e fraternidade religiosa. A relação pode ser afetiva (piedade, amizade) ou erótica e amorosa; enfim, baseada em qualquer espécie de fundamentos, emocional ou tradicional.

[...] a comunidade é uma associação que se dá na linha do ser, isto é, por uma participação profunda dos membros no grupo, onde são colocadas em comum relações primárias, como o próprio ser, a própria vida, o conhecimento mútuo, a amizade, os sentimentos. Já a sociedade é uma associação que se dá na linha do haver, isto é, os membros colocam em comum algo do seu, algo do que possuem, como o dinheiro, a capacidade técnica, sua capacidade esportiva. Os seres humanos participam, pois, da comunidade não pelo que têm, mas pelo que são (CUARESCHI, 2007, p. 95).

As comunidades rurais possuem relações de sociabilidade melhor definidas por meio do convívio comunitário. Segundo Tonnies (2008), entretanto, quando ocorre o êxodo rural existe a migração do modo de vida rural para o urbano, esse fenômeno desencadeia uma ruptura na organização desses núcleos de sociabilidade que são as comunidades rurais.

Quanto mais se multiplica a vida da cidade – ou seja, à medida que o mercado estimula o desenvolvimento urbano –,

mais perdem forças os círculos de parentesco e vizinhança na zona rural, logo, diminuem as relações comunitárias. Nas famílias de residentes do meio rural existe uma percepção maior das relações sociais voltadas para as comunidades em que essas famílias pertencem. Nesse sentido:

Formulou-se a teoria da sociedade e da comunidade: se na comunidade os homens permanecem unidos apesar de todas as separações, na sociedade permaneceriam separados não obstante todas as uniões (TONNIES, 2008, p.101).

Na comunidade Rural do Córrego Santa Rita as relações comunitárias são tão fortes e a valorização do conceito de comunidade rural, para eles, é tão significativo, que a comunidade conta com a presença de um estatuto (o qual já foi mencionado anteriormente) que orienta e norteia sobre as discussões e decisões que dizem respeito a comunidade. Segundo o Artigo 6º do Capítulo II do Estatuto da Comunidade Santa Rita, no atendimento do seu plano de ação se propõe a: estudar as condições sociais da comunidade em busca de soluções que visam o seu desenvolvimento, reivindicar junto aos órgãos públicos melhorias referentes a infra-estrutura em benefício da comunidade, planejar e promover atividades que tenham como objetivo o atendimento das necessidades nas áreas de produção, educação, saúde, segurança, transporte, comunicação e promover os meios, ou recursos, que visam a realização dos interesses da população.

A comunidade Santa Rita, como já mencionado, conta com a presença de uma sede, localizada logo no início da entrada para a comunidade. A sede conta com uma área ampla e gramada, um barracão aberto com área coberta onde ocorrem as festividades, um salão fechado onde ocorrem as reuniões mensais

conforme prevê o estatuto, um banheiro, uma cozinha pequena e uma construção que seria uma cozinha industrial. A sede da comunidade localiza-se ao lado da venda, e, como combinado entre os moradores, quem estiver tomando conta da venda e morando na casa que fica atrás da venda de forma gratuita, deve tomar conta da área da sede, cuidando das plantas, protegendo a estrutura e zelando pelo espaço. Na área localizada a frente da venda, fica o campo de futebol e uma parte gramada em que os carros e motos estacionam quando está ocorrendo algum evento no local, (figuras 24 e 25).

Figuras 24 e 25 : Sede da Comunidade Santa Rita.



*Fonte: Trabalho de Campo 2022
Autora e Org. NERY, C.,S.N. (2022)*

A comunidade juntamente com a sede foi fundada há mais de 20 anos por um senhor que tinha como sonho viver em uma comunidade rural unida, ativa e solidária. O mesmo doou o terreno do local e começou a construir. A paixão dele pelo futebol o fez também fundar o campo, o qual possui as mesmas dimensões de um campo profissional. Ele faleceu em decorrência da pandemia da covid 19, entretanto, deixou como herança as terras para sua filha que preservou o espaço.

Essa filha apesar de ter recebido propostas para arrendar toda a terra, deixou que a sede, o campo de futebol e a área da venda permanecessem como são, sem o avanço da cultura da soja. “Meu pai fundou essa comunidade aqui tem mais de vinte anos, meu pai cedeu esse espaço aqui e ela nunca passou disso aqui, mas nunca teve ajuda da prefeitura, governo, Estado. ” (Informação verbal ²⁵).

Essa comunidade tem um contrato, foi assinado um contrato de uso e cessão pelo prefeito Luiz Pedro²⁶ e pelo ex presidente da comunidade já falecido, ele cedeu esse terreno, porque a comunidade não é dona desse terreno, ele cedeu essa área e fez o contrato que era pra prefeitura contribuir com a taxa de limpeza, iluminação, material de higiene, papel higiênico, detergente, quando tivesse festa, só que acontece, como se diz, o Luiz Pedro não é mais prefeito. Procuramos depois a prefeitura e ninguém quis,

²⁵ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

²⁶ O ex prefeito Luiz Pedro Correa do Carmo assumiu a administração do município de Ituiutaba no ano de 2010 e permaneceu até o ano de 2016, quando, por motivo de doença, deixou o cargo.

só que o que acontece é o seguinte, tem CNPJ, tem área, não tem interesse das lideranças. (Informação verbal ²⁷).

Na área da sede, os moradores contribuintes que compõem a Associação Santa Rita, fazem reuniões mensais para discutir os problemas existentes na comunidade, como a situação financeira dos moradores, para planejar festividades, entre outras discussões. (Figura 26)

Associação do Santa Rita, aqui geralmente é uma reunião a cada final de mês, a gente discute a situação das estradas, tentar arrumar recurso, igual eu te falei, para tentar terminar a cozinha comunitária. Ali tem estrutura pra fazer as reuniões (Informação verbal ²⁸).

A associação, segundo prevê o estatuto, é composta por um conselho comunitário que comanda as assembleias (reuniões), por uma diretoria e um conselho fiscal. Além disso, existe a administração do conselho comunitário em que seus membros são: Presidente, Vice-presidente, 1º, 2º e 3º secretário, 1º e 2º tesoureiro. Os membros são escolhidos pela chapa, que mediante registro, concorrem às eleições para comandar a sede. Quem vota são os membros ativos da comunidade, os quais contribuem com as mensalidades e participam das atividades da mesma. O mandato da chapa eleita tem duração de dois anos, podendo ser prorrogado por igual período.

Apesar da alternância que prevê o estatuto, a comunidade não possui um perfil de comunidades politicamente ativas, como aquelas provenientes de assentamentos e de movimentos sociais de luta pela terra. Dessa maneira, ao

²⁷ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

²⁸ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

acompanhar uma reunião que ocorre na sede, é possível perceber que não existem muitas discussões ou discordâncias em relação ao que é estabelecido nas reuniões. A única razão pela qual as pessoas discutem com mais frequência durante a reunião é a divergência religiosa.

O presidente na comunidade nunca quis misturar porque tem muito contribuinte da cooperativa que é evangélico, então eles não gosta que faz eventos, então a gente faz eles acham que tá com afronta e vão querer desassociar e a comunidade precisa das contribuição mensal, a gente mexe lá, faz pintura, a gente tá pra fazer uma pintura lá agora porque mudou de presidente né, mas tá bem parado porque os associado diminui bastante e o gasto ficou bem difícil. Lá é só pra festa comum mesmo e reunião pra decidir sobre estradas, mudar um mata burro, pra esse tipo de coisa e pedir benefício da prefeitura pra comunidade, então fica mais só pra essa parte. Na comunidade e nas reuniões ninguém questiona, todo mundo aceita, todo mundo é bem calado (Informação verbal ²⁹).

Os contribuintes evangélicos, não aceitam que ocorram determinados tipos de festividades ou reuniões na sede que vá contra os princípios religiosos deles. Como exemplo podemos citar as festividades de santos católicos e carnaval. Mesmo que essas festividades ocorram para gerar fundos para o caixa da comunidade. “Tem certas coisas que você não pode fazer na comunidade por causa da religião, os evangélicos é sempre contra.” Entretanto, os evangélicos contribuem em grande

²⁹ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

quantidade com as mensalidades da associação da comunidade. (Informação verbal ³⁰).

Figuras 26 : Mosaico de imagens da sede da Associação da Comunidade Santa Rita



*Fonte: Trabalho de Campo 2022
Autora e Org. NERY, C.,S.N. (2022)*

Algumas pessoas dizem que não se sentem representadas pela chapa que comanda a comunidade atualmente, ou pelas lideranças;

Porque, até as própria liderança eu acho que tinha que ser outra, tinha que ser cabeça de gente mais nova, porque as própria liderança no fundo acaba trabalhando pelo mesmo grupinho, o mesmo grupinho, tanto é igual por exemplo, os presidente em si nos últimos 4, agora mais 4, 8, vai ter 8 anos, é tudo da mesma família tudo da mesma casa. “Talvez ta faltando mais uma liderança, vamos dizer assim, como que tá na cabeça das pessoas a comunidade

³⁰ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

se reerguer e unir de novo, acho que tá faltando liderança na comunidade (Informação verbal ³¹).

As pessoas discordam bastante em relação a gostar ou não da liderança atual, entretanto, não há outras chapas para concorrer às eleições, logo, as mesmas pessoas estão sempre no comando da comunidade. “Porque assim sempre é os maior que procura a associação, os pequeno fica baixado, porque o interesse da associação é ajudar o maior porque o pequeno é devagar demais.” (Informação verbal ³²). Como esperado, a vida em comunidade não é fácil e discordâncias são comuns que ocorram dentro do mesmo lugar.

A votação do corpo de pessoas é escolhido por votação, tudo tem. Presidente, secretário, comissão de festa. Ultimamente não tá tendo chapa, só indica mesmo, e tem o estatuto, normalmente fica as mesmas pessoas, no estatuto da comunidade são 4 anos o presidente. Tem o contador com documento com as atas, todo mundo assina, o pessoal contribui com uma taxa que é o custeio da comunidade, todo mundo assina essa contribuição. Vai pra pagar as despesas de iluminação, manutenção e limpeza. [...]Conflito assim não existe, existe opinião diferente, porque não tem discussão. Falta ter uma liderança pra chegar e plantar na cabeça das pessoas aquela nova ideia, você tem que pensar que a comunidade vai te servir pra isso, pra aquilo (Informação verbal ³³).

³¹ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

³² Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

³³ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

Na comunidade, existem muitos projetos para auxiliar na renda e no desenvolvimento dos moradores do local, todavia, os moradores não conseguem coloca-los em prática. Os motivos listados são vários e as opiniões divergem: falta de iniciativa, individualismo e desânimo, são alguns dos listados “ O pessoal sempre reclama que não tem nada, mas ninguém faz nada para aquilo melhorar.” (Informação verbal ³⁴). Entretanto, o principal motivo alegado é a falta de recursos e a falta de apoio do poder público.

Porque ali tem os associados que paga e aí põe o nome deles na ata, e depois futuramente serve para eles tá contribuindo cada um, e aí tudo o que precisa tem que conversar com os moradores da comunidade para aquele mesmo objetivo, por exemplo, compra um caminhão de ração, aí todo mundo se une pra comprar pra ficar mais barato pra todo mundo, a comunidade junta pra poder ajudar as pessoas. Por isso essa comunidade é unidade porque ela ajuda as pessoas, né. E aí, assim, eu não vou muito na reunião, nem tem jeito, mas pra várias coisas, ajudar o próximo né, ter uma palavra amiga pra quem tá precisando de alguma coisa e eu acho que é isso” (Informação verbal ³⁵).

O maior problema que afeta os projetos comunitários no local é a falta de verba. Contudo os maiores contribuintes da Associação do Santa Rita são os pequenos produtores, eles não possuem grande lucro e vivem basicamente da economia familiar. Os produtores que ganham mais, principalmente aqueles que produzem gado de corte e soja, não têm, muitas vezes, as relações

³⁴ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

³⁵ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

comunitárias que os outros moradores têm. A maior parte desses grandes produtores vivem na cidade e terceirizam o trabalho na propriedade. Por esse motivo o valor das contribuições é insuficiente para colocar em prática os projetos que eles possuem.

[...]os arranjos e estratégias camponesas que foram produzidas nas reações e recriações produtivas, políticas e culturais, reinventando as práticas sociais a partir das relações com o mercado, remetem-nos a pensar, também, nos usos dos espaços e nas transformações desses usos (Souza, 2016, p. 120).

Essa perda das relações de sociabilidade em decorrência da diminuição das relações comunitárias que são prejudicadas pelo avanço do agronegócio causa importantes impactos na (re) organização dos espaços e, conseqüentemente, (re) organizam os lugares que, por sua vez, perdem sua essência. Se o espaço se transforma em lugar a partir das vivências e dos sentimentos, de maneira oposta, o lugar transforma-se, (para uma importante parte dos moradores que migraram para as cidades e que arrendaram as suas terras), apenas em um espaço produtivo material com a perda dessas relações de sociabilidade.

Outro problema constantemente relatado pelos moradores, que afeta diretamente os projetos da Associação da Comunidade Santa Rita, é ausência de apoio do poder público e a demora no processo de regulamentação da comunidade além da ausência de verba para financiamentos dos projetos.

Existem pendência documentais em relação à posse da parte da terra que funciona a comunidade, da qual os moradores já tentaram resolver, mas ainda não conseguiram.

Mas agora to te falando, pra isso, precisava da ajuda da prefeitura, até pra conseguir o, como que fala, o negócio de inspeção e nunca foi feito, aí o pessoal sozinho não tem condição”[...] Só que o problema maior é que a comunidade precisa ser dona desse terreno pra prefeitura colocar o orçamento na verba deles anual pra mandar verba pra cá, como ela só tem CNPJ, não tem terreno próprio, que não vem verba pra cá. Porque a comunidade ter verba até do Governo Estadual ela precisa ser dona do próprio terreno e não é. O que ela tem é um contrato de uso e cessão, só que eles precisam arrumar os documentos, arrumar as coisas, porque eu acho que os documento é bagunçado, só que também é aquela história, se a comunidade não tiver interesse nisso daqui você vai fazer doação pra que? Então tinha que ser aquela coisa conjunta a comunidade, o proprietário da terra, pra comunidade conseguir essa cessão do terreno pra eles, para aí sim a gente conseguir verba até no Governo Estadual, porque pela prefeitura a prefeitura não interessa (Informação verbal ³⁶).

Segundo membros da coordenação da Associação Santa Rita, eles estão quase conseguindo regulamentar a situação do terreno. “Nós somos a maior comunidade ativa de Ituiutaba e até ganhamos internet, agora nós vamos alavancar, estamos colocando os documentos em dia para conseguir verbas.” (Informação verbal ³⁷). Ainda segundo esses membros, eles já

³⁶ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

³⁷ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

conseguiram um valor de 8 mil reais com o poder público, mas não puderam receber esse dinheiro devido à ausência de regulamentação da documentação e do CNPJ da comunidade.

Nós temos uma internet Brasil aqui ó, que é uma internet aberta que é gratuita, porque diz que em Ituiutaba é uma das comunidades mais ativas, aí você passa você vê a situação da comunidade, nós estamos discutindo com vários vereadores e eles não vêm. Aquela estrada ali vai pro sojeiro, o sojeiro tem condições de fazer a prefeitura vir aqui. Mas pra comunidade, a não ser que briga muito (Informação verbal ³⁸).

É possível perceber, que apesar das divergências de opinião entre os membros da comunidade, as vontades de manter as relações de sociabilidade naquele espaço permanecem vivas. A ideia de uma comunidade ativa, unida, e com programas solidários que auxiliem os moradores, segue sendo o principal objetivo da maior parte dos membros ativos.

³⁸ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

O projeto da cozinha comunitária, a expansão do barracão e o sonho do “Doce Santa Rita”

O principal projeto da comunidade é, sem dúvidas, um dos principais motivos de contribuição dos associados: A conclusão da cozinha industrial (figura 27) comunitária e a expansão do barracão da sede.

Ali era pra ser uma cozinha comunitária, aquela parte que não tá construída ali, que era pras mulheres vim fazer o doce , fazer os trem da comunidade e vender, com o nome da comunidade CNPJ e tudo. O pessoal não libera, a prefeitura não ajudou, ta aí o barracão abandonado, era pra fazer um monte de coisa. Era pra fazer pra industrializar, virar o doce da Comunidade Santa Rita, aí todo mundo vinha, fazia o doce, levava pra cidade e vendia, chegava aqui e ajudava e distribuía o dinheiro (Informação verbal ³⁹).

O projeto de expansão do barracão existe para que, durante as importantes festividades que ocorrem na comunidade, a comunidade possa ter uma estrutura que atenda ao público de forma satisfatória, sem precisar de improvisar ou aumentar o barracão com lonas (figura 28). A verba adquirida serviria também para comprar materiais de melhor qualidade: computadores, mesas, pintura e janelas também seguem na lista de desejos dos associados.

³⁹ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

Figura 27: Obra sem conclusão da cozinha industrial da sede da associação.



Fonte: trabalho de campo 2022
Autora e Org. NERY, C.,S.N. (2022)

Figura 28: Mosaico de fotos da sede da comunidade.



Fonte: Trabalho de Campo 2022
Autora e Org. NERY, C.,S.N. (2022)

Não obstante, a continuação da obra da cozinha industrial serviria para preparar os alimentos que são servidos durante as festividades e reuniões, mas, sobretudo, para que as mulheres na comunidade pudessem produzir de forma comunitária o “doce Santa Rita”.

Esse doce seria vendido nas cidades da região e o lucro revertido para as mulheres, que, devido ao excesso de trabalho doméstico e ao padrão patriarcal predominante do campo, não conseguem ter a sua independência financeira. Apesar de ser um projeto dedicado principalmente às mulheres, toda a comunidade se solidariza com o mesmo e lamenta a não conclusão das obras.

Porque era pra ajudar as mulheres rurais que não tem emprego. Porque os homens, por exemplo, meu caso, tem o [...] o [...] sai, faz uma coisa ali, agora igual a mulher do [...], por exemplo não tem nada. Aí a comunidade era pra vim com esse papel, fazer a cozinha industrial pra mulher da comunidade vim fazer o doce pra ter a renda dela (Informação verbal ⁴⁰).

Entretanto, a verba para a continuação da construção acabou, a exigência da Vigilância Sanitária para a construção de uma cozinha industrial fez com que eles tivessem que mudar todo o projeto da obra, que segue parada por falta de apoio do poder público e de recursos. No geral, a associação tem como principal objetivo criar uma rede de apoio e solidariedade entre os moradores do local, principalmente no que se refere às questões econômicas.

⁴⁰ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

[...]primeiro quer levantar verba para trazer empresas para compra trator, material pra comunidade, material pra todo mundo. A gente compra um caminhão de calcário e distribui por exemplo, porque pelo CNPJ sai mais barato, porque geralmente vira muito individualismo, ah, vira nada, porque quem é o grandão os maior, compra seu próprio caminhão e os pequenos fica sem, então precisamos pensar em todo mundo (Informação verbal ⁴¹).

É nítida a preocupação com o próximo na comunidade, o pensamento coletivo e solidário está em presente nos mais diversos momentos, no cotidiano, nas ações atuais e nos projetos futuros. O sentimento de empatia e o pensamento comunitário faz parte da cultura daquela região, de forma resistente aos avanços da modernidade do campo.

As relações de trabalho no campo também dão sentido à comunidade. As pessoas podem realizar atividades laborais individualmente ou coletivamente, no seio do grupo familiar ou como contratado de empresas e proprietários. Dessa maneira, ao trabalhar os sujeitos sociais do espaço rural estabelecem relações diversas: parceria, cooperação, competição, dominação, exploração, entre muitas outras. Tais relações podem criar laços comunitários mais fortes ou podem também exacerbar conflitos. Passa-se então a discutir o trabalho como forma de sociabilidade.

⁴¹ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

O trabalho como categoria da sociabilidade no espaço rural

Este tópico será trabalhado na perspectiva da Geografia Cultural-Crítica, que leva em consideração os aspectos da subjetividade das comunidades rurais sem, entretanto, desconsiderar os aspectos referentes à produção das condições materiais de existência. A Geografia Cultural-Crítica, conforme já explicamos anteriormente, passou a ser fortemente influenciada pelo neomarxismo e pelas ações dos movimentos sociais dos anos 1990 em diante.

O conceito de trabalho é muito amplo, mas optamos por entendê-lo como o conjunto de atividades produtivas e/ou criativas que o homem exerce para atingir determinados fins. As relações de trabalho sofreram profundas transformações nas no campo. Na década de 1970, com a denominada “Revolução Verde”, o agronegócio avançou as fronteiras brasileiras modificando o perfil rural nacional. Nesse período, o êxodo rural intensificou-se para aqueles trabalhadores que não conseguiram competir com o mercado mecanizado e altamente produtivo para a exportação. A produção nas pequenas propriedades rurais que utilizam mão de obra familiar ficou cada vez mais difícil devido ao aumento da concentração de terras e a falta de possibilidade de competir com o mercado.

Na ciência geográfica existe um campo de pesquisa específico exclusivo para os estudos sobre o trabalho denominado Geografia do Trabalho;

[...] a categoria trabalho deve ser apreendida na Geografia, levando-se em conta o processo histórico que, no seu decorrer, subordina os valores de uso aos valores de troca e o valor enquanto produção-realização se concretiza a partir do trabalho que, no contexto atual, se encontra aprisionado, embora demonstre várias manifestações de clamor por sua liberdade, através das ações de resistência dos trabalhadores (DOS SANTOS; PESSÔA, 2008, p. 244).

O avanço do capital agroindustrial criou formas significativas de dominação do campo brasileiro. Dessa maneira, as comunidades rurais tiveram que resistir ou se adaptar a um novo cenário. Como exemplo dessa resistência houve o fortalecimento das relações comunitárias e solidárias por meio de empréstimo de maquinários, trabalho coletivo, empréstimo de terras, compartilhamento da produção, entre outros.

Ao resistirem às mudanças no perfil do campo impostas pelo capital, as relações comunitárias produziram alguns exemplos de experiências mais democráticas e colaborativas no espaço rural. Tais vivências têm servido de inspiração para outras iniciativas de resiliência de comunidades, o que quer dizer que o ideal dentro desse sistema é que as pessoas possuam direitos e deveres, além de ter vez e voz e que suas singularidades e diferenças sejam respeitadas. “E mais: as relações comunitárias implicam, também, a existência de uma dimensão afetiva, implicam que as pessoas sejam amadas, estimadas e benquistas” (Cuareschi, 2007, p.96).

É por meio do trabalho que a construção do espaço vai ocorrer. Por isso, as mudanças do campo não podem ser ignoradas. A modernização da agricultura e o avanço do agronegócio na comunidade rural do córrego Santa Rita afeta de forma significativa as relações de trabalho no campo, que podem

se tornar precárias e prejudicar as relações de sociabilidade que existiam, uma vez que o trabalhador deixa suas relações de agricultura familiar, dotadas de cooperação, cultura e identificação e passa a prestar serviço para uma grande empresa a mando do capital.

Com esse processo de transformação da agricultura, os chamados agricultores de subsistência – cuja a principal determinação é a produção para consumo próprio da família trabalhadora, levando ao mercado somente o excedente da produção – vão dando lugar ao surgimento das empresas rurais, capitalistas, onde as determinações do mercado e a racionalidade do lucro são a condicionante principais da produção [...] (NETO, 1985, p. 26).

Nas famílias rurais, algo muito comum de acontecer é a migração dos filhos para as cidades. Antes, esses herdavam as terras das famílias e continuavam cuidando dos processos produtivos, porém com a globalização e a mecanização do campo, os descendentes, principalmente, acabam por procurar melhores oportunidades de vida na cidade, quebrando um ciclo importante nas relações de sociabilidade familiar.

[...] suas possibilidades de reprodução estarão condicionadas por um duplo movimento: de um lado, impõe-se o movimento geral do desenvolvimento capitalista na agricultura, que passa a reger cada vez mais as lógicas internas da organização da unidade de produção familiar, imputando a ela as determinações do mercado e da valorização do capital; por outro lado, a agricultura familiar está sujeita a fatores internos específicos da própria unidade produtiva e de sua lógica familiar, cujos condicionantes estão na composição familiar e onde os papéis de gênero e geração revelam os impasses presentes nas estratégias de reprodução social dos agricultores (BRUMER; WEISHEIMER, 2006, p. 204).

Segundo Spinelli (2006), podemos dizer que a identidade comunitária com seus pontos de aproximação com a natureza essencialista da comunidade em seu sentido estrito, é uma identidade compartilhada que garante aos “de dentro” a segurança desejada com a aparente eliminação dos riscos decorrentes do fluxo contínuo e rápido das “coisas” e orientações no mundo atual; o que pressupõe a recusa de outras tantas possibilidades, violentamente se for o caso.

O presente estudo aborda o trabalho das pessoas que vivem no espaço rural eleito para a investigação empírica, ou seja, a comunidade do Córrego Santa Rita. Durante as atividades de campo procuramos identificar as principais práticas de socialização que ocorrem tanto no trabalho familiar, quanto no trabalho assalariado ou de caráter empresarial rural. Entretanto, é sabido que a agricultura familiar predomina em boa parte da bacia hidrográfica do Córrego Santa Rita. Portuguez (2020), mapeou as propriedades desta comunidade e detectou que a agricultura familiar ainda resiste às pressões exercidas pelo agronegócio.

Considerando que o trabalho é uma categoria de sociabilidade; as propriedades rurais inseridas nas comunidades, o seu modo de operar, suas manifestações e suas lutas possuem um caráter social. “Somente o trabalho tem, como sua essência ontológica, um claro caráter intermediário: ele é, essencialmente, uma inter-relação entre homem (sociedade) e natureza. (LUKAES, 1981, P. 4)”

É durante o trabalho que existe a prática social do convívio. Uma das características muito comum das pequenas propriedades rurais do campo brasileiro é o trabalho familiar. Durante esse processo os membros de uma mesma família ficam responsáveis por diferentes funções no processo produtivo.

No trabalho rural familiar, quando essas propriedades estão inseridas nas comunidades, é habitual que exista o auxílio entre as famílias, que oferecerem ajuda umas às outras para concluir as atividades planejadas. Seja para o plantio, para o transporte, ou até mesmo o compartilhamento de equipamentos utilizados para o trabalho na agricultura familiar.

. A reprodução de um modelo pautado na agricultura familiar é muito presente no campo. Historicamente são modelos em que as produções ocorrem por meio de uma união e divisão do trabalho, em que cada membro da família possui a sua função no processo produtivo, essa estrutura social se reproduz no Brasil há muitas décadas.

É preciso conhecer as leis segundo as quais as estruturas tendem a se reproduzir produzindo agentes dotados do sistema de disposição capaz de engendrar práticas adaptadas às estruturas e, portanto, em condições de reproduzir as estruturas (BOURDIEU 1998, p. 296).

Essas estruturas intrínsecas à produção ligada às famílias camponesas integram experiências passadas com as modernizações do sistema capitalista e globalizado. Essas relações apesar das modernizações se mantêm duráveis, pois as ações modernas não anulam o caráter social da produção do campo.

O denominado estilo de vida rural das famílias, que segundo Bordieu (1997) é ligado aos *hábitos*, é o princípio que une e que retraduz as características relacionadas a um estilo de vida, isto é, um conjunto de escolha das pessoas de bens e de práticas. Essas famílias possuem princípios que passam de geração em geração e que são aprendidos e reproduzidos constantemente. São dotados de convenções e significações que

se reproduzem no espaço rural familiar e que criam estruturas de grupos e classes que constituem identidades.

O Móvel de todas essas lutas é o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de divisão que, tão logo se impõem ao conjunto de um grupo, estabelecem o sentido e o consenso sobre o sentido, em particular sobre a identidade e a unidade do grupo, que está na raiz da realidade da unidade e da identidade do grupo (BOURDIEU, 1996, p.108).

A definição ao conceito de agricultura familiar possui destaque na perspectiva econômica como aquele grupo que produz alimentos normalmente voltados para o abastecimento local de policulturas atreladas à minifúndios. Do ponto de vista da Geografia Cultural, as noções de definição de agricultura familiar têm um significado quanto ao seu poder simbólico e com sentido de valor.

[...] o camponês organiza sua vida em família, parentesco, vizinhança, grupos de idade, grupos de interesse, comunidade. O estar com o outro é a situação culturalmente natural de ser e estar. Todos se queixam quando a solidão é longa; são solidários nos momentos de dificuldades e são festeiros nos momentos de festas. A solidão não é um costume camponês. O solitário é definido como triste, um infeliz, um coitado, alguém que está sempre alheio à vida útil da comunidade (LEMOS; JUNIOR, 2010, p.168).

Segundo D'Incao (1993), as relações sociais atreladas a essas lutas, em outras palavras, as relações sociais regulamentadas por princípios de igualdade entre os diferentes participantes de uma determinada sociedade, é uma expressão simbólica da possibilidade de integração de diferentes sujeitos numa dada coletividade, ou seja, os trabalhadores rurais

familiares são atores políticos. Essa atuação dá um sentido indenitário a essas convivências que fazem parte de um segmento social, isso é essencial na construção de sujeito representativos das suas próprias necessidades políticas.

O modelo patriarcal tem destaque nesses núcleos familiares e na construção dos sujeitos ativos. Nos últimos anos a figura da mulher tem tido papel importante no cenário agrário brasileiro, principalmente a partir do momento que as famílias nas comunidades rurais passaram a enfrentar maiores problemas decorrentes da mecanização do campo e do avanço do agronegócio. Uma das estratégias traçadas para tentar combater as dificuldades encontradas nesse novo cenário rural é justamente o trabalho feminino. Esse contribui de forma grandiosa para a manutenção e o sucesso dessas instituições familiares que se unem por meio do trabalho.

Os serviços prestados pelas mulheres aos membros das suas famílias, o trabalho reprodutivo, não podem ser ignorados já que são estas as atividades que se encontram no centro da construção de novos papéis femininos e masculinos no mundo atual [...] O fato de que este trabalho seja improdutivo do ponto de vista da remuneração econômica, relega ao plano da invisibilidade o tempo e energia que as mulheres empregam para o cuidado e atenção das tarefas consideradas como domésticas. Estas que não são expressas em valores monetários, são facilmente esquecidas e desvalorizadas pela sociedade (GARCÍA, 2004, p. 85-86).

É no momento do trabalho que se destacam as relações de sociabilidade, que envolvem, inclusive, o lúdico. Um exemplo disso são as cantigas cantadas pelas mulheres que lavavam roupas no rio, quase em um processo de ritual. Ou dos vaqueiros e “peões” que fazem competições enquanto cuidam do gado. Outro momento importante de sociabilidade que ocorre durante o trabalho nas comunidades rurais é o horário das refeições, em que os trabalhadores se reúnem ao redor da mesa para socializar, com o alimento preparado, em grande parte, pelas esposas e companheiras.

Estudos mostram que em regiões rurais, onde predomina uma cultura mais conservadora, as relações são fortemente influenciadas por uma organização patriarcal que coloca a mulher em posição inferior à do homem(3-4). Nesses contextos, o trabalho da mulher ainda inclui, predominantemente, cuidar da casa, dos filhos, da alimentação, da higiene e, além disso, ajudar o companheiro no campo. Assim, o homem detém o domínio do trabalho e administra a produção familiar e financeira (EBLING; SILVA, 2020, p. 63).

Na comunidade do Córrego Santa Rita predominam essas relações de trabalho familiar em que as famílias trabalham de forma conjunta. A partir das observações em campo e por meio das entrevistas foi possível constatar que as pessoas da comunidade estão quase sempre trabalhando, falando sobre trabalho, pensando no trabalho, ou algo relacionado a isso, pois normalmente as famílias são donas do seu “chão” e proprietárias da produção;

Combinam-se períodos de pouco trabalho (muito tempo livre, quando então o camponês pode desempenhar um trabalho acessório ou produzir instrumentos de trabalho, como também desfrutar de um bom lazer) e períodos de trabalho intenso (quando muitas vezes nem mesmo o nascer e o pôr-do-sol são limites naturais da jornada de trabalho) (SOUZA, 2015, p.92).

O tempo livre quase não existe, quando a maioria dos entrevistados foram questionados sobre o tempo livre a maior parte não sabia o que responder, eles diziam que “o trabalho de fazenda não para”. (Informação verbal ⁴²). ou “fazenda a gente sempre arruma coisa para fazer” (Informação verbal ⁴³) entre outras lamentações. Ou seja, as pessoas trabalham todos os dias, seja nas tarefas domésticas cotidianas, ou no cuidado com os animais e plantas. Existem muitas plantações de hortaliças, criação de galinhas para produção de ovos e carne, criação de porcos e pomares, entretanto a maior parte dos moradores vivem da renda proveniente do leite, outros vivem da produção de cachaça e rapadura, doces, queijos, milho e gado para corte (Figura 29).

⁴² Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

⁴³ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

*Figura 29: produções materiais da Comunidade do
Córrego Santa Rita*



*Fonte: Trabalho de Campo 2022
Autora e Org. NERY, C.,S.N. (2022)*

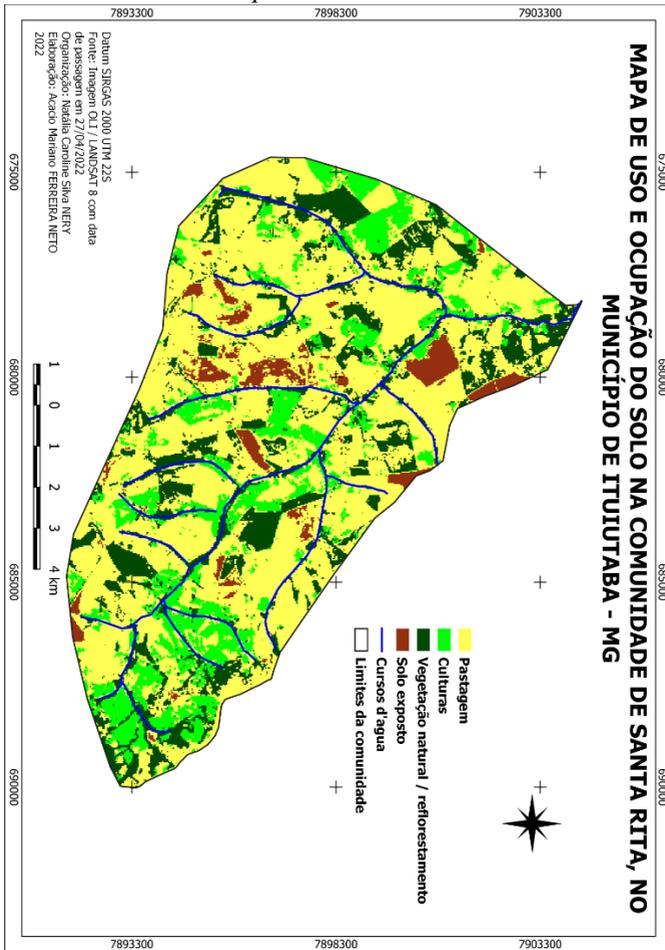
Mas a pecuária é o que tem mais destaque, logo, as pastagens dominam as paisagens do local. É importante destacar que recentemente, algumas famílias passaram a arrendar suas terras para a agroindústria da soja, esse arrendamento tornou-se muito expressivo nos últimos dois anos. (Mapa 4)

Nos períodos em que o pasto está verde o trabalho se torna menos árduo e mais fácil, pois a maioria dos animais sobrevivem, em sua maioria, das pastagens. Entretanto, nos meses de seca é necessário complementar a alimentação com ração e silo, logo, precisam moer cana e outros vegetais, portanto o trabalho aumenta e fica mais exaustivo. “A diferença básica da silagem com a trituração da cana consiste em que a segunda é triturada todos os dias, na quantidade certa de o gado comer naquele dia, (figura 30), para não estragar, visto que não se coloca o produto no conservante” (SOUZA, 2016, p. 118). “Quando tem que fazer silo pra alimentar o gado e essas coisas, a gente acaba se unindo, tendo ajuda, porque é muito trabalhoso, então a gente tenta fazer isso junto, se ajudar”. (Informação verbal ⁴⁴). “A silagem é uma estratégia dos produtores de leite para complemento da alimentação das vacas no período da estiagem. É um produto mais barato, feito por eles mesmos, à base de cana, ou milho moídos.” (SOUZA, 2016, p. 117)

O silo, em contrapartida, é feito uma única vez em um período de 3 meses em média, em conjunto com pessoas da própria família ou de outras famílias da comunidade. Ele passa por um processo de fermentação natural e armazenagem e facilita o trabalho dos produtores.

⁴⁴ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

Mapa 4: Uso e ocupação do solo na comunidade de Santa Rita, no município de Ituiutaba-MG.



Org. NERY, C., S.N. (2022)

O mutirão, segundo Souza (2016), sempre foi uma das práticas e estratégias para cumprir tarefas que dependem de maior esforço de mão-de-obra, para a produção do silo, construção ou manutenção de cercas, por exemplo. No caso da comunidade Santa Rita, para a construção da estrutura da igreja, das festas, do silo, ou de outros trabalhos que, de forma individual é bastante exaustivo os vizinhos sempre se ajudaram, mas essas práticas têm ficado mais escassa com o avanço do agronegócio e o enfraquecimento das relações solidárias.

Figura 30: gado se alimentando de silo.



*Fonte: trabalho de campo 2022
Autora e Org. NERY, C.,S.N. (2022)*

Nesses momentos de trabalho as relações solidárias, todavia, se destacam.

[...]o camponês constitui-se como "figura do matuto que extrai da terra tudo o que a vida lhes solicita, para existir. Por vezes, são discriminados, tidos como preguiçosos e atrasados, sem serem compreendidos pelos valores de rusticidade, de simplicidade, de solidariedade e de respeito [com as humanidades rurais] com os seres animais e vegetais". É bom lembrar que esse sujeito não é lembrança do passado. Ele ainda existe, mesmo que suas práticas sociais e seus costumes tenham sofrido algum tipo de modificação. Recomenda-se, também, lembrar que essa relação de solidariedade e de respeito, por vezes, é interrompida por mudanças de interesses no próprio grupo (SOUZA, 2016, p.91).

O trabalho dividido por gêneros, como já relatado anteriormente nas relações familiares, começa cedo com a ordenha do gado, alimentação das galinhas, ou até mesmo ao passar o café dentro de casa. É algo que, apesar de cansativo, eles gostam muito “não me vejo fazendo outra coisa”(Informação verbal ⁴⁵). É o que eles aprenderam e apreciam, o trabalho é o que une as famílias e as família se unem por meio do trabalho na comunidade, construindo laços importantes movidos pelas necessidades de alimentação e sustento. É nas relações de trabalho que se fortalece a sociabilização, a satisfação e a reciprocidade.

Apesar de na comunidade Santa Rita a origem das propriedades não ser proveniente de movimentos sociais e assentamentos, a maior parte é de herança ou compra entre

⁴⁵ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

pessoas do mesmo núcleo familiar, existe uma intensa sociabilização nos momentos do trabalho e existem importantes relações de trabalho coletivo. Por essa lógica é comum que exista uma educação para o trabalho no campo diferente do que se encontra na cidade. As crianças são educadas para iniciar os trabalhos ainda em idade infantil, o trabalho familiar permanece, predominantemente até a idade do casamento.

Tem que trabalhar desde cedo, meus filho tem 14 e 16 anos e toma conta de tudo, eles que faz tudo agora e meu irmão, tio deles, tem que ser assim, aqui é assim, se não fica folgado, não aprende. A gente também precisa da ajuda deles. Aqui você vai ver que os jovens é que toma conta (Informação verbal ⁴⁶).

Ao passar nas propriedades é comum que os pais, nos momentos das entrevistas, passem a responsabilidade de responder para os filhos homens mais velhos, talvez pela facilidade comunicativa ser maior, ou por serem eles agora, que, mediante as mudanças com a modernização do campo, melhor controlem o processo produtivo e as relações de trabalho. As jovens mulheres passam a assumir o papel de controle dos trabalhos domésticos. “[...] produzir na terra tem significados maiores que apenas comercialização. É a garantia da reprodução e satisfação da vida em todas as instâncias”. (SOUZA, 2016, p. 99).

Como a atividade material comercial que predomina na comunidade é a produção do leite, o domínio da paisagem e do processo produtivo fica a cargo das pastagens (figura 31 e 32)

⁴⁶ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

Figuras 31 e 32: Paisagens e pastagens na Bacia Hidrográfica do Córrego Santa Rita.



*Fonte: Trabalho de Campo 2022
Autora e Org. NERY, C., S.N. (2022)*

Nas últimas décadas, a modernização chegou no campo e na produção das famílias da comunidade Santa Rita, portanto, as empresas passaram a fazer exigências quanto a incorporação de novas tecnologias para armazenamento do leite, por exemplo.

[...] Com a atenção talvez centrada demais naquilo que se transforma e moderniza no mundo rural da atualidade global e brasileira, o campo através do que nestes últimos anos ele deixou de ser, para ser aquilo em que vertiginosamente é. não raro, de maneira lastimável, ele se transforma (BRANDÃO, 2009, p.19).

Uma dessas exigências foi a exigência de manter um tanque de resfriamento nas propriedades, entretanto, o custo do leite ficaria alto e o valor gasto para a compra desse tanque vai além das condições financeiras da maioria das famílias produtoras.

[...] ao fazer emergir arranjos produtivos que incluem outras práticas na pecuária leiteira, não destruíram, a priori, suas capacidades de criar e de organizar saídas produtivas. Ao contrário, contribuíram para o afloramento de práticas sociais potencializadas, assim como os vínculos territoriais provenientes destes (SOUZA, 2016, p. 116).

A princípio, a ideia para resolver esse embate do processo produtivo, foi adquirir um tanque que seria instalado na sede da comunidade, para que os produtores pudessem levar seu leite até a sede e de lá, o caminhão da empresa de laticínios iria fazer a coleta. Entretanto, devido ao valor das contribuições que a comunidade recebe serem insuficientes e nesse caso, haver pouca participação do poder público e da iniciativa privada para resolver a questão, o projeto não foi concluído. Um dos moradores, não vendo saída para a nova exigência do mercado, comprou um tanque com financiamento próprio e cobra dos outros moradores um valor irrisório por litro de leite que é despejado em seu tanque para conservação.

Aí depois veio a ideia do rapaz falar, vamos montar o laticínio aqui. Porque tem muitos produtores rurais que produzem um latão de leite, dois, tem muito produtor que é pequenininho. Aí era pra todo mundo trazer pra comunidade e da comunidade mandar pra fora, só que também nunca deu. Aí tem um produtor rural que faz isso lá na casa dele, todo mundo passa um porquinho, um galão, um tamborzinho de leite, e leva lá pra casa dele, mas aí ele cobra por isso, é lógico, ele tem custo, ele cobra sei lá ...centavo a mais pra deixar o leite lá. Só que se fosse algo pela comunidade, pela prefeitura, esses dois centavo a mais não precisaria de cobrar, o produtor rural podia receber todo o valor. Aqui tem o espaço pra isso, tem projeto pra isso, mas não tem apoio da prefeitura nem

políticos, aí o que que vai acontecendo, a soja vai chegando e vai acabando, até esses pequenos produtor de leite tá arrendando pra soja (Informação verbal ⁴⁷).

Essa prática de pensar coletivamente ascende ainda mais as relações solidárias. Essas relações são uma importante ferramenta de adaptação às exigências dos arranjos produtivos modernos do espaço rural. Esse espaço, passa a se transformar em lugar, à medida que se fortalecem as relações de sociabilidade e os sentimentos de empatia dentro da comunidade.

Formas culturais e populares de racionalidades e de sensibilidades que poderiam parecer anti-rationais e ultrapassadas. Sistemas de idéias e estilos fora do tempo e do lugar. No entanto, eles podem ser pensados como contra racionalidades. Como a defesa de espaços de vida e de trabalho no campo, não apenas postos à margem, mas auto-situados em zonas de fronteira geográfica, social e simbólica de um processo proclamado por seus realizadores como algo inevitável benéfico irreversível de "modernização do campo" (BRANDÃO, 2009, p.38).

O agronegócio começou a avançar na Bacia do Córrego Santa Rita com algumas famílias arrendando suas terras para a produção da Soja e cana de açúcar. Esse processo ocorreu principalmente em decorrências das inúmeras dificuldades encontradas pelos pequenos produtores para manter a produção rentável economicamente. Durante as entrevistas foram muitas as reclamações ouvidas em relação ao preço dos insumos, a desvalorização do mercado sobre seus produtos, a dificuldade de transporte e condições das estradas. O agronegócio possui um

⁴⁷ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

potencial muito grande de alterar as relações do lugar, à medida que aumenta o êxodo rural e diminui as relações de sociabilidade, e por consequência, as vivências que produzem o lugar no espaço rural.

A lógica da produção camponesa no lugar, também contraria a lógica da produção do agronegócio. A moral e a ética camponesa não permitem que a relação com o trabalho tenha interesses exclusivamente econômicos, ou seja, de acumulação do capital.[...] produzir na terra na terra tem significados maiores que apenas comercialização. É a garantia de reprodução e satisfação da vida em todas as instancias (SOUZA, 2016, p. 99).

É notável que a maioria dos entrevistados durante o trabalho de campo admiram, gostam e desejam as relações comunitárias. A vivência no campo é tudo que eles têm. O lazer deles está sempre ligado às relações que eles possuem na fazenda, mas a preocupação com as condições financeiras dos trabalhadores no campo e a ausência de projetos do poder público em defesa das relações comunitárias e dos pequenos produtores, fazem com que, de certa forma, eles não percebam que esse avanço diminua as relações de vivência que eles tanto prezam.

Minha prima tesoureira da comunidade já brigou trezentas vezes pra prefeitura vir arrumar essa estrada, só depois de atolar caminhão de soja, aí eles deram uma arrumada. Entendeu? Mas em si pela comunidade sozinha não vira nada. Informação verbal ⁴⁸.

⁴⁸ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

Quando questionados sobre o que eles acham em relação ao avanço da soja e as relações comunitárias eles deram as mais diversas respostas, dentre elas; “Nós acha até bom, quanto mais gente sair do leite, melhor fica, diminui o leite e valoriza o leite né.”(Informação verbal ⁴⁹). Logo, percebe-se que a comunidade vem sofrendo bastante com a precarização do trabalho, todavia, alguns moradores entrevistados, até acham melhor o avanço do agronegócio em detrimento das relações de sociabilidade.

Mas é uma coisa que é assim inevitável, né, e é muito culpa do governo porque se o governo desse mais estrutura e atenção para essas comunidades, para esses pequenos produtores de hortaliça, leite e coisa e tal, talvez, não deixava chegar soja. Mas como o governo não dá estrutura... você passou ali agora e viu a condição da estrada, o coitado que leva leite de cá pra lá não tem nem condição de passagem. Aí o cara invém com o maquinário de soja e arruma tudo aqui, o que você vai fazer? Você não tem opção, tem que optar pelo grande que vai te dar lucro, porque falta ajuda do governo. Aí essa comunidade vai acabar (Informação verbal ⁵⁰).

Talvez muitos ainda não tenham tomado consciência da proporção que esse avanço pode causar na vida no campo, ou até tenham, mas a preocupação com a situação financeira ou de descaso que enfrentam seja maior. “Mas a soja já chegou, vai ser 10 anos de soja aqui tudinho. ” (Informação verbal ⁵¹).

⁴⁹ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

⁵⁰ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

⁵¹ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

Porque igual por exemplo, aqui tem gado certo? Tá alugado, então nada nada você contrata um funcionário pra olhar o gado, a pessoa um dia vem vacinar, esse trabalho vai perder, porque a soja é o maquinário que faz. Porque aqui na região tem esse tipo de trabalho, pequenos trabalho, e isso prejudica o trabalho do pessoal. [...] Eu no meu caso específico não me sinto ameaçada, porque como eu tenho uma área maior então no meu caso a soja pra mim é muito mais vantagem, mas pra quem é pequeno produtor eu acho que é problema. Porque é aquela história desde que o mundo é mundo quem é rico é rico, quem é pobre é pobre, não adianta falar que pobre e rico se mistura porque não se mistura, e quem tem o maior poder domina o pequeno, o pequeno sempre vai diminuir e o grande sempre vai crescer. Isso aí infelizmente não vai acabar (Informação verbal ⁵²).

Segundo Brandão (2009), uma racionalidade empresarial domina todo o cenário da cidade, do campo e das relações entre um e outro. Esta racionalidade de que o "agronegócio" é o melhor (e pior) espelho, altera estruturas sociais de poder, de apropriação de espaços de vida, trabalho e produção. Altera - às vezes depressa demais - espaços, terras, territórios, lugares, tempos e paisagens. Movida pelo peso do capital, pela racionalidade capitalista, por uma tecnologia industrializada que em poucos meses transforma biomas de Minas em milhares de alqueires e que faz o círculo de plantio de soja em lavouras irrigadas chegar até às portas, além de alterar a vida de paisagens e de pessoas em todo o espaço alterando o lugar de forma brutal.

⁵² Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

Apesar dessas alterações no espaço rural e consequentemente no lugar, muitos lamentam as perdas que têm e terão nas relações de sociabilidade, de solidariedade, festividades, entre outros aspectos típicos da comunidade que vão se perdendo em detrimento da modernização do campo e mais recentemente em detrimento também da pandemia da covid19. “Igual existia a congada, vai alugar a casa dele pra soja, ele foi pra Uberlândia, praticamente não teve congada depois disso. Então como ele já não tá aqui, um peão ou outro que ele contratava pra trabalhar já não vai ter mais. (Informação verbal ⁵³).

O pessoal aqui é bem unido, abraça mesmo, o avanço da soja prejudica e muito a gente, porque muita coisa tá virando soja, a gente já tá no meio e a gente mexe com gado e tudo que eles jogam lá afeta tudo, galinha, cana, gado, saúde, muita gente que é pequeno não consegue competir com os grandes então vai acabando a comunidade, não encontra mais, o povo vai morar na cidade e vai acabando, não é bom igual era, é triste isso (Informação verbal ⁵⁴).

Segundo Brandão (2009), de fato bem sabemos como a junção do capital flexível às novas tecnologias aplicadas sobretudo à pecuária e à monocultura invadem tanto o campo rural quanto todos os outros “campos da vida” ora propondo e ora impondo uma outra ética dirigida à criação de saberes, valores, sentimentos e sociabilidades. Gerando o que gera modos de vida

⁵³ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

⁵⁴ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

tão modernos que terminam, sabendo disto ou não, inteiramente submetidos a esta nova racionalidade.

Essa nova racionalidade não consegue se conectar com as relações do campo que são solidárias, próximas, por vezes conflituosa, porém valorizadas. O contato a convivência e as vivências são importantes, movidas pelo trabalho e pelo momento do não trabalho (do lazer, da religiosidade, da festividade). É importante salientar que nem só de capital, ou de lucro, vive o homem do campo. A sociabilidade é um dos motores que movem a vontade de trabalhar na terra, de viver dela, de contar com o próximo e se sentir seguro e confortável. O campo é o lugar das famílias que ali sobrevivem e a comunidade é o lar e a base de apoio central. Segundo Souza (2016), É ainda comum à prática solidária entre os camponeses, uma obrigação de ir a algum velório de algum membro da família do lugar, mesmo que o funeral seja realizado na cidade, para passar a noite e, às vezes, seguir o cortejo junto com a família; de participar das festas promovidas por qualquer uma das famílias; ajudar algum membro que esteja passando por dificuldades financeiras ou de trabalho, nos cuidados do gado ou mesmo doméstico, prestigiar os encontros de lazer, rezar juntos entre outras relações.

É a partir dessas relações de trabalho no campo que surgem importantes reuniões, festividades, eventos, (Folia de Reis, Festa de Peão, Festa de aleluia, Cavalgada, entre outras). Para cumprir com os objetivos propostos nessa dissertação é importante destacar que os momentos de lazer, que ocorrem no tempo livre, ou seja, no tempo do não-trabalho, são tão importantes de serem analisados quanto as relações de trabalho relativo ao campo. Dessa forma, no próximo tópico, trataremos uma discussão que aborda o lazer e a sua importância para as relações sociais.

O Lazer e sua importância nas relações sociais

A Geografia brasileira começou a se dedicar aos estudos do lazer e do turismo já na década de 1970. Naquela época, os primeiros estudos possuíam um caráter descritivo e inventarial dos lugares de lazer e turismo. Na década 1980 surgiram os primeiros estudos da Geografia Crítica sobre o tema do lazer ou turismo. Os trabalhos de Adyr Rodrigues (1997) foram pioneiros neste sentido e deram as bases para a ruptura com o tradicional descritivismo dos estudos anteriores.

Foi somente na década de 2000 que surgiram os estudos humanísticos mais conhecidos, que também traziam conteúdos críticos amparados na produção geográfica da década anterior. Porém, a Geografia Humanística ainda não produziu um volume de estudos consistentes sobre o lazer no Brasil, de forma que as bases críticas ainda se sobressaem nas pesquisas realizadas sobre este tema.

O conceito de lazer tem sido muito discutido por outras ciências, como por exemplo, a Sociologia e a Filosofia, porém, na Geografia, o conceito de lazer encontra-se vinculado, predominantemente, à Geografia do Turismo. A concepção de lazer como “tempo-livre” é bastante comum, é no tempo-livre que as pessoas buscarão espaços de lazer, como campos de futebol, bares, festas, parques, entre outros. Todos esses espaços são dotados de símbolos e de ideologia. Dumazedier (1999), é um dos autores que associa o lazer à questão do tempo livre e principalmente da cultura, analisando o espaço de lazer na perspectiva de espaço cultural e social, em que se estabelecem relações entre seres, grupos meios e classes.

O autor procura destacar algumas práticas do lazer em sua dimensão espacial e propõe algumas definições básicas necessárias para que a Geografia possa se apropriar do conceito estudado. Essas práticas são: a forma e frequência de fatores determinantes, transformações resultantes da ação humana e por fim, a divisão do trabalho. Segundo Dumazedier (1999), antes de mais nada, a produção do tempo livre, invólucro que contém o tempo de lazer, é, evidentemente, o resultado de um progresso da produtividade proveniente das descobertas técnico-científicas, o que é contemplado por uma ação dupla, dos sindicatos que reivindicam direitos trabalhistas e das empresas que têm necessidade de estender o seu consumo.

Nem todos esses aspectos estão em harmonia, por esse motivo é tão importante entender o papel do sistema capitalista e da divisão do trabalho para entender como o conceito de lazer pode ser estudado dentro da Geografia.

A produção do lazer é resultado de dois movimentos simultâneos: a) o progresso científico-técnico apoiado pelos movimentos sociais libera uma parcela de tempo de trabalho profissional e doméstico; b) a regressão do controle social pelas instituições básicas da sociedade (famílias, sócio-espirituais e sócio-políticas) permite ocupar o tempo liberado principalmente com as atividades de lazer. Esta regressão dos controles institucionais relaciona-se à ação de movimentos sociais (DUMAZEDIER 1999, p. 55).

O tempo para o conceito de lazer é indissociável, o lazer por si só, não possui a capacidade de libertar um trabalhador ou inviabilizar as injustiças sociais, entretanto, existe a escolha, a liberdade dentro do tempo livre, mesmo que condicionada.

[...] na norma atual, o tempo de lazer não mais é apenas um tempo de repouso reparador, mesmo se continua a sê-lo, para um grande número de trabalhadores fatigados, tornou-se um tempo de atividade que tem um valor em si (DUMAZEDIER, 1999, p. 58).

As pessoas trabalham para viver um momento de ócio ou lazer, ou sonham com isso. Esse processo de mudança no pensamento social e histórico sobre o direito à escolha, ao lazer, e ao tempo livre é pensado não só pelos marxistas ou pelos humanistas, mas também pelos neoliberais, pois, para eles o lazer e o consumo estão interligados, apesar de não haver essa necessidade. A realidade abrupta do sistema capitalista faz com que tudo gire em torno de um único objetivo_ a obtenção do lucro máximo_ esse interesse é maior que qualquer interesse em manutenção de uma determinada cultura ou tradição.

Sobre o sistema capitalista e o tempo-livre, é importante salientar que o sistema condena o ócio, ou seja, sob esse sistema deve-se trabalhar consumir, comercializar e evitar “perder tempo com lazer”, em outras palavras, “tempo é dinheiro”. Essa percepção é questionável, pois o tempo têm um valor tão inigualável que as constantes lutas históricas pela redução da jornada de trabalho provam isso.

Os capitalistas possuem certo controle sobre o tempo alheio, além de serem proprietários dos meios de produção, de certa forma, eles também se apropriam desse tempo-livre,

[...] Há possibilidade de haver uma “contaminação” do tempo livre pela lógica do capital. Sendo assim, concordamos quanto à inviabilidade da realização de um tempo-livre “cheio de sentido”. Ou seja, o capitalismo é hegemônico e dominante e se

entrelaçou ao âmbito familiar visando a possibilidade de obtenção de lucro (PADILHA, 2000, p. 54).

Enquanto o capitalismo conseguir dominar o tempo livre e manipulá-lo segundo a sua lógica, (seja transformando-o em desemprego, ou preenchendo o tempo liberado com consumo de mercadorias), tempo livre e capitalismo jamais formarão o par perfeito, o que dificulta as definições de lazer.

Segundo Padilha (2000), o lazer pode ser compreendido como tempo e atitude, concebido como um estilo de vida. O lazer é considerado como atitude quando caracteriza uma relação entre o sujeito e a experiência vivida de forma que ela seja satisfatória. Isso inclui liberação do trabalho e das tarefas sociais e familiares. Existe o tempo necessário para a execução dessas tarefas e o tempo liberado para ainda cumprir com as obrigações que não incluem o trabalho formal, sendo o tempo livre uma parcela do tempo liberado dedicado ao lazer, que para Dumazedier (1980, p. 19) é classificado como:

Um conjunto de ocupações as quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

O conceito de lazer pode estar ligado a diversos tipos de atividade como jogos, artes, viagens, encontros, festas entre outras, ligados a fatores culturais, de gênero, idade e outras características de grupos sociais. Os interesses e preferências desses grupos estão ligados também a um condicionamento econômico e de classe social. Segundo Padilha (2000), o tempo livre para uns é a consumação do lazer, para outros viagem e

turismo, ou então passeios em concertos e museus, cozinha, militância, apoio humanitário, relaxamento, dança, ou tempo de “amar”, todos condicionados ao conceito de tempo-livre, esse, pode ser visto como tempo de recuperação para o trabalho.

Ao trazer para essa discussão uma perspectiva humanística de análise sobre as questões culturais ligadas ao lazer, é preciso destacar que os meios de comunicação em massa têm tomado cada vez mais força nos momentos de lazer dos indivíduos. Ao analisar o processo de tempo-livre é possível constatar que as pessoas têm passado cada vez mais seu tempo diante dos computadores, celulares, notebooks e televisores. Essa tendência vem se expandindo com a globalização.

“[...] Este canal de comunicação não é um simples suporte para a mensagem, na verdade, exerce sobre a sensibilidade e a imaginação uma influência independente da mensagem” (DUMAZEDIER 1999, p. 180). Contudo, ocorre um processo de massificação, muito ligado ao processo de globalização que influencia diretamente na perspectiva de lazer das pessoas.

[...] e evolução das tecnologias possibilita uma diminuição do tempo de trabalho necessário e um aumento do tempo livre, mas a evolução das tecnologias não possibilita, por si só, que o tempo livre seja mais importante que o trabalho, e que ele seja cheio de sentido, isso porque inovação tecnológica não é sinônima de emancipação (PADILHA, 2000, p. 104).

É preciso conhecer novos critérios, como ressalta Dumazeidier (1999), de uma cultura favorável à participação social do maior número possível de pessoas, as condições e os processos desse desenvolvimento pelas mídias sociais e de massa assim como novas formas de educação. A cultura de massa não deu lugar a nenhuma conceituação que permitisse responder

questões ligadas aos processos de ruptura e aos movimentos de emancipação social.

Para Padilha (2000), é preciso ter o reconhecimento de que, na realidade diária enfrentada pela grande maioria dos trabalhadores, os momentos de lazer significam momentos de descanso, divertimento e recuperação das energias, tendo em vista as condições exaustivas de trabalho que os subordinados enfrentam. O problema é que as abordagens sobre lazer constatam isso, mas não incentivam nenhum tipo de questionamento como o porquê da necessidade de se compensar algo que se perde. O caráter de divertimento implícito no lazer é inegável, mas não é esse o problema maior quando se pensa na libertação do homem, é preciso refletir diversos contextos, mesmo porque, apenas denunciar a realidade não significa que haverá mudança.

O comportamento lúdico do lazer não é revolucionário por si só, ele apenas favorece o relaxamento e a recreação, não são atividades consideradas estimuladoras de consciência e pensamento crítico. Até mesmo porque, via de regra, não precisam ser. As atividades de lazer para produzirem lugares, precisam apenas ocorrerem de forma que exista importantes relações imateriais que abrangem o campo dos sentimentos e se projetam em um espaço vivido dotado de símbolos e significados.

O lazer associado à perspectiva do lugar é um conceito que pode ser analisado considerando as mais diversas escalas em que solidariedade, divertimento e tempo livre se encontram. Um exemplo disso são os denominados lazeres de pequeno porte, como aqueles que acontecem em pequenos bares, nos encontros nas praças, na igreja, entre outros. No espaço geográfico o lazer encontra a sua manifestação, sendo capaz de causar ordenamentos espaciais e locais, pois seus autores que produzem o espaço são figuras importantes para compreensão dos fenômenos que

ocorrem no lugar. Tudo isso segue intimamente ligado à cultura e tradição do local, que, via de regra, são resultados de uma manifestação comunitária da cultura.

Os ócios estão ligados ao domínio da cultura, nas suas implicações com a vida quotidiana, das sociedades antigas às sociedades actuais, e nas manifestações que, de uma forma ou de outra, exprimem um imaginário colectivo das sociedades, valores culturais acumulados durante longo tempo. Por esta relação com o domínio da cultura, resulta a muita atenção que a estes fenómenos é dedicada pela bibliografia antropológica (CRAVIDÃO, 1989, p. 45).

Existe um processo denominado por Santos (2005) de elitização. Esse, se caracteriza pelo número de pessoas que conseguem ter acessos a determinados tipos de lazer. Os grupos sociais mais ricos conseguem dar vulgaridade aos lugares, às tradicionalidades e aos modos de interação. Dessa forma novos lazeres e novas práticas são criadas, o que resulta em espaços exclusivos e sofisticados. “O lazer é, precisamente, uma expressão superlativa desta transformação do espaço em lugar” (SANTOS, 2005, p. 146).

Os Lazerres que acontecem nesses lugares em que se desenvolvem a experimentação e que são dotados de valor, são processos efêmeros ou até mesmo imateriais, não podem ser possuídos, armazenados, substituídos ou até mesmo transportáveis.

Por outro lado, o lazer integra uma diversidade crescente de espaços, acções, modos, apropriações e produções, que implicam a integração da noite, da praia e sol, do rural, do urbano, da montanha, da aventura, da globalização, da conquista (espaços, bens e pessoas), dos bens duráveis, da tecnologia, do dinheiro de plástico, da individuação, do ambientalismo, do prazer, do hedonismo, do ecletismo, da

mobilidade e movimentos, da integração, da imagem social, da qualidade de vida, do trabalho, nas questões relacionadas com o lazer (SANTOS, 2005, p. 148).

Na atualidade, o lazer pode ser visto como uma forma de norte no núcleo da vida cotidiana de uma comunidade, especialmente porque, mantém relações significativas com os espaços, portanto, não deixa de, por diversas vezes, ser uma atividade econômica que possui potencial de oportunidades e capacidades multiplicadoras e inovadoras de produção, que podem ser feitas de forma que respeite a tradição local. Há experimentação, logo podem existir sentimentos topofílicos sobre o lugar, sem deixar que o capitalismo contamine e desapareça com valores locais e comunitários.

A cultura e a identidade social definem os comportamentos da população num mundo em crescente globalização. A assumpção da relevância desta afirmação permite transformar o lazer num tema de análise transversal: tomado a diferentes escalas, decorrendo em tempos curtos e tempos longos, promovendo produções e consumos, integrando situações sincrónicas e diacrónicas, assumindo valências relacionais incontornáveis e actos de isolamento social, expressando-se num mundo urbano e valorizando os espaços rurais e vazios, transformando espaços em lugares e servindo-se dos não-lugares, expressando situações de massificação e de diferenciação. (SANTOS, 2005, p. 158).

Na comunidade estudada nesse trabalho já foi constatado que existem importantes atividades de lazer que configuram relações de sociabilidade. Dentre elas estão os passeios a cavalo, o ciclismo, os momentos em que a família se reúne para assistir televisão, os encontros dos membros da comunidade para dançar, os encontros nos pequenos bares, as

rodas de viola, entre outros. As visitas de ciclistas às cachoeiras locais também são frequentes o que permite um contato dos moradores com pessoas da cidade. O mesmo ocorre em locais de pesca onde os residentes compartilham experiências principalmente com parentes que residem no espaço urbano.

A importância do futebol para a comunidade do Córrego Santa Rita

Um dos lazeres, mas significativo da comunidade é, sem dúvidas, o futebol dos domingos. A comunidade possui seu próprio time conhecido como “Time do Santa Rita” e no campo da comunidade já ocorreram vários campeonatos, tanto entre times de outras comunidades da região, como por exemplo o time das “Três Barras”, quanto entre os próprios jogadores do Santa Rita.⁵⁵

Segundo relatos dos entrevistados, o time já foi mais forte e os campeonatos eram mais constantes no período anterior à pandemia, em que os encontros eram mais recorrentes. Além disso, a comunidade contava com um número maior de pessoas mais jovens, principalmente homens, que migram para a cidade em busca de oportunidades de trabalho e estudo no meio urbano. Ou, em outros casos, preferem viver na área urbana depois de casados.

⁵⁵ A comunidade das Três Barras é uma comunidade rural localizada no município do Prata, limítrofe ao município de Ituiutaba. A devido à proximidade, essa comunidade interage de forma bastante significativa com a comunidade do Santa Rita, principalmente nos momentos de lazer.

[...] torneio de futebol sempre tem também. Vem um time da cidade e dois das comunidades diferentes, além das outras fazendas vizinhas, cada comunidade e cada comunidade faz um time. O torneio inteiro ocorre num domingo só, vai eliminando. Tudo num dia só, aí tem o amistoso, contra o povo da quadra⁵⁶. A gente vai lá e bate neles lá também, tem gente dos 7 aos 50 anos e é tudo misturado. (Informação verbal ⁵⁷).

O time Santa Rita é formado por jogadores de todas as idades, atualmente, tem pessoas de 11 até 54 anos.

Figuras 33 e 34: Jogos de futebol no campo da comunidade Santa Rita



*Fonte: Trabalho de Campo 2022
Autora e Org. NERY, C.,S.N. (2022)*

⁵⁶ “O povo da quadra” é uma referência aos times que jogam na cidade em quadras dispostas no espaço urbano.

⁵⁷ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

Todos jogam juntos, no mesmo horário, o único critério para participar dos campeonatos é fazer parte da comunidade e estar presente aos domingos, que é o dia em que os jogos ocorrem.

Todo domingo vem pro jogo o pessoal da comunidade, porque o pessoal da comunidade Santa Rita tem um time, aí um domingo sim um domingo não vem o pessoal das três Barras jogar com o Santa Rita, aí quando tem campeonato vem o pessoal de todos os lugares jogar com o Santa Rita. Aqui é “união” né, união. (Informação verbal⁵⁸).

Constantemente, pessoas da cidade visitam a comunidade e juntam-se aos jogares do Santa Rita para jogar, como forma de lazer e sociabilidade. Souza (2016) reafirma que, todavia, esses jogos não podem ser vistos apenas como práticas de lazer, são mais que isso, são parte da sociabilidade e das estratégias que os solidificam como sujeitos daquele lugar.

O nome do time faz com que a comunidade Santa Rita apareça e se reafirme enquanto lugar de importância, e parte da comunidade acredita nisso. O time Santa Rita já venceu muitos campeonatos ao longo dos anos, o que é motivo de orgulho para muitos moradores do local.

⁵⁸ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

Figura 35: Troféus conquistados pelo Time Santa Rita durante os campeonatos.



*Fonte: trabalho de campo 2022
Autora e Org. NERY, C.,S.N. (2022)*

Infelizmente, com a pandemia da COVID 19, o último grande campeonato na comunidade ocorreu no ano de 2019. A comunidade ainda está aos poucos tentando retornar com as relações de sociabilidade que existiam antes.

Aqui é o campeonato de futebol que tem de vez em quando, antigamente tinha o mais, tá muito escasso por causa da pandemia um pouco e falta união e interesse da própria comunidade em manter a comunidade mais ativa, assim, a própria comunidade deixa a desejar (Informação verbal ⁵⁹).

É nos momentos dos jogos de futebol que também acontecem as relações de solidariedade: ao emprestar as chuteiras, oferecer

⁵⁹ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

caronas para ir aos jogos entre outras ações. É nesses momentos também que ocorrem alguns conflitos, corriqueiros e passageiros, é importante salientar que não houve, durante as entrevistas, nenhum relato de brigas ou conflitos mais sérios.

De vez em quando tem briga, futebol sempre tem, eles ficam bravos, brigam porque ninguém quer perder. Sempre tem o engraçadinho que tá perdendo e dá problema. Quando bebe também, mas é pouco. Depois passa, senta aqui e bebe junto ainda (Informação verbal⁶⁰).

É importante destacar que as práticas esportivas ou de lazer que envolvem esportes são predominantemente masculinas na comunidade Santa Rita. As mulheres, eventualmente, acompanham os homens apenas para assistir ao jogo. Como já relatado anteriormente, o lazer feminino na comunidade é bastante inabitual, é raro observar na comunidade mulheres se reunindo exclusivamente para lazer. Normalmente elas ficam na condição de servir ou acompanhar o lazer do homem.

As mulheres só vão pra ver o jogo, as vezes vender laranjinha, e beber cerveja na venda, trufas também. Quando acaba o jogo as pessoas vão pra venda, a maioria das pessoas que têm lazer na comunidade são homens. A maioria das mulheres que frequentam a cachoeira e o rio são as mulheres, mas é raro, elas não usam muito o rio não. As mulheres reúnem mais pra cozinhar e trabalhar, mas as vezes fazem encontros e piqueniques (Informação verbal⁶¹).

⁶⁰ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

⁶¹ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

Após o jogo que ocorre nos domingos, no período da manhã, os jogadores se reúnem na venda que fica em frente ao campo.

A venda da comunidade Santa Rita e as relações de sociabilidade do local

Outrossim, o ambiente da venda é composto por mesas e cadeiras simples, uma pequena área coberta e uma estrutura em que um casal, que ali mora sem pagar qualquer aluguel⁶², cuida e comercializa alimentos simples, porções, pastéis e principalmente bebida alcoólica, como cervejas e cachaça. Esse ambiente é um dos momentos de lazer e sociabilização mais importante daqueles moradores.

Sem dúvidas, é possível perceber de forma evidente a que um dos lugares mais importantes que os moradores possuem para socializar é a venda: “toda semana, pra lazer, a gente vem beber na venda e comer, esse é o que reúne toda semana, sagrado. Ninguém vem roçar pasto, só lazer.” (Informação verbal ⁶³). A venda (figuras 36 e 37) é frequentada não apenas por moradores da região, ela é frequentada também pelos moradores de outras comunidades rurais como a Três Barras e São Lourenço, por pessoas da cidade que buscam a comunidade como forma de lazer e descanso e pelos ciclistas que fazem passeios na região.

⁶² A área da venda, a casa que existe ao fundo, além da pequena área de pastagem e área de plantio pertencem a outra moradora da comunidade, que não cobra qualquer custo para que eles possam viver ali e administrar e lucrar com a venda, a única exigência é que eles vigiem a sede da comunidade.

⁶³ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

Aqui na venda nós sempre tá inventando coisa, sabe, faz um dia de caldo, um dia de galinhada, faz um...faz uma festinha junina, sabe, nós é, fez carnaval, natal ano novo, tudo aqui nós quer fazer, aniversário do pessoal da comunidade, estamos querendo chamar e reunir o pessoal, tudo a gente pensa assim em fazer e agradar o pessoal e isso agrega renda também, a cerveja é nossa, eles tomam e a renda é nossa e acontece mais aqui as coisas. (Informação verbal ⁶⁴).

É também, na venda da comunidade Santa Rita, que as pessoas se encontram para jogar: jogos de tabuleiro, jogos de baralho, jogos de aposta e bingo. (Figura 38).

Há alguns anos, havia uma mesa de sinuca na venda, que foi retirada pelos atuais moradores do local. Muitos moradores reclamam da ausência da mesa, pois os campeonatos de sinuca que ocorriam era um dos mais importantes momentos de lazer que a comunidade possuía.

⁶⁴ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

Figuras 36 e 37: Venda da Comunidade Santa Rita



*Fonte: Trabalho de Campo 2022
Autora e Org. NERY, C.,S.N. (2022)*

Figura 38: pessoas jogando baralho na comunidade.



*Fonte: trabalho de campo 2022
Autora e Org. NERY, C.,S.N. (2022)*

[...] aqui eu jogava sinuca quando tinha, mas não tem mais a mesa, porque o dono tirou, mas quando tinha reuniam muitas pessoas para entrar na mesa. Vinha gente da região inteira para jogar, aí quando tirou, a gente passou a ir mais pra cidade, aqui a gente vem mais dia de domingo, vem gente do prata (Informação verbal ⁶⁵).

Os atuais donos da venda disseram que possuem interesse em retornar com os campeonatos, mas para isso acontecer, teriam que comprar outra mesa e, segundo eles, as coisas ainda não normalizaram após o período de pandemia.

Na venda, nas festas, nas residências e também em uma cachaçaria localizada na comunidade, o consumo de bebida alcoólica é muito comum. No espaço rural, as pessoas se unem por meio do consumo de álcool. É cultural e os homens da família começam a consumir a bebida ainda jovens. Esse consumo é algo que motiva os encontros e os momentos de lazer. Existem alguns casos de alcoolismo presenciados durante o campo e também relatados pelos moradores. Um dos moradores que ajuda com os trabalhos de manutenção da comunidade gasta grande parte da sua renda com o consumo de bebidas na venda, muitas vezes chega a passar mal e é socorrido pelos moradores, amigos e familiares.

⁶⁵ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

A cachacinha do dia-a-dia

Um dos importantes locais de encontro na comunidade é a Cachaçaria do Telin. Essa pequena destilaria produz cachaças que são vendidas em vários locais na cidade e até em outros municípios. Os moradores, antes da pandemia, tinham o costume de se encontrarem lá para conversar e beber. “A gente caça porco, vai no Telin, (figuras 39 e 40) beber cachaça, vem pro campo jogar bola. Em casa é só celular e olhar as redes sociais, o Google, esses trem” (Informação verbal ⁶⁶).

O consumo de álcool, apesar de poder causar problemas à saúde dependendo de como é consumido, é, sem dúvida, uma das principais causas em que espaços meramente comerciais, passam a configurar um importante local de sociabilidade para as pessoas do campo a partir do seu consumo.

⁶⁶ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

Figuras 39 e 40: Cachaçarias na Comunidade do Córrego Santa Rita.



*Fonte: Trabalho de Campo 2022
Autora e Org. NERY, C.,S.N. (2022)*

O lazer na natureza

A bacia hidrográfica do Córrego Santa Rita possui um potencial turístico muito grande em suas paisagens (figura 41), porém pouco explorado, muito por falta de interesse dos próprios moradores em transformar os locais com potenciais turísticos em espaços efetivamente turísticos, do setor privados em investir e também do setor público em fornecer a estrutura necessária. O acesso aos principais rios e cachoeiras é desafiador, as estradas são de difícil acesso e a maior cachoeira do local encontra-se em propriedade privada da qual o dono não costuma aceitar visitas.

Figura 41: Paisagem da bacia hidrográfica do Córrego Santa Rita



*Fonte: trabalho de campo 2022
Autora e Org. NERY, C.,S.N. (2022)*

Não obstante, a interação dos moradores com a natureza, motivada pelas atividades de lazer, existe de forma recorrente principalmente no Rio Santa Rita. (Nesse rio não há restrições da comunidade quanto a visitação.) (Figura 42) esses ambientes são procurados principalmente por mulheres e crianças da comunidade, para piqueniques e banhos de rio, entretanto esses passeios ficam limitados mais às pessoas da comunidade e alguns familiares que vivem na cidade além de alguns transeuntes, por motivos já relatados, e não duram muito tempo.

[...]a cachoeira, aqui no Santa Rita na primeira ponte. Vai muita gente lá nadar, é sempre nadar mesmo refrescar no final de semana, quando as minhas irmãs vem da cidade aí nós vai com as criança (Informação verbal ⁶⁷).

Apesar do lazer e do turismo ecológico rural não serem bem desenvolvidos na comunidade e não atraírem muitas pessoas da área urbana, as festividades, ou festas coletivas, configuram o oposto na região. Segundo Souza (2016), a sociabilidade camponesa, que são importantes relações estabelecidas entre todos os elementos de um mesmo grupo social, propicia-nos pensar que as festas coletivas, existentes alimentam não apenas os laços de sociabilidade entre os camponeses da própria comunidade, mas também desses com os de outras comunidades próximas.

⁶⁷ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

Figuras 42: Mosaico de paisagens naturais que configuram potencial turístico na Bacia Hidrográfica do Córrego Santa Rita.



*Fonte: Trabalho de Campo 2022
Autora e Org. NERY, C.,S.N. (2022)*

As festividades rurais

Na comunidade Santa Rita existem várias festividades que sempre acontecem no espaço destinado à sede ou no espaço da venda. Nesses locais ocorrem comemorações de aniversário, forrós, festas juninas, festas de carnaval, dentre muitas outras.

Tem as festas, forró, carnaval, agora tá mei parado por causa da pandemia, porque eles não vem e não quer que faz, mas a gente faz assim mesmo, une o povo, é o que nós gosta, só que agora que vai voltar, sabe? Antes da pandemia a gente reunia o pessoal da comunidade e fazia um bingo, fazia galinhada beneficente pra ajudar o próximo, sabe? - (Informação verbal ⁶⁸).

Em decorrência da pandemia, foi possível acompanhar durante os trabalhos de campo na região, apenas uma festividade: A festa do sábado de aleluia⁶⁹. Essa festa aconteceu no espaço que corresponde à sede na data do dia 8 do mês de abril de 2022. Por ser um espaço comum, ou seja, todos as pessoas que pagam as mensalidades da comunidade têm direito de decidir e opinar sobre o que será feito, dessa forma, ficam proibidas as festividades religiosas na sede da comunidade por decisão da assembleia comunitária.

⁶⁸ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

⁶⁹ No Cristianismo, o Sábado de Aleluia é comemorado por acontecer após a Sexta-feira da Paixão, dia da crucificação de Jesus Cristo. O significado da data é celebrar a alegria da ressurreição de Jesus por meio de uma festa ou eventos religiosos quem ocorrem na igreja. Essa data, apesar de não ser feriado, é ponto facultativo em muitos locais e pessoas de todas as religiões participam de festividades decorrentes dessa data.

os evangélico não gosta que fala que é pra santo ou levanta bandeira de santo, mas a festa pode acontecer no feriado religioso, só não pode falar que é pro santo e nem levantar o santo, na comunidade, também não pode fazer nada em benefício da igreja, só da comunidade” (Informação verbal⁷⁰).

Por motivos de discordância religiosa, a comunidade evangélica não permite que ocorram festas católicas com fins religiosos no espaço comunitário. Logo, apesar de ser uma festa que acontece em data religiosa ela não tinha nenhum objetivo religioso. O objetivo principal, além do lazer da comunidade, era arrecadar fundos que seriam revertidos em obras para o espaço comum (sede) da comunidade. Então, pode-se considerar que não foi uma festa que aconteceu em decorrência da religiosidade, mas em decorrência de utilizar da data, que era ponto facultativo, para que as pessoas pudessem vir da cidade prestigiar, consumir e, dessa maneira, gerar lucro e lazer comunitário.

[...]agora religião a gente não discute dentro da comunidade porque se não a gente acaba afastando os evangélicos e a gente precisa da contribuição deles, quando tem festa a verba é convertida para toda a comunidade, mas os evangélicos não podem vir, na minha equipe de organizar as festas não tem nenhum evangélico (Informação verbal⁷¹).

⁷⁰ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

⁷¹ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

A organização da festa começou 15 dias antes e toda a organização configurou importantes relações sociais e solidárias e também relações conflituosas. Existe no estatuto um artigo que determina que, quando ocorrerem festas na sede da comunidade, os donos da venda não podem fazer festa na venda ou abrir a venda para comercialização de nada. Essa regra foi estabelecida em assembleia e justifica-se pela necessidade que a comunidade tem em arrecadar verbas por meio das festividades, que são revertidas em benefícios para a própria comunidade, logo, o comércio na venda nesses dias poderia gerar competitividade e perda de lucro por parte da associação.

Em relação a venda, a venda não pode abrir quando tem festa na comunidade, até o dia marcamos a festa ela falou que queria fazer o sábado de aleluia, eu não briguei não, mas eles tão aqui pra vigiar a comunidade, eles não pagam nada pra morar aqui, quando a comunidade faz festa eles não pode abrir. No São Lourenço eles fazia o que eles queria, mas aqui não é assim porque tem a comunidade. Ela ficou brava comigo e falou que já tinha marcado a festa, eu falei que se ela tivesse na reunião tinha escutado que eu marquei antes, então falei com ela que eu marquei e pronto, que só estava avisando (Informação verbal ⁷²).

Nos dias que antecederam a festa as pessoas doaram muitos ingredientes como mandioca, temperos e carnes que foram utilizados para fazer parte da comida que foi vendida. O restante foi adquirido na cidade⁷³,

⁷² Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

⁷³ Foi servido no dia da festa: Caldo de costela (produzido na própria comunidade), espetinhos de carne, salgadinhos e bebidas alcólicas comprados em mercados na cidade de Ituiutaba. No dia da Festa os espetinhos foram assados e os salgadinhos fritos.

[...] na reunião já falei para as meninas que a gente ia fazer uma festa, a gente comprou tudo na cidade, antigamente a gente fazia, mas hoje tem pouca gente pra ajudar, muita gente mudou, então a gente compra. Só fez o caldo aqui porque ganhamos a mandioca. Os homens se uniu e fizeram a estrutura, foi muito rápido, a gente foi organizar e cozinhar com o que ganhamos de doação (Informação verbal ⁷⁴).

Segundo os organizadores, que são, em sua maioria, mulheres, a preferência por comprar grande parte dos alimentos já prontos na cidade e não os preparar nas casas dos moradores da comunidade, em sua totalidade, como era antigamente, se dá ao fato de não haver muita gente para ajudar nesse preparo e as mulheres mais velhas acabam ficando muito sobrecarregadas de funções. Um dos motivos dessa sobrecarga se dá pelo êxodo rural decorrente migração das pessoas em busca de emprego, estudos ou motivados por casamentos e mais recentemente também, pela expansão do agronegócio da soja. As pessoas mais jovens, em sua maioria, acabam por não fazer mais parte dessas organizações dos momentos de lazer. (Figuras 43 e 44).

Os homens ficaram com a função de construir a estrutura em que ocorreria a festividade. Para isso, eles trabalharam de forma coletiva e voluntária, utilizando lonas da comunidade e bambus encontrados de forma natural.

⁷⁴ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

Figuras 43 e 44: pessoas consumindo na festa do Sábado de Aleluia.



*Fonte: Trabalho de Campo 2022
Autora e Org. NERY, C.,S.N. (2022)*

Figuras 45 e 46: Estrutura de lona e bambu construída para a festa do Sábado de Aleluia.



*Fonte: Trabalho de Campo 2022
Autora e Org. NERY, C.,S.N. (2022)*

Todo o trabalho da festa foi executado de forma solidária, rápido e sem reclamações. Motivado pela necessidade de convívio, do lazer e das melhorias para a comunidade, mesmo que seja apenas para comer, comemorar, dançar, ou até mesmo cuidar da organização. A festividade para os moradores do campo é quase sagrada. É onde se configura o lugar de felicidade, o lugar de topofilia, que para Tuan (2012) é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico, é um neologismo útil, quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material.

A festa, apesar de ter sido a primeira, desde o início da pandemia, foi considerada “um sucesso” pelos organizadores. Estavam presentes pessoas de várias comunidades locais e da cidade de Ituiutaba e do Prata.

Além de pessoas de outras regiões. Para diversão, foram contratadas duas bandas locais que tocaram músicas do gênero sertanejo e forró, predominantemente. As pessoas dançaram, se divertiram, comeram, beberam (figuras 47 e 48) e a equipe organizadora disse que o lucro não foi tão alto, mas conseguiram algum valor, para, pelo menos, iniciar algumas melhorias na sede.

Para a maior parte dos moradores a festa foi muito divertida, “ a gente tava com muita saudade, é muito bom vê todo mundo junto, esse ano não teve folia, então a gente tava triste” (Informação verbal ⁷⁵). “Uai, eu gosto né, porque é muita gente, dá pra gente fazer um tantão de festinha, reunir o pessoal e é bom né, estar com as pessoas” (Informação verbal ⁷⁶).

⁷⁵ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

⁷⁶ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

Figuras 47 e 48: Pessoas cantando e dançando durante a festa do sábado de aleluia.



*Fonte: Trabalho de Campo 2022
Autora e Org. NERY, C.,S.N. (2022)*

É fato que a pandemia da Covid 19 configurou um imenso prejuízo para o lazer comunitário, além disso, os conflitos religiosos também geram prejuízos ao lazer de grande parte da comunidade, uma vez que o lazer religioso, principalmente o católico, não pode ocorrer no espaço que a comunidade disponibiliza. Não obstante, o avanço do agronegócio, o êxodo rural e a falta de infraestrutura também compromete esses momentos. Entretanto, apesar das dificuldades encontradas, a comunidade nunca deixou de procurar desenvolver o lazer, que é tão importante quanto outras relações materiais ou imateriais que ocorrem no meio rural. Os momentos de lazer, são, sem dúvidas, mais que um momento de não trabalho, ou um momento fugaz. É o momento da experiência, da vivência e dos sentimentos que atribuem significado ao lugar.

Além do lazer, outras atividades culturais são praticadas na comunidade rural do Córrego Santa Rita. Um exemplo disso são as atividades religiosas em que se conservam tradições como rezas, novenas e festividades de santos, que

ocorrem a partir de uma organização social dos membros da comunidade. Esses encontros são constituídos da sociabilidade ritual que faz parte da tradição rural. É a partir dessas atividades que os moradores da comunidade podem se encontrar em estado de comemoração ou luto, por exemplo e para renovar seus vínculos territoriais. Esse assunto será melhor discutido no próximo tópico.

A manifestação da fé e da religiosidade no meio rural

Dentre as categorias de sociabilidade existentes, a religiosidade é uma delas. A religião de maneira geral é um fenômeno de interpretação e fé, ligada ao contexto cultural individual ou coletivo de cada lugar, dotada de simbologias e sentimentos. A religiosidade para as comunidades rurais é capaz de aumentar o sentimento de pertencimento e coletividade por meio da fé. As pessoas se sentem acolhidas e inclusas em um determinado grupo social que traz apoios e laços familiares ou não.

Em termos antropológicos, advogamos que qualquer manifestação de fé construída coletivamente ao longo de um processo histórico constitui uma forma de prática religiosa. Os antropólogos de orientação pós-moderna igualam o tratamento dispensado a todas as formas de exercício da fé, chamando-as genericamente de "religiosidade". É uma maneira de evitar posturas preconceituosas uma vez que todas são designadas da mesma forma, e não há (pelo menos em termos científicos) hierarquização entre as diversas práticas existentes na sociedade. E como veremos na obra, é da noção de

religiosidade que surge a institucionalização religiosa, ou simplesmente a "religião (PORTUGUEZ, 2015, p.21).

A religiosidade é precursora de muitos encontros considerados atividades de lazer e interação social. É para praticar a religiosidade que as pessoas promovem festas, encontros, eventos entre outros. Tudo isso faz parte de uma cultura comumente ligada ao campo e às comunidades e são expressões da vida em sociedade.

Todas as expressões culturais criam-se e recriam-se no jogo das relações sociais. Mesmo quando aparecem paradas, acham-se em movimento. A cultura tem vida, com a vida da sociedade, dos grupos raciais, regionais, religiosos e outros, da mesma forma que com a vida das classes: burguesia, campesinato, operário, setores médios (2010, LEMOS p. 143).

Segundo o IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2021), a religião católica é a religião predominante no Brasil, inclusive no espaço rural, apesar da maioria das igrejas estarem localizadas nas cidades. Segundo Lemos (2010) no campo, existe o atendimento religioso que ocorre de outra forma na comunidade, para além das igrejas, um exemplo disso são as confrarias, os beatos, as benzedeiras. Essa situação definiu, no quadro religioso brasileiro, o que é chamado “catolicismo popular”. Sua principal característica é compreender um grande número de símbolos e práticas cuja organização e realização independem da hierarquia católica. São práticas religiosas que se situam também fora do calendário oficial e dos seus locais de culto _isso é muito comum no espaço rural_ mas isto não significa uma cisma ou negação da Igreja. Os sujeitos sociais definidos por essas práticas guardam uma grande fidelidade à hierarquia e, em geral até mantêm uma relativa frequência aos atos oficiais, especialmente aos sacramentos.

É por meio dessas tradições, mesmo longe das principais matrizes religiosas, que as pessoas no campo vivem importantes relações sociais cotidianas que se organizam no espaço familiar e comunitário.

Além da vida em família, no espaço rural existe uma união por meio do trabalho, do convívio, do lazer e da religiosidade na vida em comunidade. Essa religiosidade está presente também nas memórias dos lugares e dos antepassados. Um exemplo disso são os eventos fúnebres, que além de reunir as pessoas, reforçam laços de sociabilidade, solidariedade e de religiosidade. A amizade é reforçada juntamente com as orações, em um lugar dotado de símbolos.

Esta reunião em torno do falecido garante a afirmação do grupo pelo fortalecimento das relações sociais e dos valores, regras e costumes. O sistema cultural de morte configura-se, portanto, como uma instituição de coesão social, expressa pela solidariedade entre indivíduos diante da morte (LEMOS, 2010, p. 4).

É nesses momentos que o aspecto religioso se mostra presente no sentido da fé. O residente do espaço rural é extremamente ligado às afetividades e à vida em comunidade e possui a necessidade de convivência que é fortalecida por meio dos laços de apoio. A presença de elementos da fé, faz parte do cotidiano e isso (re) cria relações sociais. “A religião, seja ela tribal ou majoritária em uma sociedade, é histórica e culturalmente produzida. É um fenômeno de grupo e reflete uma maneira de ver a vida, a pós-vida e a própria socioespacialidade de determinado grupo humano.” (PORTUGUEZ, 2015, p.21)

Essa escolha que o indivíduo faz pela religiosidade faz com que seu sentimento de pertencimento à comunidade seja ainda maior e mais significativo, pois envolve questões indenitárias. Segundo Bauman (2001), a comunidade em seu sentido restrito vem sendo substituída pela identidade, ou para sermos mais específicos, pela identidade comunitária.

Na comunidade Rural do Córrego Santa Rita é possível encontrar diversas formas de manifestações religiosas características do espaço rural, portanto, existem igrejas e importantes festividades de cunho religioso: Igreja católica, Festas de Folia de Reis, ocasionalmente festas juninas, novenas, terços rezados em família, espaços para cultos evangélicos, práticas de religiões de matriz africana em cachoeiras, benzimentos, entre outros.

Na comunidade, a maior parte da população é católica, seguido da população evangélica, espírita e alguns poucos de religiões afro-brasileiras. Nela, existe apenas uma igreja (que apesar de ser denominada Capela de Santa Rita de Cássia se encaixa nos padrões necessários para ser considerada uma igreja e está sob a jurisdição da Paróquia⁷⁷ de São Sebastião.) existe também duas pequenas capelas, também de Santa Rita de Cássia.⁷⁸, ambas católicas (figura 49).

⁷⁷ Paróquia é a comunidade dos fiéis submetida ao pároco, ou por outra, é o território sobre o qual se estende a jurisdição do pároco _ equivalente administrativo a um bairro ou região

⁷⁸ As igrejas são os templos principais das paróquias. As restantes pequenas igrejas locais são denominadas capelas.

Segundo explicação de membros da paróquia a diferenciação do conceito de capela e igreja se estabelece da seguinte forma;

Uma Igreja é uma denominação geral para todos os templos. Aí, territorialmente dizendo, você têm uma paróquia com diversas igrejas. Normalmente temos a matriz (mãe) e as comunidades. No linguajar popular algumas pessoas se referem as comunidades como capelas. Mas resumindo, capelas são igrejas mais privativas e por ser privativa são construídas de forma menor pois a intenção não é atender grande número de fieis (Informação verbal ⁷⁹).

Figura 49: Capela em propriedade privada na Comunidade Santa Rita.



*Fonte: trabalho de campo 2022
Autora e Org. NERY, C.,S.N. (2022)*

⁷⁹ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

Não existe igreja evangélica, a maioria dos evangélicos frequentam a igreja localizada na comunidade vizinha que pertence ao município do Prata. “Eles ficam na deles pra lá, lá nas Três Barras, tem a evangélica de lá e eles vão pra lá.” (Informação verbal ⁸⁰). Não há registros de templos ou terreiros.

A propriedade foi do [...] que doou esse pedaço, ele falece e dividiu o chão deu pra minha tia, que faleceu e o esposo vendeu pra outra tia que manteve esse espaço pra igreja, tem muitos anos, deve ter uns 22 anos e tal, quem mantém aqui é a comunidade. A nossa capela é da Santa Rita mesmo, [...] aqui na região praticamente todo mundo tem internet. Quando queima luz ou estraga a tomada o dono do chão que arruma por conta própria e a energia o dono do chão que paga mesmo. Agora pra pintar a gente faz mutirão (Informação verbal ⁸¹).

A igreja de Santa Rita de Cássia (figura 50) foi construída pela própria comunidade há cerca de 25 anos, em um terreno doado pelo dono da fazenda em que ela está localizada. Após o falecimento do dono, uma das mulheres da comunidade recebeu essa parte da terra como herança, entretanto, ela não modificou o espaço e deixou que ali permanecesse a igreja exatamente como ela é.

⁸⁰ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

⁸¹ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

Figura 50: Igreja de Santa Rita de Cássia.



*Fonte: trabalho de campo 2022
Autora e Org. NERY, C..S.N. (2022)*

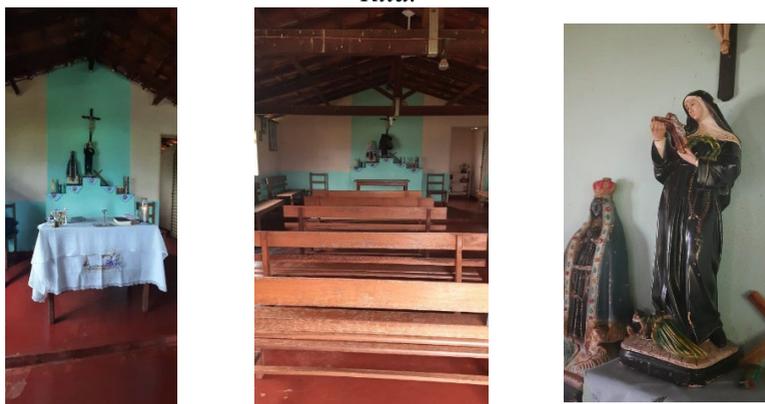
Além disso, a dona da propriedade também arca com os custos de energia elétrica, cerca e manutenção do terreno. Isso demonstra como a religiosidade é importante para as pessoas que ali vivem, que construíram e que mantêm aquele lugar com muito esforço e cuidado. "A religião funciona como forma de estruturação da pessoa e tem o papel de sustentar grupos e classes. As pessoas buscam-na, para justificar o que ocorre em suas vidas, como as angústias e as alegrias". (SOUZA, 2016, p. 163).

A manutenção da igreja Santa Rita ocorre de forma voluntária "minha tia e mãe vem voluntária fazer a limpeza, material de limpeza é por conta da comunidade" (Informação verbal ⁸²). As pessoas se unem para limpar e organizar a igreja, efetuar reparos, limpar o ambiente, entre outras manutenções

⁸² Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

necessárias (figura 51). O dinheiro que é arrecadado para essas manutenções também é doado pelos moradores da comunidade que frequentam o espaço e, segundo os religiosos, o dinheiro do dízimo⁸³ não pode ser usado para esse fim.

Figura 51: Mosaico de fotos da estrutura interna da Igreja Santa Rita.



*Fonte: trabalho de campo 2022
Autora e Org. NERY, C.,S.N. (2022)*

⁸³ A palavra dízimo significa “a décima parte”. O dízimo é uma doação, ou oferta, de um décimo de sua renda para o serviço da igreja, manutenção do espaço e outras necessidades.

Muitos frequentadores que ajudam de forma assídua a igreja reclamam que faltam muitas coisas para complementação dessa estrutura, mas, como a igreja faz parte da Paróquia São Sebastião (Figura 52).

Figura 52: Paróquia São Sebastião- Ituiutaba MG.



*Fonte: Trabalho de Campo 2022
Autora e Org. NERY, C.,S.N. (2022)*

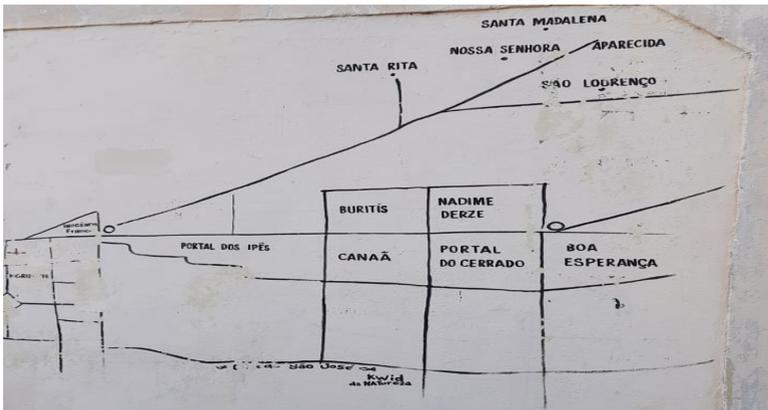
A renda dos moradores é insuficiente para pagar o dízimo (o qual é direcionado para paróquia) e arcar também com os custos de manutenção da Igreja Santa Rita.

Porque igual, as pessoas reclama que o dízimo não vem pra cá, a gente não tem ventilador e é muito quente, mas aí o padre fala que a despesa de lá da paróquia da cidade é muito grande então tem que passar o dízimo pra lá, e a gente tentou fazer uma vaquinha pra comprar as coisas pra cá mas é muito caro, mas ninguém questiona o padre, só entre a gente mesmo, eu não resolvo, eu falo que se tiver

problema tem que sentar e conversar lá na São Sebastião ” (Informação verbal ⁸⁴).

A paróquia São Sebastião, a qual é responsável por comandar a Igreja Santa Rita localiza-se no bairro Portal dos Ipês e comanda várias igrejas localizadas no espaço rural. A territorialização do domínio das paróquias ocorre conforme a região em que elas estão localizadas e não parte da escolha dos fiéis. A Paróquia São Sebastião comanda atualmente as igrejas; Santa Rita, Santa Madalena, Nossa Senhora Aparecida e São Lourenço, todas na zona rural. (Figura 53).

Figura 53: Pintura de um croqui localizado na parede da Paróquia São Sebastião –Ituiutaba MG



*Fonte: Trabalho de Campo 2022
Autora e Org. NERY, C.,S.N. (2022)*

⁸⁴ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

As missas na igreja ocorrem sempre no segundo domingo de cada mês por volta das 14 horas da tarde. Antes da pandemia ocorriam duas missas por mês, uma na igreja e uma na casa de alguém que se oferecia para receber as pessoas e preparava, inclusive, uma refeição comunitária. “A gente tinha missa nas casa uma vez por mês e o padre que fazia, a das casas o dono da casa que busca por conta dele, mas depois da pandemia não faz mais, porque tem casa apertada, mas está querendo voltar”(Informação verbal ⁸⁵).

A missa é celebrada pelo Padre que vem da paróquia São Sebastião de carro, sempre acompanhado de mais duas ou três pessoas que fazem parte da equipe da paróquia. “Para o padre vir a gente fala, o padre vem tem que pagar o combustível, cada um traz um tantinho e a gente passa pro padre, antigamente alguém da fazenda ia buscava e levava, agora a gente só paga a gasolina e ficou mais fácil”. (Informação verbal ⁸⁶). Como relatado, para que o padre possa ir à comunidade celebrar a missa é necessário que os moradores que frequentam a igreja doem um valor para arcar com os custos de transporte. Não existe um valor estipulado por pessoa, cada um que vai à missa já separa o valor que pode dar e, em um ato solidário, eles conseguem juntar o valor total e repassar à equipe paroquial.

Anteriormente, a Paróquia São Sebastião não era paróquia e sim uma igreja que era submissa à paróquia São Francisco. Logo, nessa época, quem comandava as missas na igreja Santa Rita era o padre e a equipe da Paróquia São Francisco. “ a gente fazia parte da São Francisco e eles lá define,

⁸⁵ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

⁸⁶ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

como a São Sebastião cresceu muito a área, aí eles mandaram a gente pra São Sebastião porque é mais perto da Santa Rita.” (Informação verbal ⁸⁷). Quando a Igreja Santa Rita respondia à paróquia São Francisco, eles fizeram muitos eventos, festividades, venderam veículo próprio e também passaram a guardar dinheiro arrecadado do próprio trabalho a fim de comprar um carro para que a então a atual paróquia pudesse ir à comunidade celebrar a missa.

Na época da São Francisco eles não tinha carro, a gente vendeu carro pra comprar o carro da igreja São Francisco, e na época o povo achou ruim porque mudaram a gente de paróquia e a paróquia São Sebastião veio sem carro, e o pessoal questionou isso e agora a gente tá lutando pra compra de novo. Só que a questão da gasolina a gente vai continuar ajudando (Informação verbal ⁸⁸).

Com a mudança de paróquia, todo o esforço que a comunidade Santa Rita teve para, de forma coletiva, comprar o carro para a São Francisco foi em vão. O Padre que passou a celebrar a missa também não tinha veículo da igreja para ir à região e isso causou grande decepção e revolta nos fiéis.

Aí já em Ituiutaba já. É a igreja São Sebastião que comanda a Santa Rita, ali na 25, ela que comanda aqui. A gente prenda pra ajudar lá, mas não tem ajuda aqui não, só lá. Aqui a gente que junta pra pintar a igreja, injunta pra mão de obra, pra pagar o combustível para ele vim, cada

⁸⁷ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

⁸⁸ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

família paga o petróleo, o dízimo é pra São Sebastião. O da roça que se ferre. (Informação verbal ⁸⁹).

Esse acontecimento configura uma exploração da solidariedade que ocorre em prol da sociabilidade e da religiosidade da comunidade.

o dizimo vai tudo pra lá, mas o dizimo vai, então os livrinho a gente não devia comprar, mas a gente tem que comprar tudo os livrinho de novena, da liturgia, a gente se quiser tem que comprar, os panfletinhos nem vem mais, eles não faz mais o jornalzinho, aí o pessoal reclamou bastante do jornalzinho porque é bom a gente acompanhar, mas eles falou que se quiser faz, mas a gente ia ter que pagar mais coisa, eles falam que o dizimo é de acordo com que a pessoa pode e a situação tá meia difícil pra todo mundo, e cada vez vem menas gente” (Informação verbal ⁹⁰).

Apesar das dificuldades, da falta de estrutura adequada da Igreja, da ausência de dízimo direcionado à mesma e da pandemia, que afastou muitas pessoas das relações de sociabilidade, as missas continuam ocorrendo e transformam aquele terreno com a pequena igreja, num lugar dotado de fé, significado e importância para a comunidade (Figura 54 e 55).

⁸⁹ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

⁹⁰ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

Figuras 54 e 55: Missa na Igreja Santa Rita.



*Fonte: Trabalho de Campo 2022
Autora e Org. NERY, C.,S.N. (2022)*

Após a missa, é possível presenciar mais uma importante relação de união e solidariedade: o lanche coletivo, o mesmo é servido para quem for à missa naquele dia, independentemente de ter levado algo ou não, é uma tradição (figuras 56 e 57). A comida tem muita relevância para as pessoas que vivem no campo, oferecer comida, cozinhar para o próximo, compartilhar o alimento faz parte da sociabilidade comunitária e solidária que compõe o espaço rural. “na missa a gente traz o lanche, cada

família que vem traz o lanche todo mundo junto” (Informação verbal ⁹¹).

Figuras 56 e 57: Lanche comunitário após a missa de sábado na comunidade Santa Rita.



*Fonte: Trabalho de Campo 2022
Autora e Org. NERY, C.,S.N. (2022)*

Na capelinha de Santa Rita (figura 58 e 59) não ocorrem missas, ela configura apenas um suporte para que as pessoas possam pagar suas promessas, rezar, ou se encontrarem para observar a paisagem magnífica do “alto da capelinha”. Devido a capelinha localizar-se no divisor de águas da Bacia Hidrográfica do Córrego Santa Rita, na região mais alta, o único modo de acessá-la é caminhando. O caminho é cansativo, mas não é muito longo, o solo é arenoso e pedregoso, com grande quantidade de cascalho, o que dificulta a caminhada. Por esse motivo, há relatos de que muitas pessoas, a fim de “pagar uma promessa” caminham

⁹¹ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

por essa subida a pé carregando uma cruz, uma imagem, ou até mesmo de joelhos como forma de penitência.

Figuras 58 e 59: Capelinha de Santa Rita.



*Fonte: Trabalho de Campo 2022
Autora e Org. NERY, C.,S.N. (2022)*

Além das missas e visitas à capela, existem muitos outros momentos que configuram como compromissos em que as pessoas da comunidade se organizam nas mais diversas instancias religiosas: pela lógica do catolicismo e da religiosidade popular. O calendário é dotado de diversos encontros organizados por dirigentes do próprio lugar, que com o conhecimento, dedicação e fé que possuem, dedicam-se a movimentar e unir o lugar por meio dos compromissos religiosos. Esse calendário foi verdadeiramente prejudicado pela pandemia, mas, outrossim, a vontade de retornar com todos os encontros permanece viva na comunidade, traremos, a seguir, a discussão acerca de algumas importantes datas e comemorações religiosas que ocorrem na comunidade:

O Terço de Santa Rita de Cássia

O terço⁹² de Santa Rita nunca deixou de acontecer, mesmo com a pandemia as pessoas continuaram se encontrando, seja em menor número, ou em locais mais abertos, existe uma tradição de que eles nunca podem parar de rezar para Santa Rita de Cássia.

Aqui tem o terço de Santa Rita que a gente faz, a gente passa nas casas. É uma flor de plástico artificial que passa de mão em mão quando a pessoa reza, não rezamos com o rosário e sim com a flor, a gente determina a quantidade e reza a florzinha e não as bolinhas do rosário, onde ficar a florzinha a santa vai” (Informação verbal ⁹³).

O terço ocorre de 15 em 15 dias, nas quintas-feiras na casa de alguém que tenha participado da reza na data que antecede. É nesse momento que, de forma aleatória, é decidido em que propriedade acontecerá o próximo encontro. Eles levam a imagem de Santa Rita e uma flor de plástico artificial, durante a reza eles passam a flor de mãos em mãos, a cada prece finalizada, a pessoa que está rezando estará com a flor nas mãos. Na última reza da noite, a última pessoa que permanecer com a flor nas mãos, levará a imagem de Santa Rita para a propriedade, onde ocorrerá o próximo encontro. A pessoa “escolhida pela flor”

⁹² O Santo Rosário ou terço é uma prática religiosa de devoção muito difundida entre os católicos romanos, que o rezam tanto pública quanto individualmente. Consiste na recitação seriada de orações com o auxílio de uma corrente com contas ou nós, que no caso da comunidade estudada é substituído por uma flor de plástico.

⁹³ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

deverá também se responsabilizar pelo lanche coletivo que deverá ser servido para todos que comparecem no encontro.

[...] é terço de Santa Rita também, que acontece nas casas, de 15 em 15 dias na quinta feira, vai nas casas e todo mundo reza, onde parar a florzinha, na última ave maria é na casa daquela pessoa e a florzinha vai rodando. 20 pessoas que participam, umas 5 a 6 famílias. Não para, é direto. E o dono da casa tem a responsabilidade de fazer o lanche comunitário para todos que vão rezar. Reza pra Santa Rita principalmente, chama terço de Santa Rita. (Informação verbal ⁹⁴).

A tradição das rezas reforça o sentido da sociabilidade, da compaixão, da fé e do afeto, é nesses momentos que os moradores fazem as suas preces em prol dos amigos e familiares. Esses encontros traduzem a territorialização da fé por meio da sociabilidade religiosa.

A festa do dia de Santa Rita

O dia de Santa Rita no Brasil é comemorado no dia 22 de maio, data em que, segundo membros da igreja católica, a padroeira das causas impossíveis faleceu. Em virtude da grande devoção que as pessoas da comunidade têm por essa santa, nessa data em especial, existe um ritual que as mesmas fazem em prol de externar a sua fé. O ritual, a cada ano, consiste em preparar e oferecer um almoço coletivo, em que as pessoas levam alimentos para a igreja para serem consumidos de forma comunitária. “A gente comemora mais a Santa Rita, que a gente faz um almoço

⁹⁴ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

cada um traz um pratinho a gente almoça.” (Informação verbal ⁹⁵). Após o almoço, acontece uma procissão.

A gente faz a procissão lá na ponte do rio Santa Rita (figura 60) e vem, a gente pega a imagem desce todo mundo pra lá e vem rezando a pé, cantando em louvor a Santa Rita, a ponte do córrego é o ponto fixo do encontro da procissão. A comunidade é bastante devota a Santa Rita de Cássia (Informação verbal ⁹⁶).

Figuras 60: Ponte do Rio Santa Rita, local de encontro da procissão.



*Fonte: Trabalho de Campo 2022
Autora e Org. NERY, C.,S.N. (2022)*

⁹⁵ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

⁹⁶ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

A procissão, conforme relatos, inicia-se na ponte do Córrego Santa Rita, os moradores, carregando a imagem da santa, encontram-se nesse ponto e percorrem, a pé, o caminho do rio até a igreja, durante o trajeto eles rezam e cantam em louvor a padroeira.

As novenas de Natal

Para os praticantes do catolicismo, é comum que, durante as 4 semanas que antecedem o natal, eles se preparem para a comemoração do dia em que ocorreu o nascimento de Jesus por meio de encontros de rezas. Esses encontros duram 9 dias e ocorrem na Igreja de Santa Rita, sempre durante a noite.

A gente no natal geralmente faz as novenas, tem os livrinhos de natal aí a gente geralmente pega lá na capela, na paróquia São José e faz os 9 dias, a gente vem aqui na igreja a noite só a comunidade, vem cá e reza a novena todo dia, até dar os 9 dias. (Informação verbal ⁹⁷).

Entretanto, na noite do dia 24, os membros das famílias que moram na mesma comunidade se reúnem em uma única propriedade para comemorar a data de natal, muitas vezes com a presença de familiares e amigos que moram na cidade e que, em decorrência da festividade e do feriado, vão passar esse momento da zona rural.

⁹⁷ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

O Domingo de Ramos

O Domingo de Ramos é também uma data comemorada pelos integrantes da igreja católica. Essa data configura-se em uma festa móvel, em que é celebrada com uma procissão, que ocorre no domingo que antecede o domingo de páscoa, em que, segundo as escrituras bíblicas, é quando Jesus retorna à Jerusalém. Ao retornar, ele é recebido com ramos de palmeiras como forma de devoção.

A gente gosta de comemorar o domingo de ramos que é o da quaresma, a gente geralmente faz a via sacra né, pega as e o padre vem pra celebrar o domingo de ramos, então celebra domingo de ramos e páscoa junto. A gente leva os ramos. Não teve esses anos por causa da pandemia (Informação verbal ⁹⁸).

Os preceitos do período da quaresma também são muito respeitados por grande parte dos moradores da comunidade, até aqueles que não se consideram cristãos, abrem mão de fazer algo que gostam como forma de penitência. Pode ser carne, jogos, bebida alcóolica, entre outras coisas. Para eles é sinal de respeito e momento refletir sobre os erros que cometem.

⁹⁸ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

A fogueira de São João

A fogueira de São João, ou festa junina, é uma importante celebração que ocorre no mês de junho em devoção a São João Batista. Um dos símbolos dessa comemoração é a fogueira de São João. Essa prática da fogueira foi associada a outras práticas populares no Brasil. Uma dessas é o batismo na fogueira, que, segundo a fé do catolicismo popular, ao ser batizada na fogueira, essa criança ou adulto, passa a criar vínculos de apadrinhamento e cria uma proximidade com Deus. Existem outras inúmeras superstições ligadas ao rito da fogueira, como adivinhações, simpatias para casamento entre outras.

O São João é junho, a gente faz a fogueira aqui e faz o batismo aqui, quando tem criança pra batizar, levanta a bandeira, a gente faz a fogueira, o padre celebra a missa e a gente faz o batizado, batiza quem quiser, criança, adulto, só em junho, a gente levanta Santo Antônio, São Pedro e São João numa fogueira só levanta as 3 bandeiras. Aí tem 2 anos que a gente não levanta devido a pandemia agora que a gente tá começando a volta (Informação verbal ⁹⁹).

Como eles fazem rituais religiosos típicos do catolicismo e do catolicismo popular, as festas juninas da comunidade não podem ocorrer na sede da mesma, logo, elas ocorrem no espaço gramado que existe ao lado da igreja, ou em algum espaço cedido por algum proprietário, normalmente reaproveitado da Folia de Reis. Durante as festas juninas as comidas típicas como canjica, curau, milho cozido, cocadas, caldos, entre outras, são preparadas e comercializadas na

⁹⁹ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

comunidade. Segundo Souza (2016). As especificidades das festas, das rezas, dos mutirões, tanto para a produção, quanto para preparar alimentos, são estratégias e vitalidades que se mantêm no lugar para continuarem existindo, assim como os rearranjos produtivos.

A Folia de Reis

A festa popular religiosa denominada Folia de Reis é uma das mais importantes tradições e relações de sociabilidades e solidariedade existente na comunidade Santa Rita. Ela constitui uma resistência dos moradores em defesa da sua cultura, dos seus costumes e da sua fé. Segundo alguns autores como Pergo (2007) a Folia de reis é uma festividade de caráter profano com motivação religiosa. Essas festividades apresentam o sentido de diversão, visando entreter os visitantes, e mantê-los na festa para comer, se divertir e celebrar. A festividade tradicional de muitas comunidades rurais brasileiras originou-se por meio de uma sincretização de manifestações culturais de vários povos. Durante a folia existe o culto aos Três Reis Magos, os quais simbolizam os desejos e promessas, as necessidades, pedidos e clamores que aqueles moradores do campo possuem.

Na comunidade Santa Rita a festividade é muito grande, e a preparação da mesma dura muitos dias desde a cantoria denominada “folia”, em que um grupo de pessoas passa nas propriedades cantando e pedindo doações “prendas”, até o dia da festa e o final da celebração que termina com a escolha do próximo festeiro. Segundo Pergo (2007), durante a cantoria os foliões se alternam em cantar versos enfatizando as promessas feitas e confirmando a eficácia do devoto no cumprimento de seu

voto. A música é repetida infinitas vezes durante os dias da jornada.

Os Santos Reis tem a festa de Santos Reis, a gente não comemora na igreja não, aí a gente vai comemorar na fazenda onde é a festa, cada ano um pega. A folia anda andam a Santa Rita, Três Barras e São Lourenço para arrecadas as prendas de doação. O dono da casa e da festa fica com a responsabilidade de fazer os barracão, que fica por conta dele que vai ser o benefício pra ele porque vai ser na casa dele. A folia passa nas fazendas pedindo as coisas, acontece no sábado mais aproximado do dia 6, o que tiver ali na hora eles pegam o festeiro no dia da festa “cata no laço” passa 9 dias recolhendo prenda que custeiam a festa, principalmente bezerros e porcos (Informação verbal ¹⁰⁰).

A cantoria da folia pede doações não apenas na comunidade Santa Rita, mas também nas comunidades vizinhas como a Três Barras e a São Lourenço. A cantoria é composta por amigos, parentes, vizinhos, que vestem roupas típicas da festividade e dançam e cantam chamando a atenção das pessoas enquanto fazem seus pedidos e orações.

Vale lembrar que, os cânticos da “Folia de Reis” referem-se de modo geral, ao nascimento do Menino Jesus e a visita dos Reis Magos. Entretanto, suas letras variam somente nos ritos, os quais podem ser: de chegada a uma casa (consulta ao dono, entrega da bandeira ao mesmo e entronização da bandeira); de louvação (pedindo licença para entrar, louvação aos moradores, pedido de esmolas e agradecimento); o encontro de folias (raras vezes acontece, porém quando ocorrem, 4 estas obedecem a um

¹⁰⁰ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

minucioso cerimonial, composto de saudação, do beijo das bandeiras e da esmola); o encontro com um pobre ou na visita a uma família pobre (em vez de receber o donativo e agradecer, a folia oferece uma esmola e se despede); festa de encerramento – baile e entrega da Bandeira (PERGO, 2007, p.3).

Existem também as bandeiras que são carregadas pelo bandeireiro escolhidos pela comunidade.

Sua função é carregar respeitosamente a bandeira do grupo, a qual é apresentada ao chefe da residência onde a folia chega e na qual recebem os donativos oferecidos pelas famílias. É preciso, contudo, reportar-se à função da “bandeira” (Pergo, 2007, p. 3.).

Essa bandeira marca, como ato simbólico, a casa do festeiro, propriedade em que vai ocorrer a festividade que se aproxima. Ao final da Folia, a bandeira é colocada na propriedade, decorada com fitas e também é montado um altar. Nos dois últimos anos não houve a festa de Folia de Reis na comunidade, entretanto o espaço que foi organizado pelo último festeiro para a última festa de Folia que ocorreu antes da pandemia, ainda se encontra estruturado devido às reformas realizadas para a última festividade (figura 61). Como as reformas ficam na propriedade do festeiro mestre (dono da festa) o mesmo deve arcar com os custos de organização do local.

Figura 61: propriedade em que ocorreu a Festa de Folia de Reis na comunidade Santa Rita.



*Fonte: Trabalho de Campo 2022.
Autora e Org. NERY, C.,S.N. (2022).*

O festeiro mestre, ou dono da próxima festa é escolhido de forma aleatória pelo festeiro mestre que o antecede, ainda durante a festividade ao passar a coroa de forma simbólica para alguém da sua escolha.

O que dá pra comer come, o que não dá passa pros foliões e eles vendem. E só a bebida que é vendida, a comida que é de graça, vem lotação de ônibus de várias cidades, Prata, Ituiutaba, Monte Alegre. Durante a festa as vezes algum quis ser festeiro e não passaram a coroa pra ele, uma vez pegaram um rapaz e pra não brigar passaram pra outro. Se correr não pode pegar, as pessoas junta e leva carregado pro palco e passa a coroa. Depois que pôs na cabeça acabou (Informação verbal ¹⁰¹).

¹⁰¹ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

Segundo Souza (2016), o que é fundamental em toda organização da festa é o compromisso e a reciprocidade dos que se dispõem a ajudar. O festeiro assume já sabendo que haverá pessoas dispostas com o trabalho. Tudo isso é vital para quem vive no lugar, precisando do outro e da reciprocidade do outro.

Um dos maiores símbolos dessa festividade é, sem dúvidas, a fartura. Como muitas das doações arrecadas durante a folia são animais, vegetais, legumes e raízes, esses vão servir como alimento que é distribuído na festa. Esse alimento é preparado pelas cozinheiras contratadas e pagas pelos festeiros. A alimentação é gratuita para todas as pessoas que comparecem à festa (somente a bebida é vendida). Na comunidade Santa Rita, eles valorizam tanto esse momento, que no dia da festa, os moradores do local tentam trabalhar o mínimo possível, sendo assim, eles contratam cozinheiras, sanfoneiros e organizadores, para que as famílias moradoras do local possam curtir a festividade.

Segundo relatos dos moradores, a festa reúne uma média de 400 pessoas por ano, que vêm de vários municípios da região além da cidade de Ituiutaba. Durante a festa ocorre o ritual religioso, o ritual de passagem da coroa, as danças com muito forró e sertanejo e a alimentação da população.

A folia é um resumo de como a religiosidade, fé, solidariedade, lazer, trabalho, relações familiares e relações campo-cidade se unem em um só evento, que reflete um dos maiores patrimônios imateriais encontrados nos espaços rurais brasileiros, mineiros e, em um recorte mais preciso, na comunidade rural do córrego Santa Rita.

O orgulho e saudade demonstrado, durante entrevistas em que os moradores relataram a Folia de Reis, é possível perceber que essa festividade expressa a motivação que o homem do campo tem, muitas vezes, para permanecer e produzir na terra. Os sentidos das relações imateriais ligam-se e conectam-se às relações materiais transformando o espaço em lugar. Propiciando sentimentos e vivências, estabelecendo elos que ficarão guardados e registrados na memória de cada pessoa que teve a oportunidade de experienciar essa tradição. Para Prado (2007), ante o exposto, vale ressaltar que a identificação dos bens culturais imateriais deve dar-se em consonância com a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira, de modo que, as práticas sociais sejam mantidas pelas comunidades que mantêm os referenciais culturais.

No próximo tópico, trataremos uma discussão de um aspecto relevante para a comunidade do Córrego Santa Rita, a relação de consumo e a relação Cidade- campo, visto que também são consideradas relações de sociabilidade.

Sociabilidade do consumo e a relação campo-cidade na comunidade do Córrego Santa Rita

O município de Ituiutaba começou a se formar durante as décadas de 1960-1970, período em que o Brasil apresentou uma estagnação da produção agrícola voltada para o mercado interno, causando a escassez de alimentos para a população urbana crescente e comprometendo o setor industrial, que ainda estava em processo de desenvolvimento.

Em consequência dessas transformações os pequenos produtores que se dedicam à agricultura familiar e de subsistência, tiveram mudanças significativas no seu modo de vida, perdendo muitas vezes os hábitos rotineiros que possuíam e migrando para as cidades. Esses processos de mudanças sempre ocorrem acompanhados de um grande fluxo de migração de trabalhadores, que buscavam trabalho conforme a economia mudava.

Na comunidade do Córrego Santa Rita não foi diferente, houve intenso êxodo rural principalmente das pessoas mais jovens que migraram para as cidades em busca de estudo (PORTUGUEZ, 2020). O principal destino é a Cidade de Ituiutaba, em que existem escolas e Universidades. O município de Prata também é muito procurado uma vez que é uma sede urbana de localização mais próxima. Existe também uma preocupação muito grande por parte dos moradores da comunidade de que o agronegócio acabe por dominar a agricultura familiar e que os mais jovens fiquem sem perspectiva de renda para o futuro (NERY, PORTUGUEZ, 2021).

Até que ponto o meio rural pode ser um espaço propício na construção da cidadania e de condições de vida capazes de promover a integração econômica e a emancipação social das populações que aí vivem? A resposta a esta questão supõe, antes de tudo, que se abandone a idéia conservadora de que é necessário “fixar o homem ao campo”. O êxodo predominantemente jovem mostra, ao contrário, que o campo se abre cada vez mais para o contato com as cidades. Resta saber se esta abertura dará lugar a laços construtivos e interativos ou se levará à desagregação do tecido social existente hoje no meio rural (CAMARANO; ABRAMOVAY, 1999, p. 15).

O movimento do êxodo rural acaba prejudicando os moradores que precisam da mão de obra familiar para produzir e quebra importantes vínculos de convivência e de relações sociais típicas do campo.

A maioria das famílias que permanecem vivendo na comunidade precisam ir à cidade para comprar produtos com frequência. A maior parte vai com frequência semanal, tanto para comprar produtos, como para vender a produção. O que gera as relações de sociabilidade do consumo, que começa com o auxílio dos moradores da comunidade que fornecem carona e transportam mercadoria de outros produtores (PORTUGUEZ, 2020).

Muitos produtores se unem para levar a mercadoria de forma comunitária às feiras, sacolões e mercados em que os produtos são vendidos para as pessoas que moram nas cidades. Os principais produtos são leite, requeijão, ovos, queijo e doces. Esses moradores aproveitam as idas à cidade para consumir, eles compram tudo aquilo que não produzem no campo, como produtos de limpeza, roupas e até alimentos mais baratos (NERY, PORTUGUEZ, 2021). Em contrapartida, os vendedores da cidade também vão à comunidade rural a procura de mercado consumidor: “Os ambulantes sempre vêm, produto pra gado, sal, sempre aparece, vendedor de colchão, panela, roupa. ” (Informação verbal ¹⁰²).

Outro motivo importante pelo qual os moradores procuram a cidade é a busca por serviços de saúde, como hospitais, posto de saúde e farmácia. A falta de infraestrutura em questão de saúde faz muita falta. Os chás e remédios caseiros

¹⁰² Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

comumente compartilhados, cujo conhecimento passa de geração em geração, é utilizado para o alívio das mais diversas doenças e dores, e que, às vezes, chegam até a cidade pelas mãos dos familiares que não vivem mais no campo.

Para Souza (2016), a utilização de ervas medicinais é uma prática de tempos em que os medicamentos químicos eram mais inacessíveis para as populações rurais, pois essas sempre estiveram longe das farmácias e dos hospitais, todavia, essa tradição de produzir para o outro um chá, um xarope, um banho, um remédio, ou ensinar ao outro como se prepara é um hábito cultural que perpassa entre gerações. São como uma herança dos saberes e refletem o conhecimento dos moradores do espaço rural sobre as suas territorialidades naturais, além de existir uma preocupação com a situação do próximo.

Se adoecer vai, mas a maioria toma boldo e erva santa maria, ou vai na benzedeira, mas ela mora em outra região. Mas a gente toma muito xarope, aqui faz pros outros, um ensina pro outro, dá a muda pra plantar, ou o bolso pra ressaca (Informação verbal ¹⁰³).

O fato da comunidade não possuir nenhum médico ou posto de saúde ou serviços odontológicos, faz com que os moradores precisem ir à cidade com maior frequência para utilizar esses serviços, ou, quando não gostam de ir à cidade, acabam por negligenciar importantes cuidados com a saúde devido à distância. “Aqui deveria ver médico e dentista, o povo precisa ficar indo demais na cidade, tem que ter médico, essas coisas.” (Informação verbal ¹⁰⁴). Essa necessidade constante de

¹⁰³ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

¹⁰⁴ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

contato com a cidade acaba por fazer uma “quebra” com as relações de sociabilidade que existem no campo.

Segundo Bauman (2001), nas sociedades contemporâneas os indivíduos estão envolvidos primariamente no papel de consumidor e não no de produtor. A “vida organizada em torno do papel de produtor” tende a ser normativamente regulada; já a “vida organizada em torno do consumo, deve se bastar sem normas. Ela é orientada pela sedução, por desejos sempre crescentes e quererem voláteis não mais por regulações normativas”.

A partir do momento em que os produtos industrializados ou as máquinas substituem os trabalhos ou produtos que eram feitos de forma coletiva no campo, essas relações acabam não se sustentando por completo. Homens e mulheres procuram grupos de que possam fazer parte, com certeza e para sempre, num mundo em que tudo o mais se desloca e muda, em que nada é certo” (Hobsbawm citado por Bauman, 2001, p.196).

Além do constante deslocamento das pessoas da comunidade Santa Rita para às cidades em busca de serviços, o contrário também ocorre. Os moradores da cidade vão até a comunidade rural em busca de lazer aos finais de semana, seja para jogar bola, ir à venda ou praticar ciclismo. Ou, em épocas de festividades, para aproveitar e se divertir na comunidade. Outro momento de que os moradores relataram receber muitas visitas das pessoas da cidade ocorre durante o período eleitoral. “Quando teve o último comício veio todo mundo prestigiar, na última eleição veio quatro candidato a prefeito aqui, nós reunimo quatrocentas pessoas aqui.” (Informação verbal ¹⁰⁵). Entretanto,

¹⁰⁵ Entrevista realizada no ano de 2022, pela autora, na comunidade do Córrego Santa Rita.

esses momentos só voltam a se repetir nas próximas eleições para vereadores e prefeitos. É importante ressaltar que a maioria dos moradores não gostam de ir à cidade devido as inúmeras dificuldades que encontram durante esse processo, mas precisam dela para serviços e como mercado consumidor. Portanto, é importante que o poder público execute projetos que possam, de certa forma, amenizar as dificuldades existentes na relação campo-cidade, entre a comunidade do Córrego Santa Rita e a cidade de Ituiutaba.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui realizada estudou as relações imateriais, de sociabilidade e solidariedade existentes na comunidade Rural do Córrego Santa Rita, localizada no município de Ituiutaba Minas Gerais e buscou compreender a formação desses lugares por meio de uma visão pautada na Geografia Humanística e Cultural. O texto não teve a intenção de discutir as relações materiais do espaço modernizado ou as formas de organização espaciais decorrentes das dinâmicas produtivas do agronegócio ou trabalho familiar, pois já existem muitas pesquisas riquíssimas em torno da produção agropecuária das comunidades do município, mas as relações culturais, de sociabilidade e solidariedade ainda não haviam sido estudadas com profundidade na comunidade Santa Rita.

Ou seja, é preciso que haja novas formas de se estudar esses espaços a medida que eles se modernizam juntamente com o processo de globalização. Partindo do pressuposto de que as relações de sociabilidade são relações de convivência dentro de uma determinada localidade, para cumprir com os objetivos propostos nessa dissertação é importante destacar que os momentos de lazer, que ocorrem no tempo livre, ou seja, no tempo do não-trabalho, são tão importantes de serem analisados quanto as relações de trabalho relativo ao campo

As comunidades rurais possuem um leque de possibilidades de pesquisa que ocorrem concomitantemente aos processos econômicos. A construção desta dissertação voltada para o estudo das relações imateriais se justifica pela necessidade de abordar pautas em tornos dos fenômenos culturais e sociais tais como: religião, festas, lazer, costumes, entre outros, dessa

maneira, o conceito mais abordado nessa dissertação foi o de lugar, seguido pelo de espaço. Concordamos com Yi-Fu Tuan, que o espaço se transforma em lugar a partir das relações de vivência que ali existem, logo, na comunidade Santa Rita foi possível analisar diversos desses lugares, em pequena ou grande escala.

Em relação às formas simbólicas espaciais, ressalta-se que essas possuem elementos importantes para a criação de uma identidade cultural da comunidade, que inclui as crenças, costumes, questões étnicas, entre outras. Esses são símbolos que constituem marcas indenitárias importantes, a criação identitária de uma comunidade não se limita apenas aos contextos de lutas pela reforma agrária ou movimentos políticos, mas entende-se também que a comunidade de se forma por meio do sentimento de união que os moradores de um lugar possuem, independente da motivação. Não apenas isso, essas formas possibilitam uma interpretação de um passado dotado de memórias e historicamente construído.

Contudo, a produção material não pode ser ignorada, fez-se necessário compreender como as famílias residentes no vale do córrego Santa Rita convivem com estes processos produtivos, se explorando-os, ou se resistindo a eles, pois isso afeta diretamente as relações de sociabilidade. Também foram relevantes para essa dissertação, as interferências que tais processos exercem sobre as tradições rurais daquela comunidade que tiveram importantes transformações com os recentes avanços da produção de soja.

É importante salientar que a região em comunidade se encontra, possui muitas paisagens que configuram um importante potencial turístico desses espaços, entretanto, se não for de interesse da comunidade que as atividades turísticas aconteçam, essa vontade deve ser respeitada, ou, se for de interesse do poder público ou privado investir nessa área para esse fim, o ideal é que se estabeleça um constante debate que leve em consideração as vontades e anseios da comunidade que ali reside.

Para além disso, é de caráter urgente que se estabeleçam projetos de preservação ambiental para a região da Bacia Hidrográfica do Córrego Santa Rita, que vem sofrendo com o desmatamento ocasionado pelo avanço do agronegócio, pela falta de informação dos moradores e pela contaminação dos seus cursos d'água por agrotóxicos. Em termos amplos, isto significa que a comunidade, em sua maioria, está de acordo com políticas ambientais que venham a ser estabelecidas e postas em prática, ou que se acrescentem a políticas de estabelecimento de justiça social. Ou, ainda, que venham a propor e colocar em práticas projetos de desenvolvimento regional. De outra parte, subsiste a ideia de que políticas e projetos de proteção ao meio ambiente são questões que enlaçam o Poder Público e as comunidades locais em qualquer uma de suas dimensões.

Elencado a essa urgência estão as relações de trabalho, que, de certa forma, causam danos ambientais de maior ou menor proporção, muitas vezes por não encontrar outras possibilidades de obter sustento no campo. As relações de trabalho no campo também dão sentido à comunidade, uma vez que as pessoas podem realizar atividades laborais individualmente ou coletivamente, no seio do grupo familiar ou como contratado de empresas e proprietários. Dessa maneira, ao trabalhar os sujeitos sociais do espaço rural estabelecem relações diversas, as quais

produzem as relações campo-cidade ao fornecer produtos que são consumidos na cidade e vice-versa.

Como a comunidade se originou de relações familiares, as famílias mereceram um destaque importante na discussão desse texto, é nelas que se estabelecem os afetos ou os conflitos, e que, em uma escala maior, refletem a comunidade. Seja de interesse político ou não, as ações, as famílias desencadeiam um conjunto de outras estratégias para poderem ter acesso a determinados recursos, designadamente a adesão a uma organização política ou da sociedade civil. É possível perceber, que apesar das divergências de opinião entre os membros da comunidade, decorrente principalmente da religiosidade, da falta de infraestrutura na comunidade e das difíceis relações financeiras que se estabelecem, as vontades de manter as relações de sociabilidade naquele espaço permanecem vivas. A ideia de uma comunidade ativa, unida, e com programas solidários que auxiliem os moradores, segue sendo o principal objetivo da maior parte dos membros ativos.

É importante salientar, que, em decorrência da pandemia da Covid 19, que perdura até os dias atuais, não foi possível acompanhar as importantes relações de sociabilidade e solidariedade que existem na comunidade Rural do Córrego Santa Rita de forma satisfatória, visto que, a muitas festividades, eventos de lazer e religiosos deixaram de acontecer em decorrência das políticas de isolamento social contra a transmissão do vírus. Todavia, todos os esforços foram feitos para que a pesquisa abordasse, na medida do possível, todos os aspectos necessários para a conclusão da mesma.

Em relação às entrevistas, apesar da Comunidade Santa Rita se configurar uma comunidade bastante aberta à visitação ser hospitaleira, nem todas as pessoas aceitaram participar da

pesquisa ou abriram as portas de suas propriedades para nos receber. Dessa maneira, não conseguimos alcançar todas as dimensões das relações familiares que seriam possíveis com os trabalhos de campo.

Outro fator que impediu a maior parte das idas ao campo foi justamente a falta de infraestrutura das estradas. No período das chuvas não era possível transitar por elas, e, dessa forma, ter acesso à comunidade, ou à propriedade, diminuindo o tempo disponível para efetuar os trabalhos de campo.

Por fim, essa pesquisa é de grande importância para que possa haver um conjunto de informações do qual se possa elaborar políticas públicas de incentivo à promoção da qualidade de vida em escala local, pois a convivência saudável entre pessoas e famílias podem ser indicadores de bem-estar individual e coletivo. Para além disso, para que se mantenham vivas as relações comunitárias tão importantes daquele lugar. Portanto, é importante que o poder público execute projetos que possam, de certa forma, amenizar as dificuldades existentes na relação campo-cidade, entre a comunidade do Córrego Santa Rita e a cidade de Ituiutaba.

REFERÊNCIAS

ABRÃO, J. A. A. Concepções de Espaço Geográfico e Território. *Sociedade e Território*, v. 22, n. 1, p. 46-64, 10 fev. 2012.

ALVES, M. B. N.; ALVES, C. R. A reafirmação do lugar na geografia contemporânea a partir do conceito de solidariedade geográfica. *Anais do II NEER*. 2010. Disponível em: Acesso em: 2 jul. 2020.

ABRANTES, Pedro. Para uma teoria da socialização. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, v. 21, 2011.

ANJOS F S. *Agricultura familiar, pluriatividade e desenvolvimento rural no sul do Brasil*. Pelotas: EGUFPEL, 2003.

ARAÚJO, C.; SCALON, C. (Org.). *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 205. 304 p.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (2001)

_____. *Comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (2003)

BARRAL, G.L.L *Nos bares da cidade: lazer e sociabilidade em Brasília*. Defesa de Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em sociologia do Departamento de Sociologia do Instituto de Ciências Sociais- UNB. Brasília, 2012.

BOURDIEU, P. *A economia das trocas linguísticas: O que falar quer dizer*. São Paulo: Edusp, 1996.

_____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

_____. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. São Paulo: Papirus, 1997

BITTENCOURT, Geraldo Moreira; LIMA, João Eustáquio. Perfil do desenvolvimento rural dos municípios da mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. *Gestão & Regionalidade*, v. 30, n. 89, p. 4-19, 2014.

BRAGA, R. M. O ESPAÇO GEOGRÁFICO: UM ESFORÇO DE DEFINIÇÃO. *GEOUSP Espaço e Tempo (Online)*, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 65-72, 2007. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2007.74066. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74066>. Acesso em: 21 jun. 2021.

BRANDÃO, C. R. Crença e identidade, campo religioso e mudança cultural. In: SANCHIS, P. (Org.). *Catolicismo: unidade religiosa e pluralismo cultural*. Rio de Janeiro/São Paulo: ISER/Loyola, 1992

_____. *No Rancho Fundo, espaços e tempos no mundo rural*. Ed. EDUFU, Uberlândia-MG, 2009.

BRUMER, A; WEISHEIMER, N. Agricultura e políticas públicas para as mulheres rurais no âmbito do Mercosul. In: Brasil MDA. *Gênero, agricultura familiar e reforma agrária no Mercosul*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006. p. 189-256. (Nead Debates; 9).

BUENO, Laura Machado de Mello; PERA, Caroline Krobath Luz; revendo o uso de dados do IBGE para pesquisa e

planejamento territorial: reflexões quanto à classificação da situação urbana e rural. *Cadernos Metrópole*, v. 18, n. 37, p. 722-742, 2016.

CANDIDO, Antônio. *Os parceiros do rio Bonito*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

CAMARANO, Ana Amélia; ABRAMOVAY, Ricardo. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos 50 anos. 1999.

CARLOS, Ana Fani. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: FFLCH, 2007.

CARMO, Renato Miguel do. A construção sociológica do espaço rural: da oposição à apropriação. *Sociologias*, p. 252-280, 2009.

CARNEIRO, Maria José. Ruralidades: novas identidades em construção. In: Estudos Sociedade e Agricultura, 11, outubro 1998. Disponível em: <

<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/onze/zeze11.htm>>. Acesso em: 28 maio 2021

Claval, P., 1999, A Geografia cultural, Florianópolis, Editora da UFSC; ed. or., La géographie culturelle, Paris, Nathan, 1995.

CORDEIRO ROCHA, D. C., & ALMEIDA FARIA, G. J. (2016). Sociabilidade Rural: A Utilização Da Mini-Fazenda Como Ambiente Educativo Para Vivenciar O Espaço E As Práticas Rurais Sustentáveis. *Raízes E Rumos*, 4(1), 11. Disponível em< de <http://seer.unirio.br/raizeserumos/article/view/5937>> Acesso em Junho. 2021.

CORRÊA, Roberto Lobato. A dimensão cultural do espaço: alguns temas. *Espaço e cultura*, n. 1, p. 1-22, 1995.

___ Formas simbólicas e espaço: algumas considerações. *GEOgraphia*, v. 9, n. 17, 2007.

CRAVIDÃO, Fernanda. Residência secundária e espaço rural. Duas aldeias na Serra da Lousã: Casal Novo e Talasnal. In: SANTOS, Noberto; GAMA, Antônio (Org.). *Lazer da libertação do tempo à conquista das práticas*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2008.

CRUZ, Alter do Carmo Territórios, identidades e lutas sociais na Amazônia. In Frederico Guilherme Bandeira Araújo; Rogério Haesbaert. (Org.). *Identidades e Territórios: questões e Olhares Contemporâneos*. Ed. 1, v. 1. Rio de Janeiro: ACCESS, 2007, p. 93-122

DA SILVA, J. Velhos e novos mitos do rural brasileiro. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.l. 15, n. 43, p. 43-50, 2001.

___ J. O Novo Rural Brasileiro. *Revista Nova economia*, Belo horizonte. n. 7, v. 1, p. 43-81, maio 1997. Disponível em http://www.eco.unicamp.br/nea/rurbano/textos/congrsem/rurban_o7.html Acesso em maio 2021.

DE FREITAS at all. *Psicologia social comunitária: Da autoridade à autonomia* / 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CUARESCHI, Pedrinho A. et al. Relações comunitárias relações de dominação. *Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia*, p. 81-99, 1996.

DE MATTOS, Pedro Lincoln CL. A entrevista não-estruturada como forma de conversação: razões e sugestões para sua análise. *Revista de Administração Pública-RAP*, v. 39, n. 4, p. 823-846, 2005.

D'INCAO, M. C. A refirma agrária na virada do século. Cadernos da Associação Brasileira de Reforma Agrária, Campinas, v. 1, n. 1, p. 18-35, abr. 1993.

DINIZ FILHO, L. L. Fundamentos epistemológicos da geografia. Curitiba: InterSaber, 2012.

DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia Empírica do Lazer*. Tradução de Silva Mazza e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1999.

ELESBÃO, Ivo. O espaço rural brasileiro em transformação. *Finisterra*, v. 42, n. 84, 2007.

EBLING, Sandra Beatriz Diniz; SILVA, Mara Regina Santos da. O consumo de álcool entre mulheres que vivem em contextos rurais. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 73, 2020.

FARIA, Guélmer Júnior; FERREIRA, Maria da Luz; PAULA, Andrea M. Narciso. Partilha dos espaços da vida: A sociabilidade do migrante rural em meio urbano. *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, n. junio, 2018.

FERREIRA, Delson. Manual de Sociologia: dos clássicos a sociedade da informação. São Paulo: Atlas, 2003.

FIGUEIREDO, Elisabete. Quantas mais “aldeias típicas” conseguimos suportar? Algumas reflexões a propósito do turismo como instrumento de desenvolvimento local no meio rural. In: SIMÕES, Orlando; CRISTOVÃO, Artur (Org.). TERN: Turismo em Espaços Rurais e Naturais. Coimbra: Edições IPC/Inovar para Crescer – Instituto Politécnico de Coimbra, 2003.

_____. Ser rural ou parecer rural? Representações rurais e urbanas do ambiente, do desenvolvimento e da ruralidade. In: BAPTISTA, Fernando Oliveira; JACINTO, Rui; MENDES, Teresa (Coord.). Os territórios de baixa densidade em tempos de

mudança. Proença-a-Nova: Edição Câmara Municipal de Proença-a-Nova / Centro de Ciência Viva da Floresta, 2009.

GARCIA, F. M. A luta pela terra sob enfoque de gênero: os lugares da diferença no Pontal do Paranapanema. 2004. 224 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2004.

GIRALDIN, Odair. Cayapó e Panará: luta e sobrevivência de um povo Jê no Brasil Central. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. Geografia e Modernidade. Ed Bertrand, 8 edições, Rio de Janeiro, 2010.

HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 400p.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Cidades@*. 2010. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=313420&search=minas-gerais|ituiutaba>>. Acesso em: 20 de jun. 2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2000. Resultado dos Dados Preliminares do Censo – 2000 e Estimativa 2020. Disponível em < www.ibge.gov.br/cidade> acesso em 10, jan. 2021.

DE JESUS, António Tavares. A SOLIDARIEDADE SOCIAL E ENTREAJUDA COMO ESTRATÉGIAS COMPLEMENTARES DE SOBREVIVÊNCIA DAS FAMÍLIAS NO MEIO RURAL. *I Encontro Internacional de Reflexão e Investigação*, p. 43, 2013.

JUNIOR, Guelmer, et al. (2018): “Partilha dos espaços da vida”: A sociabilidade do migrante rural em meio urbano”, Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales, (junio 2018). Disponível em <https://www.eumed.net/rev/cccss/2018/06/sociabilidademigrante-rural.html> //hdl.handle.net/20.500.11763/cccss1806sociabilidademigrante-rural. > Acesso em junho 2021.

LAMARCHE, H. (Coord.). Agricultura familiar: comparação internacional. Tradução Frédéric Bazin. Campinas: Unicamp, 1998. v. 2, 348 p. (Coleção Repertórios) LUNA, S. V. Planejamento de pesquisa: uma introdução. São Paulo: EDUC, 2005. 108 p. (Série Trilhas).

LEMONS, Carolina Teles; JUNIOR, João Moreira. Morte: um espaço de ressignificação da vida e das relações sociais no meio rural. Estudos de religião, v. 24, n. 39, p. 164-180, 2010.

LINDNER, Michele. A organização do espaço sob o olhar das ruralidades. *Geografia Ensino & Pesquisa*, v. 16, n. 3, p. 19-37, 2012.

LUKAES G. Ontologia do ser social. O Trabalho. 1981, “El Trabajo” e cotejada com o original em alemão DIE ARBEIT - Zur Ontologie des gesellschaftlichen Seins. (Original) Status, tradução; A foice e o martelo.1971.

MÄDER, Bruno Jardini; HOLANDA, Adriano Furtado; COSTA, Ileno Izidio da. Pesquisa qualitativa e fenomenológica em saúde mental: mapeamento como proposta de método descritivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 35, 2019.

MATOS, P. F. de.; PESSÔA, V. L. S. Observação e entrevista: construção de dados para a pesquisa qualitativa em Geografia Agrária. In: RAMIRES, J. C. de L.; PESSÔA, V. L. S. (Org.)

Pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação. Uberlândia: Assis Editora, 2009. p. 279-291.

_____. A territorialização do agronegócio nas áreas de Cerrado. *Geografia Central do Brasil*. Enfoques teóricos e peculiaridade regionais. PORTUGUEZ, Anderson Pereira; MOURA, Geursa Gonçalves, COSTA, Rildo Aparecido. (Org.). Uberlândia, Assis editora, 2011.

MASCARENHAS, Maria Paula. *Sociabilidades em volta da mesa*. VII Congresso Português de Sociologia. Porto, jun. 2012. Disponível em: Acesso em: 10 out. 2020.

MENDES, E. de P. P. A produção rural familiar em Goiás: as comunidades rurais no município de Catalão. 2005. 294 f. Tese (Doutorado em Geografia – Desenvolvimento Regional e Planejamento Ambiental) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2005.

MARQUES, Marta Inez Medeiros et al. O conceito de espaço rural em questão. *Terra livre*, v. 18, n. 19, p. 95-112, 2002.

MENDONÇA, Maria Luisa Rocha Ferreira de. *Modo capitalista de produção e agricultura: a construção do conceito de agronegócio*. 2013. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MONTEIRO, Charles. História, fotografia e cidade: reflexões teórico-metodológicas sobre o campo de pesquisa. *MÉTIS: história e cultura*, v. 5, n. 9, p. 11-23, jan. /jun. 2006

MORMONT, M. Le rural comme catégorie de lecture du social. In: JOLLIVET, M. & EIZNER, N.(Orgs.). *L'Europe et ses campagnes*. Paris: Presses des Sciences Politiques, 1996.

MOREIRA, Roberto José; GAVIRIA, Margarita Rosa. Territorialidades, ruralidades e assimetrias de poder na

Comunidade de Taquari. In: Estudos Sociedade e Agricultura. p. 47-721, abril 2002. Capturado de: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/dezoito/roberto18.htm>>, em 11/06/2021.

MOREIRA, R. Sociabilidade e Espaço. Agrária. São Paulo, Nº 2, pp. 93-108, 2005.

_____. Sociabilidade e Espaço. Agrária. São Paulo, Nº 2, pp. 93-108, 2004.

NETO, G. Francisco. Questão agrária e ecologia. 2a Edição, São Paulo: Brasiliense, 1985.

NEVES, Ednalva Maciel. Alegorias sobre a morte: a solidariedade familiar na decisão do lugar de “bem morrer”. Caderno Pós Ciências Sociais. São Luís/MA, v. 1, n. 2, ago. Dez., 2004.

NERY, Natália Caroline Silva; SANTOS, Joelma Cristina dos. O fim do corte manual da cana-de-açúcar e o "fim" do cortador de cana: a conjuntura dos trabalhadores migrantes na microrregião de Ituiutaba-MG. *PEGADA-A Revista da Geografia do Trabalho*, v. 17, n. 1, 2016.

NERY, Natália Caroline Silva; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. O rural em tempos de pandemia: um olhar lançado ao vale do córrego Santa Rita (Ituiutaba, MG). Turismo e saúde global: pandemia, pandemônio e novos rumos para o setor no Brasil e no mundo. PORTUGUEZ, Anderson Pereira; TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi (Org.). Ituiutaba: Barlavento, 2021, p. 316.

ODIM DEGRANDI, José. Verticalidades e horizontalidades nos usos do território de Santa Maria- Tese de Doutorado RS. 2012.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Turismo de Base Local em Comunidade. Comunidades, Natureza e Cultura no Turismo /

SEABRA, G. (organizador). – João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

____ Espaço e Cultura na Religiosidade Afro-Brasileira. Barlavento, Ituiutaba- MG, 2015.

____ Agroturismo e desenvolvimento regional. São Paulo: Hucitec, 1999.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Agroturismo e desenvolvimento regional. 3 ed. Ituiutaba- MG: Barlavento, 2017.

____ PEIXOTO, J.P. Impactos e Monitoramento Ambiental em empreendimentos turísticos no espaço rural. In: SANTOS, E. O.; SOUZA, M. (Org.). Teoria e Prática no Espaço Rural. Barueri, SP: Manole, p. 137-149, 2010.

Relatório Final de Pesquisa Bacias Hidrográficas de Ituiutaba, Mg: Uso da Terra, Saúde e Meio Ambiente no Espaço Rural. CNPQ. Ituiutaba, MG, p. 1-101. Setembro, 2020.

____ DE SOUZA, Bárbara Luísa Martins Mariano. Usos e Potencialidades da Cachoeira do Córrego da Caçada (Ituiutaba, MG) para o Lazer e o Turismo de Natureza. Geografares, p. 192-223, 2012.

____ Geografia Humana Del Bajo Rio Doce. - Uberlândia: Assis Editora, 2010. 556 p.

PADILHA, Valquíria, *Tempo livre e Capitalismo: um par imperfeito*. São Paulo: Alínea, 2000.

PERGO, Vera Lucia. Os rituais na folia de reis: uma das festas populares brasileiras. *Anais do 1º Encontro do GT Nacional de História das Religiões e Religiosidades-ANPUH, Maringá*, 2007.

RODRIGUES, Adyr AB. *Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

RIOS, Sadraque Oliveira; COSTA, Jean Mario Araújo; MENDES, Vera Lucia Peixoto Santos. A fotografia como técnica e objeto de estudo na pesquisa qualitativa. *Discursos fotográficos*, v. 12, n. 20, p. 98-120, 2016.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1999. [1996] _____. Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. São Paulo: Edusp, 2002. [1978].

_____. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. *Boletim Paulista de geografia*, nº 54, 1979.

SANTOS, Noberto. Lazer, espaço e lugares. In: SANTOS, Noberto; GAMA, Antônio. (Org.). *Lazer da libertação do tempo à conquista das práticas*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2008.

SANTOS, Joelma Cristina dos. A Territorialização da agroindústria canavieira do Triângulo Mineiro e os Re (arranjos) espaciais na microrregião geográfica de Ituiutaba-MG. *Geografia Central do Brasil*. Enfoques teóricos e peculiaridade regionais. PORTUGUEZ, Anderson Pereira; MOURA, Geursa Gonçalves, COSTA, Rildo Aparecido. (Org.). Uberlândia, Assis editora, 2011.

SANTOS, Joelma Cristina dos et al. Dos canaviais à Etanolatria: o (re) ordenamento territorial do capital e do trabalho no setor sucroalcooleiro da microrregião geográfica de Presidente Prudente-SP. 2009.

SANTOS, Joelma Cristina; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. A TERRITORIALIZAÇÃO DAS EMPRESAS DO SETOR SUCROALCOOLEIRO NA MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA DE PRESIDENTE PRUDENTE-SP: as tramas do capital e os impactos no mundo do trabalho. *Revista Campo-Território*, v. 3, n. 5, 2008.

SAWAIA, B.B. "Cidadania, diversidade e comunidade: Uma reflexão psicossocial". In: Spink, M.J. (org.), *A cidadania em construção - Uma reflexão interdisciplinar*, São Paulo, Cortez Ed., 1994

SERTÃO. O universal no regionalismo de Graciliano Ramos, Mário de Andrade e Guimarães Rosa (um ensaio sobre a geograficidade do espaço brasileiro). In *Revista Ciência Geográfica*, ano X, vol. X, no 3 (27). Bauru: AGB- Seção Local 2004

SCHNEIDER, Sérgio. Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade. *Revista brasileira de ciências sociais*, v. 18, p. 99-122, 1999.

SOUZA, Osmar Tomaz de; BRANDENBURG, Alfio. A quem pertence o espaço rural? As mudanças na relação sociedade/natureza e o surgimento da dimensão pública do espaço rural. *Ambiente & Sociedade*, v. 13, p. 51-64, 2010.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. *A Geografia da Solidariedade*. In: *GeoTextos: revista da Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia/Instituto de*

Geociências. V. 2, N. 2. Salvador: Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2006

SOUZA, Edvaldo Aparecido. Patrimônio Imaterial. Relações socioculturais camponesas em Pedra Lisa. Ed do Autor, Uberlândia- MG, 2016.

SOUZA, Alciene Muniz de et al. Tempos vividos, histórias e memórias construídas: as escolas rurais e suas professoras (Ituiutaba-MG, 1970 a 1990). 2021.

SPINELLI, Vamberto; Bauman e a impossibilidade da comunidade. *CAOS–Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, v. 11, p. 1-13, 2006.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Pesquisa de campo em Geografia. *GEOgraphia*, v. 4, n. 7, p. 64-68, 2002.

TONNIES F. . Comunidade, sociedade e sociabilidade: Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v. 39, n. 1, p. 98-104, 2008.

TURNER, Jonathan H. Sociologia: Conceitos e aplicações. Editora Makron Books, Tradução MARQUES, Márcia. São Paulo, 2000.

VEIGA, J. E. da. et al. Brasil rural precisa de uma estratégia de desenvolvimento. Brasília: MDA/Nead, 2002.

VENÂNCIO, M.; PESSÔA, V. L. S. O diário de campo e a construção da pesquisa: registro das emoções dos sujeitos envolvidos e a reconstrução de suas histórias de vida e do lugar. In: In: RAMIRES, J. C. de L.; PESSÔA, V. L. S. (Org.) Pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação. Uberlândia: Assis Editora, 2009, p. 317-336

VILELA, J. M. O Centenário. Fundação cultural de Ituiutaba. Editora Ituiutaba,

Ituiutaba MG, 2001.

WANDERLEY, M. N. Territorialidade e ruralidade no Nordeste: por um pacto social pelo desenvolvimento rural. In: SAB OURIN, E.; TEIXEIRA, O. N. (Org.). Planejamento e desenvolvimento dos territórios rurais: conceitos, controvérsias e experiências. Brasília: Embrapa informação tecnológica, 2002. p. 39-52.

_____. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo. Estudos Sociedade e Agricultura, n. 15, p. 87-145, out.2000.

WEBER, M. Economia e sociedade, México, Fondo de Cultura Econômico, 2 vols., 1964.

TOMITA, Luzia M. Saito. Trabalho de campo como instrumento de ensino em Geografia. *Geografia (Londrina)*, v. 8, n. 1, p. 13-15, 1999.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

_____. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1982.

ZANELLA, Eduardo. Pertencimento e sociabilidade no consumo de bebidas alcoólicas em um bar popular de Porto Alegre. Comissão Editorial. PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.18.1, pp.155-173, 2011

SOBRE A AUTORA E O AUTOR



NATÁLIA CAROLINE SILVA NERY

Graduada em Geografia pelo ICHPO/UFU e Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia do Pontal – Universidade Federal de Uberlândia. Professora da Rede Estadual de Ensino do Estado de Minas Gerais.



ANDERSON PEREIRA PORTUGUEZ

Doutor em “Geografia e Desenvolvimento: Território, Sociedade e Turismo” pela Universidad Complutense de Madrid. Pós Doutor em Geografia Cultural pela Universidade de Brasília. Professor do curso de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Pontal – Universidade Federal de Uberlândia.

